

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ALISON CORDEIRO SOUSA

Relação triangular entre Estados Unidos, China e Taiwan no
governo do Xi Jinping: Um estudo sobre as tensões dos países sob
perspectiva da política externa em segurança, economia internacional
e econométrica espacial

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Relação triangular entre Estados Unidos, China e Taiwan no
governo do Xi Jinping: Um estudo sobre as tensões dos países sob
perspectiva da política externa em segurança, economia internacional
e econométrica espacial

Iniciação Científica apresentada ao Instituto de Relações
Internacionais da Universidade de São Paulo.

Candidato: Alison Cordeiro Sousa

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Ratsuo Uehara (USP)

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

DEDICATÓRIA

Para meus amados pais e minha família

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Instituto de Relações Internacionais (IRI-USP) e a todos os seus membros por esta oportunidade, debates e apoio contínuo para o desenvolvimento deste projeto de iniciação científica. Especialmente, ao Doutor Alexandre Ratsuo Uehara, que com sua didática e apoio, foi possível a realização da iniciação para uma maior contribuição acadêmica brasileira sobre a China e Taiwan. Claro que não poderia deixar de prestigiar os professores da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli – USP) e da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Especialmente, PhD. Guilherme Frederico Bernardo Lenz e Silva, PhD. Marcelo Rocha e Silva Zorovich, Dr. Alexandre Ratsuo Uehara, Dr. Han Na Kim, Dr. Abrão Miguel Árabe Neto, Dr. Diego Bonaldo Coelho, Dr. Raphael Almeida Videira, Dr. Fabio Pereira de Andrade e Dr. Gunther Rudzit. Professores que também pude desfrutar de seus conhecimentos, ao longo do período acadêmico, para a realização do projeto de iniciação científica. E não poderia deixar de mencionar, aos profissionais e diplomatas do Ministério das Relações Exteriores, onde aprendi mais sobre economia e política internacional, tendo contato com as embaixadas estrangeiras. Por fim, a minha mãe, Maria Gorete Ferreira de Sousa, e meu pai, José Wilton Cordeiro da Silva, que são parte fundamentais da minha vida.

RESUMO

SOUSA, Alison Cordeiro. Relação triangular entre Estados Unidos, China e Taiwan no governo do Xi Jinping: Um estudo sobre as tensões dos países sob perspectiva da política externa em segurança, economia internacional e econométrica espacial. Iniciação Científica - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Neste presente projeto de iniciação científica, serão pesquisadas as tensões entre China, Estados Unidos (EUA) e Taiwan no governo de Xi Jinping. A proposta é verificar as razões do aumento das tensões entre 2012 e 2022 abordando às relações de segurança e relações econômicas entre os países. Os níveis de tensões entre China, EUA e Taiwan estão muito elevados, e o governo chinês de Xi Jinping tem tentado isolar à ilha diplomaticamente, economicamente do sistema internacional e diminuir o apoio do governo americano para Taiwan. Diante desse quadro, a pesquisa buscará entender se com a elevação das tensões a China está cada vez mais perto de ter uma ofensiva contra Taiwan para alcançar o seu objetivo de regeneração nacional. E de outra perspectiva a pesquisa procurará entender, como as relações econômicas da China com os EUA podem influenciar e ser influenciadas pelas relações sino-taiwanesas.

Palavras-chave: China, Política Externa; Segurança; Economia Internacional; Correlação de Pearson; Econometria Espacial.

ABSTRACT

SOUSA, Alison Cordeiro. The triangular relationship between United States, China and Taiwan under Xi Jinping government: A study about the tensions of countries from a foreign policy perspective on security, international economy and spatial econometrics. Scientific Initiation - Institute of International Relations, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

In this scientific initiation project, the tensions between China, the United States, and Taiwan under Xi Jinping government will be investigated. The proposal is to verify the motivations for the increase about tensions between 2012-2022, addressing the security and economic relations among the countries. The levels of tension between China, United States, and Taiwan are very high, and the Chinese government of Xi Jinping has tried to isolate the island diplomatically, economically from the international system, and to reduce the American government's support from Taiwan. Against this backdrop, the research will seek to understand whether with the rising tensions China is getting closer to having an offensive against Taiwan to achieve its goal of national regeneration. And from another perspective the research will seek to understand, how China's economic relations with the US can influence and be influenced by Sino-Taiwanese relations.

Keywords: China, Foreign Policy; Security; International Economy; Pearson's Correlation; Spatial Econometrics.

RÉSUMÉ

SOUSA, Alison Cordeiro. La relation triangulaire entre les États-Unis, la Chine et Taïwan sous le gouvernement de Xi Jinping: Une étude sur les tensions des pays du point de vue de la politique étrangère en matière de sécurité, d'économie internationale et d'économétrie spatiale. Initiation Scientifique - Institut des Relations Internationales, Université de São Paulo, São Paulo, 2023.

Dans ce projet d'initiation scientifique, les tensions entre la Chine, les États-Unis et Taïwan sous Xi Jinping gouvernement seront étudiées. La proposition vise à vérifier les motivations de l'augmentation des tensions entre 2012 et 2022, en abordant les relations sécuritaires et économiques entre les pays. Les niveaux de tension entre la Chine, les États-Unis et Taïwan sont très élevés, et le gouvernement chinois de Xi Jinping a tenté d'isoler l'île diplomatiquement, économiquement du système international, et de réduire le soutien du gouvernement américain de Taïwan. Dans ce contexte, la recherche cherchera à comprendre si, avec les tensions croissantes, la Chine se rapproche d'une offensive contre Taïwan pour atteindre son objectif de régénération nationale. Et d'un autre point de vue, la recherche cherchera à comprendre comment les relations économiques de la Chine avec les États-Unis peuvent influencer et être influencées par les relations sino-taïwanaises.

Mots-clés: Chine, Politique Étrangère; Sécurité; Économie Internationale; Corrélation de Pearson; Économétrie Spatiale.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: SE TAIWAN E A CHINA ASSINAREM UM ACORDO NO QUAL O CONTINENTE COMPROMETE-SE A NÃO ATACAR TAIWAN E A ILHA COMPROMETE-SE A NÃO DECLARAR INDEPENDÊNCIA, VOCÊ É A FAVOR DESTES TIPO DE ACORDO?	17
TABELA 2: RELAÇÕES POLÍTICAS ENTRE CHINA E TAIWAN, DE 1996 ATÉ 2020.....	30
TABELA 3: PARTICIPAÇÃO (%) DA CHINA NO COMÉRCIO DE TAIWAN, DE 1996 ATÉ 2019.	31
TABELA 4: MATRIZ DE CORRELAÇÃO PARA O CRESCIMENTO ECONÔMICO DE TAIWAN, A PARTICIPAÇÃO DA CHINA NO COMÉRCIO EXTERIOR DE TAIWAN E A SITUAÇÃO DE TAIWAN NO TRIÂNGULO.....	33
TABELA 5: ÍNDICES DE PROBABILIDADE ESTIMADOS PARA AS VARIÁVEIS DICOTÔMICAS DO MODELO LOGÍSTICO	34
TABELA 6: EXPORTAÇÕES DE ARMAS DOS ESTADOS UNIDOS PARA TAIWAN, EM BILHÕES (\$) DE DÓLARES.....	37
TABELA 7: RESUMO DAS ESTRATÉGIAS DOS EUA E CHINA, EM RELAÇÃO A TAIWAN.....	47
TABELA 8: SCORECARD DAS ESTRATÉGIAS DOS EUA E CHINA, EM RELAÇÃO A TAIWAN ..	47
TABELA 9: RESUMO DOS EFEITOS DE POLÍTICAS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL	67
TABELA 10: FATORES DE IMPACTO REGIONAL DO INVESTIMENTO DE TAIWAN NA CHINA CONTINENTAL	70
TABELA 11: TESTE DO ÍNDICE MORAN PARA AS PROVÍNCIAS (1992-2010).....	71
TABELA 12: RESULTADOS DA ANÁLISE GERAL DO MODELO DE PAINEL	75
TABELA 13: MODELO DE ERRO ESPACIAL DE EFEITO FIXO (SEM)	76

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: ALCANCE DOS NOVOS MÍSSEIS BALÍSTICOS DA CHINA	41
FIGURA 2: EVOLUÇÃO DO PODER CHINÊS DE 2000 ATÉ 2015	42
FIGURA 3: PRINCIPAIS PLATAFORMAS DA CHINA E PAÍSES DO LESTE E DO SUL DA CHINA QUE TÊM DISPUTAS TERRITORIAIS COM A CHINA, 1997-2017.....	43
FIGURA 4: APOIARIA OU SE OPORIA À UTILIZAÇÃO DE TROPAS DOS EUA? CASO A CHINA INVADISSE À FORÇA TAIWAN (% FAVOR).....	61
FIGURA 5: BALANÇO COMERCIAL ENTRE A CHINA E TAIWAN DE 2015 A 2020 (EM BILHÕES DE DÓLARES)	63
FIGURA 6: OS CUSTOS E BENEFÍCIOS PARA DIFERENTES GRUPOS PODEM SER REPRESENTADOS COMO A SOMA DAS CINCO ÁREAS A, B, C, D, E	65
FIGURA 7: GRÁFICOS DE CORRELAÇÃO ESPACIAL DO ÍNDICE GLOBAL MORAN'S I	72
FIGURA 8: A CONCENTRAÇÃO ESPACIAL DO ÍNDICE MORAN.....	74

LISTA DE ABREVIACÕES

ADIZ - Air Defense Identification Zone (Zona De Identificação De Defesa Aérea)

ASBMs - Mísseis Balísticos Anti-Navegação

ASEAN - Associação das Nações do Sudeste Asiático

A2/AD - Anti-Access/Area Denial (Antiacesso e Negação de Área)

ECFA - Economic Cooperation Framework Agreement (Acordo-Quadro de Cooperação Econômica)

EUA - Estados Unidos da América

IRBMs - Mísseis Balísticos de Alcance Intermediário

LISA- Índice Local de Associação Espacial

MRBM - Míssil Balístico de Médio Alcance

ONU - Organizações das Nações Unidas

PCC - Partido Comunista Chinês

PLAN - People's Liberation Army Navy (Marinha do Exército Popular de Libertação da China)

PIB – Produto Interno Bruto

RDC - República da China

RPC - República Popular da China

SIPRI - Pesquisa da Paz de Estocolmo

TRA - Lei de Relações de Taiwan

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	16
3	METODOLOGIA.....	26
4	POLÍTICA EXTERNA DE SEGURANÇA DE XI JINPING: TAIWAN E	
EUA	28	
4.1	POSICIONAMENTO DE XI JINPING SOBRE TAIWAN NO GOVERNO MA YING-JEOU 28	
4.2	POSTURA DOS AMERICANOS SOBRE O SONHO CHINÊS E MODERNIZAÇÃO MILITAR TAIWANESA 35	
4.3	MODERNIZAÇÃO MILITAR CHINESA E ESTRATÉGIAS A2/AD	38
4.4	MUDANÇAS DE ESTRATÉGIA CHINESA EM A2/AD	44
4.5	TAIWAN INDEPENDENTE? DISCURSOS DE TSAI ING-WEN E REAÇÃO DA PERSPECTIVA DE SEGURANÇA CHINESA.....	49
4.6	POSICIONAMENTO DE AMBIGUIDADE DOS AMERICANOS E MUDANÇAS NA POSTURA SOBRE A DEFESA DA ILHA NO GOVERNO DE JOE BIDEN	57
5	BALANÇO DA ECONOMIA INTERNACIONAL ENTRE CHINA,	
	ESTADOS UNIDOS E TAIWAN	63
5.1	COMÉRCIO EXTERIOR DE TAIWAN, DEPENDÊNCIA DE CHINA OU ESTADOS UNIDOS E EFEITOS COM O ACORDO ASEAN SOB PERSPECTIVA DA POLÍTICA COMERCIAL DE KRUGMAN 63	
5.2	MODELAGEM ECONOMETRICA ESPACIAL E A RELAÇÃO ENTRE O COMÉRCIO DOS CHINESES E TAIWANESES	68
6	A CHINA IRÁ INVADIR TAIWAN? OS AMERICANOS IRÃO	
	PROTEGER A ILHA? NESSE CONFLITO IRÁ SOBRESSAIR POLÍTICA OU	
	ECONOMIA?	79
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
8	BIBLIOGRAFIA	85

1 INTRODUÇÃO

República da China (RDC) ou Taiwan, é uma ilha localizada a 200 km da República Popular da China (RPC), com governo independente e sendo reconhecida como um país por 20 nações no mundo (BARBOSA, JUNIOR e SATUR, 2016). A RPC, observa a ilha, como uma província rebelde que faz parte de seu território (VLADIMIR IVANOV, 2022). A ocupação da Rússia na Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, com *tacit support* da China à invasão russa, sustentou no sistema internacional, especulações sobre as intenções de Pequim com Taiwan (YEUNG, GAN e JIANG, 2022). Por exemplo, Tadeu (2022) afirma que a abstenção da China na votação no conselho de segurança da Organizações das Nações Unidas (ONU) na resolução de crítica ao país russo, levantou preocupações no mundo sobre a possibilidade de a China lançar um ataque a ilha.

Já que também é verificado que ao longo das últimas décadas, os Estados Unidos estão tentando aumentar a participação de Taiwan no sistema internacional em comércio e segurança (WENZHAO, 2017). E a China ver o ato como uma ação de energizar mais as tensões com Taiwan, em ameaçar a paz e a estabilidade do Estreito da ilha, possivelmente sendo necessário utilizar a força para controlar Taiwan (TRENT, 2020) e (HERNÁNDEZ, 2016). Ou seja, os chineses que afirmam a existência de uma única China na região, miram esse ato como uma infração à sua soberania. Por outro lado, o congresso americano honra o seu compromisso de apoiar a democracia vibrante de Taiwan.

Portanto, segundo Hsu, Hsu e He (2021), a complexidade das relações entre os dois lados do Estreito de Taiwan é incapaz de retratar apenas de uma perspectiva política ou de segurança, assim podendo também ter espaço para uma abordagem econômica, para a melhor compreensão dos níveis de tensões entre os países. Já que o comércio exterior dos países está fortemente interligado, com a China representando mais de \$82 bilhões, Estados Unidos perto de \$40 bilhões do comércio de Taiwan (MA, 2022).

Como o comércio exterior e a segurança dos países estão muito associados, pode-se pensar que as métricas, como a correlação linear de Pearson, regressão logística, econometria espacial, auxiliam na amostragem da pesquisa, para averiguar estatisticamente, se com as altas tensões de ambos os lados do Estreito, pode estar aumentando ou diminuindo, o percentual dos investimentos do comércio chinês em relação ao mercado taiwanês (PIETRAFESA e SILVA,

2019). E compreende-se, de forma geral, que os chineses estão sendo bem mais hostis com a ilha, tendo em vista a maior ocidentalização de Taiwan (TIAN e LEE, 2020). Fazendo com que, em resposta, também o percentual de investimentos da ilha na China Continental seja reduzido (YEUNG, GAN e JIANG, 2022).

A correlação linear e o modelo logístico, mostram que Taiwan pode ser agressivo, mesmo em cooperativa chinesa (PIETRAFESA e SILVA, 2019). Alguns estudos como de Christensen (2006), ilustra que o Taiwan é a questão mais sensível nas relações sino-americanas. E os estudos de, Wang (2013), Huang (2017) e Rato (2020), se preocupam em relatar o desenvolvimento histórico dos países, sem ter uma profunda análise estatística. Assim, se pode ter a possibilidade para uma abordagem estatística, e ter variáveis que possam esclarecer, uma parte, da sensibilidade política da ilha na relação entre China e Estados Unidos.

Já a análise econométrica espacial, é relevante, pois é visto o quanto que a maior afinidade de Taiwan com os Estados Unidos, as estratégias de investimentos ou de comércio da ilha com os chineses são alteradas. Basicamente, o investimento de Taiwan na China e o risco de *business* ou mercado estão negativamente correlacionados, indicando que o investimento de Taiwan na China foi afetado pelas relações econômicas gerais entre os dois países, com fortes tensões, especialmente em Taiwan nos últimos anos (GOMES, LIMA, *et al.*, 2019). E isso também impacta as estratégias de negócios para as empresas localizadas na ilha.

Dessa forma, o objetivo deste projeto de iniciação científica é pesquisar e avaliar os níveis das tensões entre Estados Unidos, China e Taiwan entre 2012 e 2022, as razões do aumento das tensões entre esses períodos, abordando às relações de segurança e relações econômicas.

Inicialmente, a pesquisa será focada nos posicionamentos de Xi Jinping sobre o sonho chinês, que irá ser realizado a qualquer custo, ou seja, a regeneração nacional para o país irá acontecer, já que foi interrompida no século da humilhação (RATO, 2020). Uma segunda abordagem será dada os governos de Barack Obama e Ma Ying-jeou, em que será averiguado os níveis de tensões e as respostas de cada país com o afrontamento chinês. A próxima abordagem, será analisado os investimentos na modernização militar da China, a mudança de postura de Taiwan, que passa ter uma maior aproximação com o ocidente. E finalmente, será sobre as relações econômicas entre China, Estados Unidos, Taiwan e as possibilidades de conflito.

Por fim, o projeto de iniciação científica visa pesquisar os seguintes temas: (1) Política externa de segurança de Xi Jinping, (2) e as relações econômicas de China, Taiwan e Estados Unidos. Com o objetivo de verificar o quanto que o governo chinês está disposto a utilizar a força política ou econômica para a reunificação de ambos os lados do Estreito de Taiwan e a postura da política dos americanos com os chineses e taiwaneses.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Inicialmente, em 2013 Xi Jinping tentava buscar relações mais pacíficas com Taiwan, já que o sonho da China também é a reunificação com a ilha (LEE e HUNG, 2014). Mas, ao passar dos anos, Taiwan adota uma política mais ocidental e democrática. O que fez com que de 2014 em diante, houvesse fortes tensões políticas entre ambos os lados do Estreito de Taiwan, com discussões sobre o cenário de que Xi tome a ilha à força, caso os taiwaneses não queiram fazer parte do sonho chinês (TIAN e LEE, 2020).

Em 15 de novembro de 2012, é anunciado que Xi Jinping assumiria a liderança do Partido Comunista Chinês (PCC) e a presidência do país (MORGADINHO, 2022). Hsu (2013) afirma que no início do mandato do novo presidente chinês, têm-se promessas de laços pacíficos com Taiwan, e durante as reeleições presidenciais, Ma Ying-jeou, presidente de Taiwan, também apelou à assinatura de um acordo de paz com a China (WANG, 2013). Durante sua posse, Xi Jinping, foi enfático sobre o sonho de “regeneração nacional chinesa” em seu discurso da Terceira Sessão Plenária do XVIII Comitê do Partido Comunista Chinês (PCC) (Communiqué of the Third Plenary Session of the 18th Central Committee of the Communist Party of China, 2013).

A “regeneração nacional chinesa” não é nenhuma novidade, já que é um objetivo que constitui uma promessa realizado por décadas pelo Partido Comunista Chinês (PCC), para restituir a grandeza nacional que foi interrompida no século da humilhação (RATO, 2020). Pois, o sonho chinês é também o sonho do povo de ambos os lados do Estreito de Taiwan - o sonho da reunificação (LEE e HUNG, 2014). Ou seja, a regeneração nacional envolve duas partes. Para Zhang Yunling, diretor de estudos internacionais da Academia Chinesa de Ciências Sociais, o primeiro de tornar o país forte, e o povo próspero. Em segundo lugar, outra parte importante é conseguir a reunificação da pátria (SILK, 2013). Por outras palavras, o sonho de regeneração nacional chinês não será realizado até que Taiwan seja reunificado. Pois, a estabilidade do Estreito de Taiwan é crucial para a segurança da China continental (SILK, 2013). Portanto, a unificação de Taiwan e China, é essencial para o objetivo do sonho chinês.

Em abril de 2013, Xi Jinping tem uma reunião com Ma Ying-jeou, no Décimo Segundo *Boao Forum*. Xi apelou aos compatriotas de ambos os lados do Estreito para que trabalhassem arduamente para rejuvenescer a nação chinesa, apoiado pelo sonho de “regeneração nacional”

(HUANG, 2017). Além de Xi Jinping demonstrar um anseio para uma cooperação econômica mais estreita entre o continente chinês e taiwanês. Para Hsu, Hsu e He (2021) as relações econômicas e comerciais sempre foram as mais ativas entre os dois lados do Estreito de Taiwan. Porém, Hsu, Hsu e He (2021), afirmam que também é possível observar que a relação entre os dois lados do Estreito de Taiwan, por muitas vezes, é contraditória politicamente.

Por exemplo, a proporção de pessoas em Taiwan que apoia algum tipo de acordo de paz em que a China se compromete a não atacar a ilha e que se compromete a não declarar a independência é de 74,5% (WANG, 2013). O apuramento cruzado com a identificação das partes mostra que o acordo de paz proposto goza de amplo apoio tanto entre os apoiantes dos partidos *Blue* (90,5%) e do *Green* (64,3%) (TABELA 1). Apesar deste elevado nível de apoio revelado pelo inquérito, a opinião pública sobre o acordo de paz pode ser maleável, dependendo de fatores tais como os detalhes exatos do acordo e a competição entre as forças políticas nacionais. Para Wang (2013), isso também pode ser relacionado na campanha de reeleição de Ma Ying-jeou. Pois, é visto que o presidente de Taiwan, abordou a perspectiva da assinatura de um acordo de paz entre as duas margens do Estreito, mas depois de ter sido criticado duramente por se ter movido demasiado cedo, abandonou rapidamente a ideia de um acordo de paz. Ou seja, o anseio popular de Taiwan é contraditório com o desejo do sonho chinês (HSU, HSU e HE, 2021).

Tabela 1: Se Taiwan e a China assinarem um acordo no qual o continente compromete-se a não atacar Taiwan e a ilha compromete-se a não declarar independência, você é a favor deste tipo de acordo?

		Identificação			Row total
		Azul	Independente	Verde	
Acordo de Paz	A favor	9,5%	23,4%	35,7%	20,9%
	Não a favor	90,5%	76,6%	64,3%	79,1%

Pearson Chi-square=77.5, df=2, p<0,00.1, N= 1,024

Fonte: (WANG, 2013).

Mesmo que 74,5% da população, e *Total Row* de 79,1% dos partidos políticos de Taiwan sejam a favor de um Acordo de Paz entre ambos os lados do estreito, é visto que, ao longo de 2013 até 2015, o presidente chinês foi mudando o tom de seu discurso sobre pacificidade com

a ilha, e adotando uma postura mais agressiva em relação à Taiwan. Por exemplo, na declaração do *Boao Forum* de 2013 até fevereiro de 2014, é observado uma mudança de sua postura.

É visto que a declaração de Xi Jinping no *Boao Forum*, tentou articular mais claramente como promover a confiança política entre os dois lados do Estreito, com base num desenvolvimento econômico pacífico em 2013 (HUANG, 2017). Xi salientou que os dois lados "partilham o mesmo destino" e apelou por esforços para inspirá-los a "fortalecer seu orgulho na nação chinesa, bem como seu objetivo comum de seu rejuvenescimento". Ele também observou que "embora o continente e Taiwan ainda não tenham sido reunificados, eles pertencem a uma só China e são partes inseparáveis do país". Ademais, Xi afirma que "a salvaguarda da integridade territorial nacional e da soberania está no centro deste objetivo", e enfatizou que os dois lados devem manter a estrutura de uma só China (EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2013).

A posição de Xi Jinping sobre as relações entre os dois lados do Estreito foi mais esclarecida em fevereiro de 2014, quando ele se encontrou com a delegação de Taiwan liderada pelo, presidente do partido Kuomintang, Lien Chan. Deixando claro que a reunificação era uma parte essencial do sonho chinês. A reunificação, disse ele, era o desejo comum dos compatriotas de ambos os lados, e ele afirmou que "nenhum poder pode nos separar" (XINHUA, 2014). Segundo Huang (2017), na declaração do presidente chinês, se pode perceber que em nenhum momento tem espaço para a fala dos líderes da delegação de Taiwan sobre a reunificação, deixando evidente que a ilha e a sociedade não têm voz ativa ou liberdade para o caminho da independência de Taiwan.

Vale destacar que a fala de Xi Jinping em fevereiro de 2014, "nenhum poder pode nos separar", se encaixa também na doutrina do Estado chinês em conteúdo, ou seja, é visto que historicamente, a China tem feito o uso da força para atingir seus objetivos. Acerca disso, para Wortzel, Scobell e Burkitt (2003), a mentalidade do ocidente e chinesa diferem sobre a utilização no poder militar em um aspecto essencial: a finalidade da operação no contexto da agressão. A doutrina militar chinesa nunca se baseou exclusivamente na defesa em nenhum nível de guerra - tático, operacional ou estratégico (BURKITT, SCOBEL e WORTZEL, 2003). Apesar da confusão gerada pelas tarefas das forças armadas da República Popular da China (RPC) "para consolidar defesa nacional, resistir à agressão, defender a pátria, salvaguardar o trabalho pacífico do povo, participar da construção nacional e servir o povo de todo o coração" (CORDESMAN, BURKE e MOLOT, 2019). Por exemplo, uns dos modos de uso de força, é a

lei de antissecessão promulgada em 2005 pelo presidente Hu Jintao, estabelece medidas não pacíficas para reprimir Taiwan, em caso de tentativa de separação ou independência da ilha (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2005).

Então, os estrategistas chineses observam o uso da força somente como o recurso que ele é, na afinidade da definição clausewitziana de guerra: a continuação da política por outros meios” (FEDDERSEN, 2013). Também é visto que ao longo das décadas, o Exército da Libertação Popular (ELP), mostrou que o esforço bélico ou o uso da força se deu mais a frente que as resoluções diplomáticas, que não conseguiram responder à altura:

“In the logic of Chinese strategists, even if these trends were not halted or reversed by military action, they were at least mitigated. That is, if China had not used military force in a particular instance, then things would have gotten even worse. For example, Beijing judges the 1995-96 Taiwan Strait Crisis to have been a success because negative trends in Taiwan and the world were checked. If China had not made a show of force, the situation would have further deteriorated. Indeed, as Ronald Christman notes, China’s leaders do not tend to evaluate the success of a military operation in terms of the operational outcome (as measured by any quantitative metric of casualties inflicted or received) but rather in terms of the impact of the conflict on the “overall situation” (BURKITT, SCOBEL e WORTZEL, 2003).

Então, para os chineses o que realmente mais interessa são os resultados da política de força, podendo entrar em guerra se for necessário para alcançar suas finalidades (FEDDERSEN, 2013). Segundo Cote (2022) a China poderia procurar reunificar Taiwan com o continente através da invasão por força bruta. De um modo mais simples, percebe-se que o líder chinês poderá realizar todos os meios para conquistar Taiwan, mesmo inicialmente tendo um discurso pró relações pacíficas para ambos os lados do Estreito. Já que a ilha faz parte do sonho Chinês, e a China restabelece o seu direito ao uso da força e pode, a seu tempo, sentir-se suficientemente forte e corajosa para o fazer e avançar sobre a ilha rebelde (DITTMER, 2017).

A agressividade da China ainda vale no contexto que os Estados Unidos no governo de Obama, reconheça só uma China na região pelo *Taiwan Relations Act*, ou seja, Taiwan não pode ser um país independente, mas a República Popular da China não pode ameaçar ou tomar a força militarmente à ilha (UNITED STATES CONGRESS, 1979). Pois, os americanos se comprometem a apoiar a ilha militarmente contra a China. Wenzhao (2017) afirma que esse fator também evidencia uma forte política de ambiguidade americana entre os dois lados do Estreito de 2009 até 2015. Que tem em média 2/3 da população de Taiwan que se identificam exclusivamente como taiwaneses durante a administração de Ma Ying-jeou. Os números das

peças que se consideram taiwaneses aumentaram drasticamente de 17,6% em 1992 para 41,6% em 2001, e para 59,3% em 2016 (CHEN, 2022).

Isto é preocupante, porque muitos observadores argumentam que os Estados Unidos deveriam abandonar sua tradicional política de ambiguidade em relação a seus compromissos com Taiwan e comprometer-se totalmente a vir em defesa da ilha, já que cada vez mais o número de pessoas pró-independência está aumentando, no caso de qualquer ataque da China; talvez o exemplo mais importante seja o ensaio de Richard Haass e David Sacks em *Foreign Affairs*, apropriadamente intitulado " *American Support for Taiwan Must Be Unambiguous* " (HAASS e SACKS, 2020). Para Yeung, Gan, Jiang (2022) nenhum outro país está tão profundamente entrelaçado na disputa quanto os EUA, que tem uma história embaraçada com ambos os lados e há muito tempo trilhou um delicado caminho intermediário.

Dessa forma, desde 1979, os EUA reconhecem a República Popular da China como única China na região, porém Washington nunca demonstrou que reconhece a soberania chinesa sobre Taiwan, e insta em manter o compromisso americano de defender Taiwan em caso de agressão chinesa, já também no governo Obama (MORAIS, DENG e COLBERT, 2018). Em outras palavras, as disputas entre Taiwan e China já estavam em elevadas tensões, algum tempo após Xi Jinping assumir a presidência, visto que a administração do Obama tinha continuado a atualizar o relacionamento com Taiwan, incluindo a venda de armas, desenvolvendo o comércio, cooperação econômica para Taiwan, e apoiando a ilha taiwanesa em ampliar sua participação nos assuntos internacionais, o que ocasionava irritação aos chineses (WENZHAO, 2017).

Whenzhao (2017) afirma que houve três grandes vendas de armas para Taiwan durante a administração de Obama. O Departamento de Defesa dos EUA informou ao Congresso sobre a venda de armas a Taiwan no valor de US\$ 6,4 bilhões em janeiro de 2010 (WENZHAO, 2017). Em 21 de setembro de 2011, se tem maiores vendas de armas a Taiwan, incluindo a atualização dos caças F-16B/A existentes na ilha, e a extensão do programa de treinamento de pilotos por mais 5 anos, juntamente com o fornecimento de algumas peças de aeronaves, que valeram US\$ 5,85 bilhões no total. Em 16 de dezembro de 2015, com valor de US\$ 1,83 bilhões em venda de armas para a ilha taiwanesa, incluindo *Perry-class frigates*, mísseis *Javelin anti-tank*, mísseis *Stinger* etc (WENZHAO, 2017). Embora essas vendas de armas não pudessem alterar o *status quo* do contraste entre o poder militar nas relações do Estreito, a continuidade das vendas de armas e de outros fatores políticos americanos em relação a Taiwan exerceria

impactos negativos significativos no relacionamento China-Taiwan e na cooperação bilateral em diversos setores da economia ou políticos internacionais (WENZHAO, 2017).

Graças aos “problemas” provocados por Taiwan sobre uma maior aproximação com o país americano, a modernização militar da China foi assim explicitamente projetada para manter os Estados Unidos totalmente fora de seus “*near seas*”, controlando o acesso a suas abordagens mais distantes através de uma variedade de ataques de impasse que, se bem-sucedidos, transformariam o Pacífico Ocidental em um recinto contido onde o domínio chinês está assegurado devido à capacidade da China de neutralizar o poder militar dos EUA (TELLIS, 2012). Para Tellis (2012), mesmo que Pequim tenha melhorado continuamente sua capacidade para atingir este objetivo, no entanto, também sustentou uma modernização militar mais ampla, visando melhorar sua maior capacidade de combate em todas as frentes de combate - terra, ar e mar - e em todas as dimensões: mão de obra, tecnologia, treinamento, doutrina, organização, logística, comando e controle. A China também demonstrou melhorias dramáticas no que diz respeito à utilização de capacitadores críticos ou *critical enablers*: guerra eletrônica, guerra cibernética, armamento nuclear e seus sistemas de entrega associados, para também dar uma resposta ao governo de Obama que estava apoiando fortemente Taiwan entre 2014 e 2015 (TELLIS, 2012).

A maior modernização militar chinesa consiste em capacidades anti-acesso/negação de área (A2/AD) se manifesta no formidável “complexo de ataque de reconhecimento” baseado em terra que a China construiu assiduamente durante as últimas duas décadas (GORMLEY, ERICKSON e YUAN, 2014). Esta capacidade está ancorada em um extenso sistema de inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR) que inclui sensores terrestres e espaciais para detectar, rastrear e alvejar sistemas militares americanos móveis que operam a grandes distâncias do território chinês, bem como atividades em bases fixas dos EUA em todo o Pacífico. Estas informações, complementadas por outras informações coletadas por elementos navais e aéreos chineses, são então disseminadas para várias forças ofensivas chinesas através de uma grade nacional de comando e controle (CLIFF, BURLES, *et al.*, 2007).

Então, com a modernização militar chinesa, é visto que o país emergiu como uma potência regional assertiva na Ásia-Pacífico com fortes capacidades de A2/AD, utilizando mísseis balísticos e de cruzeiro avançados em conjunto com sistemas de defesa aérea e marítima para ameaçar as operações militares, vendas de armas ou de maior inserção dos EUA de Taiwan nos assuntos políticos internacionais. O A2/AD da China está concentrado em torno de Taiwan

e do Mar do Sul da China, colocando também as forças militares dos EUA - como um *Carrier Strike Group* - e instalações na região dentro de uma gama de mísseis de cruzeiro e balísticos guiados com precisão. Esta ameaça regional A2/AD também atenua severamente a capacidade das forças dos EUA de conduzir operações na Ásia-Pacífico (GORMLEY, ERICKSON e YUAN, 2014). E segundo Hakim (2021) nesse cenário, além dos aviões com capacidade total de combate da China serem superiores aos dos EUA. A China possui 2.367 e os americanos com apenas 1.543. Com esta comparação militar, pode ser visto que parte da estrutura internacional desencoraja os EUA a defender Taiwan.

Com o desencorajamento dos EUA para defender militarmente Taiwan, em setembro de 2014, Xi Jinping afirma que a diretriz básica para resolver a questão de Taiwan é "reunificação pacífica; um país, dois sistemas". Ele acrescentou: "Nenhum ato secessionista será tolerado". O caminho da "independência de Taiwan é inviável" (XINHUA, 2014). Isso em um cenário que os americanos apoiavam uma quantidade elevada de vendas de armas, elevação na inserção política internacional da ilha e uma maior modernização de instrumentos militares de Taiwan.

O conceito de "um país, dois sistemas" não faz parte do idioma oficial da China continental em relação a Taiwan há bastante tempo. Com o governo de Ma Ying-jeou sendo desacreditado pelo Movimento Girassol, e com a agitação em Hong Kong, Xi parecia ter chegado a uma conclusão de que certos princípios precisavam ser novamente enfatizados (CHAO, 2014). Esta ideia é refletida nas observações de Xi enquanto ele participava de um painel de discussão com membros do Comitê Nacional da CPPCC em março de 2015. Ele proclamou: "Devemos buscar inabalavelmente um desenvolvimento pacífico, aderir inabalavelmente à base política comum, trazer inabalavelmente benefícios ao povo do outro lado do Estreito e inabalavelmente dar as mãos para realizar a revitalização nacional" (CHAO, 2014).

Segundo Huang (2017), vale a pena notar que na mesma ocasião ele pediu aos compatriotas que estivessem vigilantes contra as forças da "independência de Taiwan" (XINHUA, 2015). É uma boa indicação de que Xi Jinping está adotando uma abordagem novamente contra os desejos de parte da política de Taiwan, nas relações entre as duas margens do Estreito em resposta aos novos fatores em Taiwan que são desfavoráveis à China continental (HUANG, 2017).

Desde Deng Xiaoping, os líderes chineses perceberam que os Estados Unidos jogam um papel essencial nas relações entre as vias de comunicação. Com base no patrimônio político de

seus predecessores, Xi Jinping desenvolveu uma nova estratégia. Mesmo antes de se tornar o principal líder na China, ele enfatizou que a questão de Taiwan não deve interferir com as relações bilaterais Sino-EUA (LAMPTON, 2013). Desde que chegou ao poder, ele tem tentado isolar a questão de Taiwan da relação bilateral Sino-EUA, ao mesmo tempo em que tempo tentando construir o que ele chama de "novo tipo de relação de grande poder" (LAMPTON, 2013). É por isso que em todas as suas discussões, comunicações e declarações conjuntas com Presidente Obama dificilmente se encontra qualquer menção à questão de Taiwan, pelo menos não em declarações publicadas. Isto indica claramente a posição de Xi sobre Taiwan quando ele está lidando com os Estados Unidos: como Taiwan é um interesse central da China, a China não quer permitir que Taiwan se torne uma moeda de troca, enquanto faz esforços para desenvolver um novo tipo de relações entre as grandes potências, segundo Lampton (2013). O objetivo é isolar Taiwan da relação bilateral Sino-EUA e cortar qualquer envolvimento dos EUA em relações entre Estreitos, ou pelo menos para garantir que não haja envolvimento direto dos EUA.

Em geral, a estratégia de Xi Jinping entre 2013 até final 2015, pode ser resumida da seguinte forma. Primeiro, ele não fez nenhum desvio dramático da política de Hu Jintao de Taiwan, que se concentrava na prevenção da independência de jure de Taiwan. Em segundo lugar, ele está mais preocupado em consolidar o cumprimento estratégico do princípio de "uma só China" a fim de encaixotar Taiwan. Consequentemente, ele colocou mais ênfase no desenvolvimento militar na China para se preparar em uma ofensiva contra a ilha, e de uma relação política entre o continente e Taiwan, baseada em uma base econômica sólida nas relações entre as duas margens do Estreito (HUANG, 2017).

Xi é obviamente um jogador duro na questão taiwanesa. Sua resposta a qualquer oposição em Taiwan contra uma eventual reunificação pode ser resumida como "se você der um passo em frente, eu darei dois passos" (HUANG, 2017). O renascimento de Xi Jinping do slogan "um país, dois sistemas", que não é mencionado desde 2005, quando a Lei Antisecessão foi aprovada, é apenas um exemplo. Sua posição dura pode continuar por causa de situações internas e externas. Isto não significa necessariamente que Xi queira copiar um modelo de Hong Kong para as relações entre as duas margens do Estreito. Ao contrário, ele reflete suas determinações de não permitir qualquer revés nas relações entre as duas margens do Estreito sob sua liderança. Xi Jinping acredita que enquanto ele puder continuar institucionalizando a estrutura de uma só China nas relações entre os dois lados do Estreito, Taiwan acabará voltando ao "país mãe" (HUANG, 2017).

Por último, mas não menos importante, Obama permaneceu em funções durante 8 anos, dos quais 7 anos e meio coincidiram com o regime de Ma Ying-jeou de Taiwan e de Xi Jinping. Devido às mudanças nas relações entre as duas margens do Estreito e aos novos desenvolvimentos na política dos EUA em relação à China, a política de Taiwan da Administração Obama foi vista principalmente como uma política que aderiu à posição de "nenhuma unificação, nenhuma independência e nenhum uso de força", e congratulou-se com o desenvolvimento pacífico das relações entre as duas margens do Estreito condicionalmente, embora a sua política fosse de dois lados (WENZHAO, 2017). E a estratégia externa da Ma pode ser resumida como *qinmei, hezhong, youri* (pró-EUA, paz com a China, e amizade com o Japão). A ordenação destas três relações bilaterais mais importantes para Taiwan não é acidental. Mostrou que Taipé procurou melhorar as suas relações tanto com Washington como com Pequim para tentar maximizar os interesses de Taiwan de 2009 até final de 2015 (WANG, 2016). Porém, é visto que a China observava a ilha já como um problema, e as tensões que aos poucos iam acelerando entre os países, tomam outro rumo com Tsai Ing-wen, a nova presidente de Taiwan desde 2016.

Apesar deste contexto, a Presidente Tsai tem defendido uma política transversal mais moderada desde as eleições de 2016, centrada na preservação do *status quo* (TRENT, 2020). A China, no entanto, não tem sido tranquilizada pela posição pública mais moderada do Presidente Tsai e continua desconfiada de que está determinada a mover Taiwan numa direção cada vez mais pró-independência. O Conselho de Assuntos do Interior de Taiwan mostra que o povo taiwanês se opôs resolutamente à proposta "um país, dois sistemas", pois ela "menospreza Taiwan e prejudica o *status quo* no Estreito de Taiwan" (TIAN e LEE, 2020).

Com isso, é visto que no discurso de Xi Jinping em 2019 sobre '*Message to Compatriots in Taiwan*', que novamente o presidente chinês pedia uma maior integração entre os dois lados do estreito, porém tornou-se uma questão divisória e difícil de se sustentar nas eleições presidenciais e legislativas de 2016 e 2020 e da sociedade em Taiwan (SUNG, 2021). Sung (2021) mostra que esta pressão, tornou-se tema de intensa discussão internacional e cobertura da mídia quando também Pequim insistiu que Taiwan fosse excluído da reunião de 2020 da Assembleia Mundial da Saúde (OMS) para discutir a pandemia da COVID-19. Muitos acharam esta demanda altamente problemática, uma vez que Taiwan provou ser um modelo de sucesso na contenção da doença sem impor um grande bloqueio ou prejudicar significativamente sua economia (SUNG, 2021).

A maioria dos analistas chineses continua a ver Taiwan como um grande problema para Pequim. A visão padrão é que terceiros (os EUA ou o Japão) estão usando as diferenças nas relações entre os dois lados do estreito como um meio de pressionar a China (MINISTRY OF EDUCATION, 2017). Da (2017), oferece um argumento mais matizado sobre Taiwan. O autor acredita que nos próximos cinco anos existe a possibilidade de um conflito militar sobre Taiwan, mas somente se os EUA se desvincularem das relações entre os dois lados do estreito. Ele identifica a crescente força geral da China e a completa paralisia nas relações entre os dois lados do estreito como fatores possíveis. Entretanto, o cenário potencial onde o uso militar da força é mais provável envolveria os EUA se tornando uma parte completamente desinteressada e neutra do conflito (STANZEL, DOYON, *et al.*, 2017). Da (2017) conclui que, enquanto o *status quo* persistir, Pequim continuará a apoiar uma unificação pacífica.

Durante décadas, a China tentou comprar a reunificação, forjando laços econômicos com Taiwan e subornando países para cortar relações diplomáticas com a ilha (BECKLEY e BRANDS, 2021). Mas, muitos países democráticos estão a reforçar os laços com Taiwan, cujo povo parece mais determinado do que nunca em manter a sua independência (EISENMAN, 2020). Consequentemente, a China está a brandir a sua opção militar. É visto que em 2020-2022, tem levado a cabo a demonstração de força mais sustentada no Estreito de Taiwan, do que num quarto de século (BECKLEY, 2020). Os aviões de combate e navios navais chineses percorrem o Estreito, violando frequentemente a sua linha mediana. Uma invasão ou campanha coerciva pode não ser iminente, mas a sua probabilidade está crescendo.

Finalmente, os Estados Unidos devem estender a mão a potenciais parceiros. As conversações do pessoal com os militares japoneses podem aumentar a possibilidade de assistência aliada num conflito (BECKLEY e BRANDS, 2021). Uma coordenação intensificada com a Índia, facilitada pelo recente excesso de alcance da China nos Himalaias, poderia melhorar as hipóteses de a Marinha dos EUA utilizar as Ilhas *Andaman* e *Nicobar* para sufocar as importações de energia de Pequim durante uma guerra (BECKLEY e BRANDS, 2021). Os aliados democráticos na Europa e noutros locais podem começar a discutir que sanções económicas e financeiras poderão impor rapidamente em caso de agressão chinesa. O efeito de tudo isto pode ser marginal, e não decisivo, mas pode, no entanto, complicar os cálculos da China, aumentando os custos prospectivos que esta teria de pagar em caso de invasão à Taiwan.

3 METODOLOGIA

A pesquisa será realizada por meio de pesquisa bibliográfica, que permitirá obter e ampliar uma visão geral sobre o tema proposto. Por exemplo, a literatura de Huang (2017) auxiliará na compreensão sobre a segurança envolvendo Taiwan no governo de Xi Jinping. Também serão pesquisados dados quantitativos de forma a permitir uma análise comparativa das informações sobre o histórico das relações econômicas entre Estados Unidos, China e Taiwan e como as tensões na área de segurança tem influenciado os gastos na área de defesa dos países (HAASS e SACKS, 2020) e (HSU, HSU e HE, 2021).

Os dados são coletados pelo software de VOSviewer, de forma bibliométrica da Web of Science (WOS), Scopus e Scielo, para mostrar o quanto que a temática está presente nas principais revistas nacionais e internacionais. Visto que é um tema que pode reformular a política e a economia internacional que já conhecemos. Até o momento foi pesquisada a coleção principal do WOS e Scopus, a seguinte consulta de busca foi executada no campo de título e palavra-chave do autor. (China AND Taiwan AND Security) OU (US AND China AND Taiwan AND Security) OU (China AND Taiwan And Trade). A consulta foi aperfeiçoada pelos anos de publicação (2010 até 2021) e os principais tipos de documentos encontrados foram (artigos, artigo de revisão, capítulo de livro, documento de procedimento ou acesso antecipado).

Foram encontrados registros de 1.215 artigos em WOS, Scopus e Scielo, que abordam a temática sob a perspectiva de segurança e da economia na ótica das relações internacionais (WOS, 2022). Dentro disso, se tem publicações mais relevantes em *Journal of Asian Security and International Affairs* com 2,27%, *Chinese Journal of International Law* em 1,32%, *Journal Of Global Security Studies* com 0,82%, Revista Brasileira de Política Internacional apenas com 0,41%, *International Organization* com 0,16%, *American Journal Of International Law* e *Foreign Affairs* somente com 0,08%, em relação aos seus totais de artigos publicados (WOS, 2022).

A análise dos dados foi realizada utilizando MS Excel, MS Access e vários softwares bibliométricos, incluindo VOS viewer, Biblioshiny (RStudio), e BibExcel. Os resultados indicam baixas publicações brasileiras, entre 2010 e 2021, sobre a segurança e políticas comerciais envolvendo Estados Unidos, China e Taiwan.

Dentro dos registros de artigos, é realizado uma análise de 240 observações sobre as ações diplomáticas taiwanesas em relação à China, coletadas de *Mainland Affairs Council* (MAC) e *Center for Strategic and International Studies* (CSIS). Outro modelo utilizado é sobre correlação linear de Pearson, para ver o quanto que as variáveis de contexto internacional; política interna; e economia afetam o posicionamento de Pequim com a ilha. E a regressão logística em probabilidade para estimar o quanto que os chineses podem ser hostis com os taiwaneses. É visto que, entre 1996 até 2016 nos modelos, 53,10 vezes que Taiwan pode ser agressivo, mesmo em cooperativa chinesa (PIETRAFESA e SILVA, 2019).

O estudo de Baltagi (2009), Alves (2017), Luzardo et al (2017) e Gomes et al (2019), auxiliam na modelagem econométrica espacial, e nesse presente projeto de iniciação científica, o método abordado é semelhante, mas envolvendo os investimentos dos taiwaneses no mercado chinês, para verificar também a resposta de Taiwan frente a hostilidade chinesa. E é percebido que risco de *business* e mercado estão negativamente correlacionados, indicando que o investimento de Taiwan na China foi afetado pelas relações econômicas gerais entre os dois países, com fortes tensões políticas e econômicas, nas últimas décadas.

Finalmente, o projeto de iniciação científica tem relevante importância para contribuir com o aprimoramento do conhecimento sobre as questões da região do nordeste asiático e suas possíveis repercussões em termos de segurança e econômicas.

4 POLÍTICA EXTERNA DE SEGURANÇA DE XI JINPING: TAIWAN E EUA

Este capítulo discorrerá sobre a postura de Xi Jinping em relação à Taiwan no mandato de Ma Ying-jeou, da eleição de Tsai Ing-wen e a maior aproximação da ilha com o Ocidente. Mostrando, que desde 2013 até 2022, as tensões estão se escalando, pois os taiwaneses podem não estar seguindo o sonho da regeneração nacional chinesa e se alinhando, ainda mais, com o Ocidente. E da política de ambiguidade dos americanos no governo de Barack Obama, com ambos os lados do Estreito, pode ter favorecido a maior aproximação de Taiwan com o Ocidente. Que vem sendo mudada na administração de Joe Biden, ou seja, a política tradicional de ambiguidade está mudando para um maior apoio aos taiwaneses, sendo uma estratégia com maior proximidade da política de Donald Trump. E em resposta do apoio bélico dos americanos ou do alinhamento da ilha com o Ocidente, na última década, é também visto um *boom* da modernização militar chinesa para firmar, ainda mais, a sua soberania na região.

4.1 Posicionamento de Xi Jinping sobre Taiwan no governo Ma Ying-jeou

Antes de destacar os posicionamentos de Pequim com Taipé no governo de Ma Ying-jeou, é importante ressaltar que seu mandato foi marcado por diversas contraposições políticas ou econômicas, e consequentemente, a crescente insatisfação popular sobre a questão envolvendo a China em seu mandato.

A presidência de Ma Ying-jeou, entre os períodos de 2008 até 2016, foram marcados por diversas contradições políticas e econômicas, o que ao longo do seu mandato, foi enfraquecendo a relação com Pequim e com a população local (TEMPLEMAN, CHU e DIAMOND, 2020). Para os autores Templeman, Chu e Diamond (2020), mesmo que Ma tenha garantido a maior fatia do voto presidencial na era democrática, porém mais tarde ele registrou os menores índices de aprovação pública de qualquer líder de Taiwan.

Por exemplo, nas eleições legislativas realizadas em janeiro de 2008, os candidatos do Partido Kuomintang (KMT) conquistaram 72% dos assentos (e mais de 75% se incluirmos os aliados e o partido *People First Party* (PFP)), e nas eleições presidenciais de março, Ma

conquistou 58% dos votos, a vitória mais decisiva na história democrática de Taiwan, segundo Templeman, Chu e Diamond (2020). Mas, já ao final de seu mandato, os autores relatam que esse índice sofre uma queda, em uma pesquisa realizada da TVBS, em 21 de junho de 2013, apenas 13% dos legisladores e dos indivíduos aprovavam o seu governo, enquanto 73% desaprovavam a presidência de Ma. Ou seja, pode ser visto que mesmo tendo a maioria no Parlamento, ainda assim sofria oposição perto do final de seu governo, por grande parte de seus projetos de governo serem recusados, acarretando também em uma forte desconfiança por parte da sociedade no seu segundo mandato.

O Partido Nacionalista Chinês, ou Kuomintang (KMT), teve grandes majorias no Legislativo Yuan, o parlamento nacional de Taiwan, mas muitas das principais prioridades legislativas da administração de Ma foram repetidamente atrasadas ou bloqueadas no parlamento (TEMPLEMAN, CHU e DIAMOND, 2020). Fazendo com que parte da sociedade demonstrasse receio pelas instituições democráticas taiwanesas.

A confiança pública nas instituições democráticas continuou a diminuir mesmo quando se aprofundou o apoio aos valores democráticos e a rejeição do autoritarismo. O intercâmbio econômico e interpessoal com o continente chinês aumentou drasticamente durante o mandato de Ma, mas ao mesmo tempo as pesquisas de opinião pública mostraram um aumento contínuo da identidade exclusivista taiwanesa entre o povo da ilha (TEMPLEMAN, CHU e DIAMOND, 2020). Ao mesmo tempo, a economia taiwanesa em seu encargo, passou tanto pela mais rápida expansão trimestral quanto pela mais profunda recessão das últimas três décadas (TEMPLEMAN, CHU e DIAMOND, 2020). Desse modo, é possível compreender que ao longo dos 8 anos no seu governo, teve muitas dificuldades de conciliar os interesses nacionais e econômicas da ilha. Já que cada vez mais a população ansiava por uma identidade nacional própria e não se contentavam com Ma, aumentando cada vez mais sua dependência econômica com a China.

Basicamente, mesmo que o Presidente Ma tenha desenvolvido as melhores relações com Pequim que um governo taiwanês teve em ¼ de século, encontrando-se em pé de igualdade com o Partido Comunista Chinês (CCP). Porém, os autores Templeman, Chu e Diamond (2020), afirmam que a sua política de aproximação entre as duas vias também desencadeou um retrocesso político interno, incluindo uma ocupação da legislatura liderada pelos estudantes e dificuldades para a superação da recessão econômica.

Tendo em vista, que Taiwan sofria uma forte pressão política, econômica e insatisfação popular em de 2013 até 2016, mesmo assim o governo de Ma Ying-jeou ainda buscou aproximação com a China e reconhecia a política de uma só China no Estreito (PIETRAFESA e SILVA, 2019) (TABELA 2).

Tabela 2: Relações políticas entre China e Taiwan, de 1996 até 2020

Ano	Status Político
1996	Status quo - unificação condicional futura
1997	Status quo - unificação condicional futura
1998	Status quo - unificação condicional futura
1999	Teoria de State-to-State
2000	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"
2001	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"
2002	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"
2003	Um país em cada lado do estreito
2004	Um país em cada lado do estreito
2005	Um país em cada lado do estreito
2006	Um país em cada lado do estreito
2007	Um país em cada lado do estreito
2008	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2009	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2010	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2011	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2012	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2013	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2014	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2015	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2016	Status Quo - Aceitação da política de "One China"
2017	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"
2018	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"
2019	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"
2020	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"
2021	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"
2022	Status quo - Não proponha a unificação, ou aceite a política "Uma só China"

Fonte: Adaptado pelo autor.

Dessa forma, compreende-se que o posicionamento de Taiwan sendo de uma maior aceitação da política de "*One China*" entre 2008 até 2016, faz com que Xi Jinping tome maiores medidas para aproximação com Taiwan. Como visto anteriormente, a regeneração nacional chinesa não irá ocorrer sem a unificação com Taiwan (RATO, 2020). Então, algumas dessas atitudes pacíficas que o Partido Comunista Chinês (PCC) pode utilizar é fazer com que a ilha, amplie sua dependência economicamente da China, e chegar em um ponto que Taiwan, não tenha escolha de decidir se irá acatar a sua soberania no sistema internacional. Já que a sua estrutura econômica ou de comércio, teria exclusivamente acesso chinês, e se transformaria em uma estrutura de uma só China nas relações entre os dois lados do Estreito (HUANG, 2017). Outro ponto, que pode afirmar a hipótese de Huang (2017) sobre a maior dependência econômica de Taiwan com os chineses, é que a China eleva, ainda mais, a sua participação (%) no comércio de Taiwan, entre 2008 e 2016 (PIETRAFESA e SILVA, 2019) (TABELA 3).

Tabela 3: Participação (%) da China no comércio de Taiwan, de 1996 até 2019

Ano	(%)
1996	1,68
1997	1,92
1998	2,29
1999	3,04
2000	3,63
2001	4,6
2002	7,44
2003	12,17
2004	15,13
2005	16,72
2006	17,94
2007	19,4
2008	19,81
2009	20,81
2010	21,46
2011	21,63
2012	21,27
2013	21,61
2014	22,14
2015	22,67
2016	22,54
2017	24,23

2018	24,28
2019	23,87

Fonte: (BUREAU OF FOREIGN TRADE, 2022).

Então, é visto que a China consegue ampliar seu *share* (%) na economia taiwanesa, o que reforça a hipótese de Huang (2017) sobre Xi Jinping objetivar que as cadeias produtivas e comerciais de Taiwan, necessitam ainda mais dos chineses, fazendo com que a institucionalização da China na ilha aumente, e assim reaproximando, contra as vontades políticas, de grande parte, dos taiwaneses, a política de “*One China*” no Estreito. Porém, ao mesmo tempo, que se tem um modo “pacífico”, ou seja, a China no governo de Xi Jinping submeter Taiwan sem conflitos de larga escala, tem também o lado hostil do posicionamento de Xi com Taiwan.

Então, para um maior aprofundamento do posicionamento de Xi Jinping no governo de Ma Ying-jeou, é utilizado o modelo de correlação de Pearson e regressão logística, que foram escolhidos para analisar como as variáveis explicativas do estudo influenciam a ação diplomática adotada por Pequim e Taiwan (PIETRAFESA e SILVA, 2019). Os modelos são utilizados para determinar as interações entre as variáveis escolhidas, com os efeitos do posicionamento dos chineses sobre a ilha, e consequentemente, uma concepção histórica propicia uma discussão aprofundada sobre o relacionamento das medidas do Estado chinês em relação à Taiwan.

Em relação as variáveis determinadas, a variável dependente são as ações diplomáticas taiwanesas em relação à China. A variável mostra a postura cooperativa ou conflituosa taiwanesa ordenada em três escalas diferentes, as gradações são: cooperativa, hostil e neutra. As ações foram coletadas de *Mainland Affairs Council* (MAC) e *Center for Strategic and International Studies* (CSIS), as atividades diárias do Cross-Strait agregam as ações diplomáticas, especialmente entre 1996 até 2016, totalizando 240 observações (PIETRAFESA e SILVA, 2019).

As variáveis independentes estão divididas em três dimensões: contexto internacional; política interna; e economia. A primeira dimensão analisa as ações diplomáticas chinesas e americanas relativas às relações entre os três governos (Estados Unidos, China e Taiwan) e o triângulo estratégico desenvolvido.

Já a segunda dimensão é a política interna. Para os autores Pietrafesa e Silva (2019), o contexto doméstico em Taiwan é também importante para compreender e explicar as mudanças e estabilidades nas relações entre a China e Taiwan. Assim, o período eleitoral, comércio e situação das relações dos países são chaves fundamentais para o modelo.

A terceira dimensão é a economia. Nas relações *Cross-Strait* após a democratização, há uma tendência que corresponde ao aumento do intercâmbio econômico entre China e Taiwan. Com a China tornando-se o maior parceiro econômico de Taiwan desde 2005 (PIETRAFESA e SILVA, 2019).

Com as dimensões definidas, é visto que se tem uma correlação forte para as mudanças de posicionamento chinês quando o outro lado do Estreito consegue acelerar sua economia, elevação do *share* (%) da China no comércio da ilha e mudanças políticas na relação triangular (PIETRAFESA e SILVA, 2019) (TABELA 4).

Tabela 4: Matriz de Correlação para o Crescimento Econômico de Taiwan, a Participação da China no Comércio Exterior de Taiwan e a Situação de Taiwan no Triângulo

Variáveis	Crescimento Econômico de Taiwan	(%) da China no Comércio Exterior de Taiwan	Situação de Taiwan no Triângulo
Crescimento Econômico de Taiwan	1,0	-0,228	-0,228
(%) da China no Comércio Exterior de Taiwan	-0,228	1,0	0,054
Situação de Taiwan no Triângulo	-0,248	0,054	1,0

Fonte: Adaptado pelo autor.

Dessa forma, mesmo que a correlação tenha sido feita especificamente de 1996 até 2016, é visto que os pontos mais sensíveis para Xi Jinping adotar um posicionamento mais agressivo com Taiwan, está ligado essencialmente ao crescimento econômico do país e participação da China na economia da ilha (PIETRAFESA e SILVA, 2019). Ou seja, no governo de Ma Ying-jeou, compreende-se que Xi Jinping queria interligar, cada vez mais, o comércio com a ilha. Sendo um ponto sensível para os chineses, já que seria uma forma de controlar um possível afastamento dos taiwaneses e maior aproximação econômica com o Ocidente (HUANG, 2017).

Tendo em vista que os chineses querem aumentar a dependência de Taiwan no comércio chinês, a partir disso, são calculadas as probabilidades dentro do modelo logístico, e os valores encontrados, representam o quanto que os taiwaneses podem ser hostis com os chineses (TABELA 5).

Tabela 5: Índices de probabilidade estimados para as variáveis dicotômicas do modelo logístico

Efeitos	OR
Diplomacia Chinesa - Hostil	$\exp(3,972) \cong 53,10$
Período Eleitoral	$\exp(-1,834) \cong 0,16$
Comércio Exterior	$\exp(-0,764) \cong 0,47$
Situação Triangular	$\exp(1,099) \cong 3,00$

Fonte: Adaptado pelo autor.

Portanto, permanecendo constante todas as outras variáveis, a chance da ação diplomática de Taiwan ser hostil quando a diplomacia chinesa é de aproximadamente 53,10 vezes maior do que a chance da ação de Taiwan ser hostil quando a atitude chinesa é cooperativa. O presidente Lee Teng-hui e Chen Shui-bian mudam drasticamente suas políticas de *Cross-Strait* durante suas administrações, devido aos constantes movimentos hostis da China. Ma Ying-jeou, por outro lado, teve melhores relações com a China, mesmo enfrentando forte insatisfação popular e perda de apoio no parlamento em seu segundo mandato presidencial (CHEN, 2009). E o modelo de regressão, evidencia que as ações mais agressivas chinesas, dificultam, ainda mais, as relações entre ambos os lados do Estreito.

Como mostra a análise de regressão, se a China continuar pressionando o governo taiwanês por ações hostis, é mais provável que a resposta não esteja na direção que os chineses gostariam que estivesse. A resposta mais provável será movimentos mais próximos de declarar a independência, mesmo sabendo que as autoridades taiwanesas são mais fracas em termos militares em comparação com as forças chinesas (PIETRAFESA e SILVA, 2019). Mas, ao longo dos anos, os americanos apoiam militarmente a ilha. De certo modo, é uma forma de Taiwan se preparar contra a ofensiva chinesa (HUANG, 2017). Ou seja, Washington pode estar tendo também uma política contrária ao sonho de regeneração nacional chinês, que é de reconquistar a província rebelde, que faz parte de seu território (VLADIMIR IVANOV, 2022).

4.2 Postura dos americanos sobre o sonho chinês e modernização militar taiwanesa

Como foi abordado, os Estados Unidos (EUA) vêm adotando algumas políticas contrárias ao “grande sonho dos chineses”. Segundo Escobar (2018), os EUA já começaram a ameaçar o Sonho Chinês. Porém, antes de entrar nas políticas adotadas pelos americanos para barrar o “*Dream China*”, é importante compreender os principais aspectos do sonho de regeneração nacional chinesa envolvendo essencialmente a questão de Taiwan.

A regeneração nacional é correlacionada com Taiwan. Desse modo, é visto que o Sonho Chinês só será alcançado se ambos os lados do Estreito forem reunificados (SILK, 2013). Em outras palavras, para Silk (2013), o sonho de regeneração nacional chinês não será completado até que Taiwan seja reunificado. Porque, a estabilidade do Estreito de Taiwan é essencial para a segurança da China continental. E, portanto, a unificação de Taiwan e China, é muito importante para as metas do sonho chinês.

Então, conforme Zhao (2014), o Sonho Chinês envolvendo Taiwan é conduzido com o sentimento de que a nação da Terra do Meio deve objetivar a preservação de sua identidade. Ou seja, não podem existir duas Chinas no Estreito. E o século da humilhação ainda perturba os chineses pelo poderio Ocidental (RATO, 2020).

Ainda lastima-se a grande derrota da China e de toda a Ásia diante do Ocidente modernizado e militarizado impulsionado pelo advento da Modernidade. O Sonho Chinês tinha se sustentado firme durante os períodos dinásticos, porém, no século XX (ainda que as influências venham desde o século XIX), com o final da dinastia Qing em 1911, o país foi ocidentalizado e terminou se entregando parcialmente à modernidade e aos seus valores, entrando em uma crise civilizacional tanto com o estabelecimento da república nacionalista de Sun Yatsen como com a Revolução Chinesa de 1949 protagonizada por Mao Tsé-Tung, que aderiram a valores ocidentais e modernos (ALVES e PASSOS, 2017).

O discurso de Xi Jinping proferido durante o 19.º Congresso do PCC, mostra que realmente a China preza pela unificação em ambos os lados do Estreito e ser uma forte hegemonia internacional sem aderir os valores do Ocidente, com isso estabeleceu algumas metas para concretizar o Sonho Chinês (SANTOS, 2022):

”...estabelecer uma sociedade moderadamente próspera até 2020, ser muito mais forte econômica e tecnologicamente de forma a tornar-se líder da inovação e terminar a modernização militar até 2035 e estar

resolvido o conflito com Taiwan e ser um país robusto e com forças militares de classe mundial até 2049. A China tem a ambição de ser uma grande potência, priorizando a estratégia marítima de proteção dos mares distantes. Por forma a potenciar o seu poder marítimo, a China tem apostado no aumento da tecnologia, no quantitativo dos seus navios e na construção de ilhas artificiais” (SANTOS, 2022).

Isto é, o Partido Comunista Chinês (PCC), quer ampliar seu poderio bélico, ao longo das próximas décadas, para tentar se tornar uma hegemonia internacional militar. Importante ressaltar, que a China já é um Estado com grande recursos de poder. Por exemplo, a Marinha chinesa é considerada a maior força naval do mundo (no que respeita ao número de meios navais), estando alinhada com o foco crescente da China no domínio marítimo (U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE, 2020). Desse modo, com as metas chinesas sendo cumpridas, poderia ameaçar muito mais Taiwan, reconquistar a ilha e restituir a grandeza nacional que foi suspensa no século da humilhação (RATO, 2020). Porém, seus planos podem ser ainda mais adiados ou barrados, já que Washington, tem apoiado e preparado os taiwaneses, em caso de invasão chinesa na região.

A história demonstra que a diplomacia taiwanesa conta com o apoio militar americano para lidar com a ameaça chinesa (PIETRAFESA e SILVA, 2019). Como foi discutido, a ajuda militar americana à Taiwan é um elemento que prevalece no uso da força chinesa contra a ilha para alcançar a unificação. O papel desempenhado por Washington mudou com o passar dos anos. Até a década de 1970, os EUA formaram uma aliança oficial com Taiwan contra a China, em 1979 o governo dos EUA mudou o reconhecimento diplomático para Pequim e estabeleceu uma cooperação informal com Taipé, esta estrutura proporcionou uma relação delicada entre os três durante a década de 1980 (PIETRAFESA e SILVA, 2019) e (YEUNG, GAN e JIANG, 2022).

Após a Guerra Fria, as relações entre os três atores se tornam mais instáveis e complexas, variando em ações específicas de cada lado (CLARK, 2011). Washington, de certa forma, tem garantido a segurança de Taiwan, e sendo o maior obstáculo para Pequim atingir a reunificação com a ilha, especialmente pelo uso da força (WOMACK, 2010), (DITTMER, 2011) e (WU, 2011). E umas das formas de interromper o sonho chinês é modernizar militarmente Taiwan. E isso pode ser considerado um aviso aos chineses, que caso invadam a ilha a força, os taiwaneses podem conseguir retaliar a ofensiva chinesa, já que conta com fortes importações de recursos bélicos dos EUA, essencialmente no governo Ma Ying-jeou (CARVAJAL, PRAJ e STROBEL, 2020) (TABELA 6).

Tabela 6: Exportações de armas dos Estados Unidos para Taiwan, em bilhões (\$) de dólares

Ano	Exportação de Armas (\$)	Eventos
2008	6,5 bilhões de dólares	Pequim cancelou o intercâmbio militar com os Estados Unidos.
2010	6,4 bilhões de dólares	A China ameaçou impor sanções às empresas americanas envolvidas na venda de armas.
2011	5,85 bilhões de dólares	Os jornais chineses acusaram a administração Obama de traição e o Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China advertiu que a consequência poderia ser um agravamento substancial das relações.
2015	1,83 bilhão de dólares	A China ameaçou penalizar as empresas de armamento.
2017	1,42 bilhão de dólares	Foi a primeira venda sob a administração da Trump. A China disse que a decisão estava em contradição com o "consenso" do Xi Jinping na Flórida.

Fonte: Adaptado pelo autor.

O governo de Ma Ying-jeou realizou diversas compras de armas dos Estados Unidos (TABELA 6). E umas das razões é também pelo interesse em atualizar seu sistema antiaéreo ou marítimo (CARVAJAL, PRAJ e STROBEL, 2020). A reação do governo Obama foi de aprovar um acordo de armas no valor de US\$ 5,85 bilhões em 2011. No entanto, recusou-se a vender 66 caças F-16 C/D para Taiwan, embora o Congresso e Taiwan já tivessem apresentado vários pedidos para a venda. A decisão foi tomada devido à oposição de Pequim à questão, que poderia levar à suspensão das trocas militares e provocar retaliações comerciais em relação aos EUA (VEGA, 2010). Mesmo que o apoio americanos diminuísse nos anos subsequentes, ainda continuaria auxiliando militarmente a ilha (BAUM, 2011) e (WENZHAO, 2017). Já que à luz das novas eleições em Taiwan em 2012, o governo Obama indicou que uma possível vitória do candidato da oposição DPP (Partido Democrático Progressista) poderia aumentar as tensões com a China. Além disso, havia dúvidas sobre a manutenção de uma posição cooperativa e estável, como havia sido o caso entre 2008 e 2012 (FIFIELD, KWONG e HILLE, 2011).

O presidente Ma Ying-jeou ganhou novamente a eleição. Isto foi considerado crítico, devido ao impacto sobre o futuro da economia de Taiwan, que havia prosperado na aproximação com a China (CARVAJAL, PRAJ e STROBEL, 2020). Ao contrário de apoiar o candidato "aliado" da China e melhorar os laços sino-americanos, correndo o risco de irritar os chineses, o Presidente Obama assinou uma legislação de apoio à campanha de Taiwan para aderir à Organização da Aviação Civil Internacional (OACI), uma organização do sistema internacional, uma forma de expandir as relações de Taiwan com o resto do mundo (ECKER e HOLLAND, 2013). Entretanto, indicou em suas declarações que eles apoiavam a filiação de Taiwan em todas as organizações onde a condição de Estado não era um requisito. Também declarou que esta legislação era consistente com a política de "uma só China", e que as relações com a República Popular estavam caminhando para o aprofundamento dos laços econômicos e das relações produtivas (ECKER e HOLLAND, 2013). Os EUA indicaram que encorajaram ambos os lados do Estreito de Taiwan a continuar construindo laços para reduzir as tensões (HSIU-CHUAN, 2014).

Entretanto, as relações EUA-China se tornaram tensas em 2015, quando foi aprovada outra venda de armas no valor de US\$ 1,83 bilhões para Taiwan. A RPC ameaçou novamente penalizar as empresas americanas responsáveis pela produção das armas e as envolvidas na venda.

Logo, o apoio dos EUA combinado com a modernização militar de Taiwan, pode fazer com que o sonho de regeneração nacional chinesa, seja interrompido, aos poucos, por também a ilha adotar maiores políticas Ocidentais em seu território já no segundo mandato de Ma, fazendo com que o sonho chinês seja ameaçado, pela nova postura dos taiwaneses (CARVAJAL, PRAJ e STROBEL, 2020). Com isso, a China pode objetivar uma maior modernização militar para poder, de certo modo, para continuar ameaçando e recuando Taiwan, mesmo que conte com o apoio americano.

4.3 Modernização militar chinesa e estratégias A2/AD

A modernização militar chinesa, pode ser considerada também uma resposta ao apoio bélico americano à Taiwan (SANTOS, 2015). Mais, uma outra ideia geral é de que, desde seu

próprio parecer da guerra, baseada essencialmente nas reformas de Deng Xiaoping ao final da década de 70, a China atentou-se as guerras de outros povos durante o século XX (SCHELP, 2015). Schelp (2015), ainda afirma que o país absorveu as lições e modelou seu perfil de forças para enquadrar as ameaças identificadas pelas suas lideranças militares e políticas. Mormente, a China teria avançado as capacidades A2/AD tanto a partir de seus padrões geoestratégicas, quanto também dos ensinamentos das guerras de outros países. De certa forma, colaboram para este exercício a Guerra das Malvinas, a qual mostrou a relevância das capacidades antinavio; a Crise dos Estreito de 1995-1996, ao evidenciar as vulnerabilidades dos navios chineses; e as Guerras do Golfo, que apresentaram o valor do supercomputador embarcado e também da munição guiada de precisão (SCHELP, 2015).

A Crise do Estreito de Taiwan de 1995-1996 teve diversos efeitos de testes com mísseis feitos pela República Popular da China (RPC) em águas circundantes de Taiwan, sendo uns dos objetivos de intimidar os esforços pró-independência do presidente Lee Teng-Hui, da ilha (SCHELP, 2015). Desse modo, os americanos mandaram uma frota militar para a região, tida como a maior desde a Guerra do Vietnã, em uma resposta aos ataques chineses. Segundo Schelp (2015), a expressiva demonstração de força dos EUA deixou claro a incapacidade da China de defender os interesses por meios convencionais e foi obrigada a reconhecer a obsolescência do seu arsenal frente a intervenções externas.

Esse fator, de certa forma, mostrou a forte necessidade de avançar capacidades que futuramente complicassem o pronto deslocamento de forças extrarregionais a adjacência estratégica chinesa. E é visto também como um expoente desse esforço de modernização dos chineses o míssil balístico antinavio DF-21D, "matador de porta-aviões", bem como o progresso das classes Song e Yuan de submarinos convencionais de ataque (SCHELP, 2015). A relevância da Guerra das Malvinas incide sobre a correspondência traçada com um possível conflito envolvendo Taiwan, preferência estratégica da China (SCHELP, 2015). E a experiência de combate de caráter assimétrico, mostra o protagonismo dos mísseis cruzadores antinavio e da aviação antinavio para a China, como visto no ataque argentino ao avançado *destróier* britânico, *HMS Sheffield* em 1982, e à embarcação *Atlantic Conveyor* em 1969, sinalizando a interdição das linhas marítimas de comunicação.

As operações *Desert Storm* e *Shield*, de 1991, e *Iraqi Freedom*, de 2003, por seu turno, tiveram reflexões chinesas, a respeito da condução do combate em guerras locais utilizando uso de tecnologia militar avançada. O êxito dos Estados Unidos na 1ª Guerra do Golfo está

fortemente relacionado ao emprego da digitalização, a partir do computador embarcado e da rede (SCHELP, 2015). As informações passam a ter papel essencial no campo de batalha, sendo geralmente, organizadas e dispostas por Sistemas Aéreos de Alerta e Controle (AWACS). A grande mudança na natureza da guerra é abrangida pelos estrategistas militares chineses e enfatizadas no Livro Branco de Defesa de 2004, a partir da referência às “guerras locais perante as condições de alta-tecnologia”. Então, de certa forma, é visto que a China aprendeu a modernizar as suas estratégias de combate, observando ou calculando, as guerras de seus adversários.

Visto que, a modernização militar chinesa é fruto do país observar as guerras de seus rivais e também em repostas ao apoio bélico americano para Taiwan (SANTOS, 2015) e (SCHELP, 2015). Então, antes de aprofundar, ainda mais, as estratégias ou modernizações chinesas de Antiacesso e Negação de Área (A2/AD), em resposta a Taiwan, é relevante entender o conceito de A2/AD, tendo em vista os fortes investimentos taiwaneses em recursos antiaéreos e marítimos para também a proteção de sua soberania regional.

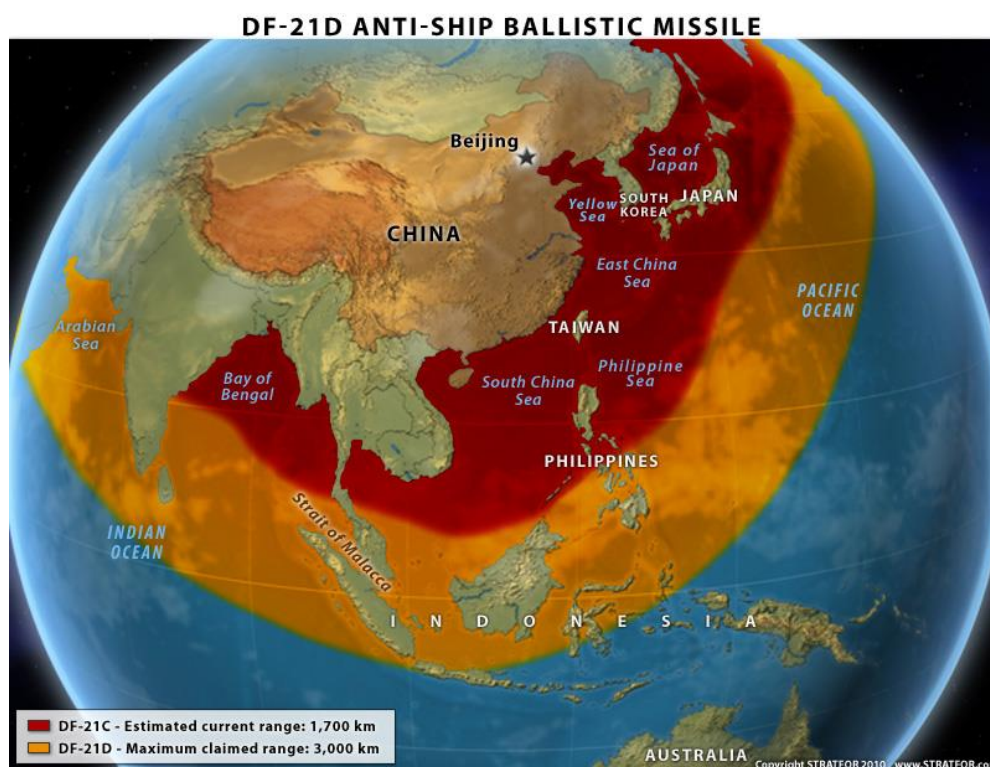
Como abordado anteriormente, pode-se notar que o desenvolvimento militar da China tem como foco uma estratégia assimétrica, que tem como objetivo compensar a fraqueza de um Estado, frente ao outro, por meio de uma estratégia defensiva de desabilitação da rede informacional do inimigo, quando se sustenta a sua própria (SANTOS, 2015). Relevante salientar, que mesmo que não tenha nenhuma menção aos conceitos de antiacesso e negação de área, nos documentos oficiais de doutrina da China, é encontrado concepções que expressam muitos princípios essenciais dessa estratégia – caso do ISSSO e do TADS, por exemplo. Além disso, outro semelhante que pode ser visto nas operações de “Contra-ataques Estratégicos Ativos em Linhas Exteriores” (ASCEL), colocando-se na ideia de juntar a defensiva e a ofensiva para tomar a iniciativa dentro da lógica da Defesa Ativa (WISHIK, 2011).

A abreviação A2/AD (*Anti-Access/Area Denial*) é fundamentado na correlação de dois métodos: Antiacesso e Negação de Área. O antiacesso consiste em ações ou capacidade de longa distância (>1.800km) dos países, para tentar evitar que as forças inimigas adentrem em suas operações. O alvo principal é evitar que forças estrangeiras se aproximem pelo ar ou pelo mar predominantemente (SCHELP, 2015). Já a abordagem de negação de área, é caracterizada por ações de curta distância (<1.800km) que visam limitar as capacidades das forças inimigas no teatro operacional e atua em todos os domínios (terra, mar e ar) (SCHELP,

2015). Mesmo que exista essa diferença mínima entre os dois conceitos apresentados, ainda sim, são fases da mesma estratégia.

De acordo com Santos (2015), a estratégia chinesa de A2/AD teria duas fases, simbolizada pelo míssil balístico DF-21D, que mostra claramente a divisão entre a realização dos sistemas de negação de área e antiacesso (FIGURA 1). Primeiro, a China iria lançar um ataque contundente a posições americanas no teatro de operações do leste do Pacífico, onde está localizado Taiwan, e caso de defesa dos estadunidenses em apoio a ilha. E consequentemente, adotar-se-ia uma postura bem mais defensiva (KREPINEVICH, 2010) e (TOL, 2010).

Figura 1: Alcance dos novos mísseis balísticos da China



Fonte: (KAZIANIS, 2012).

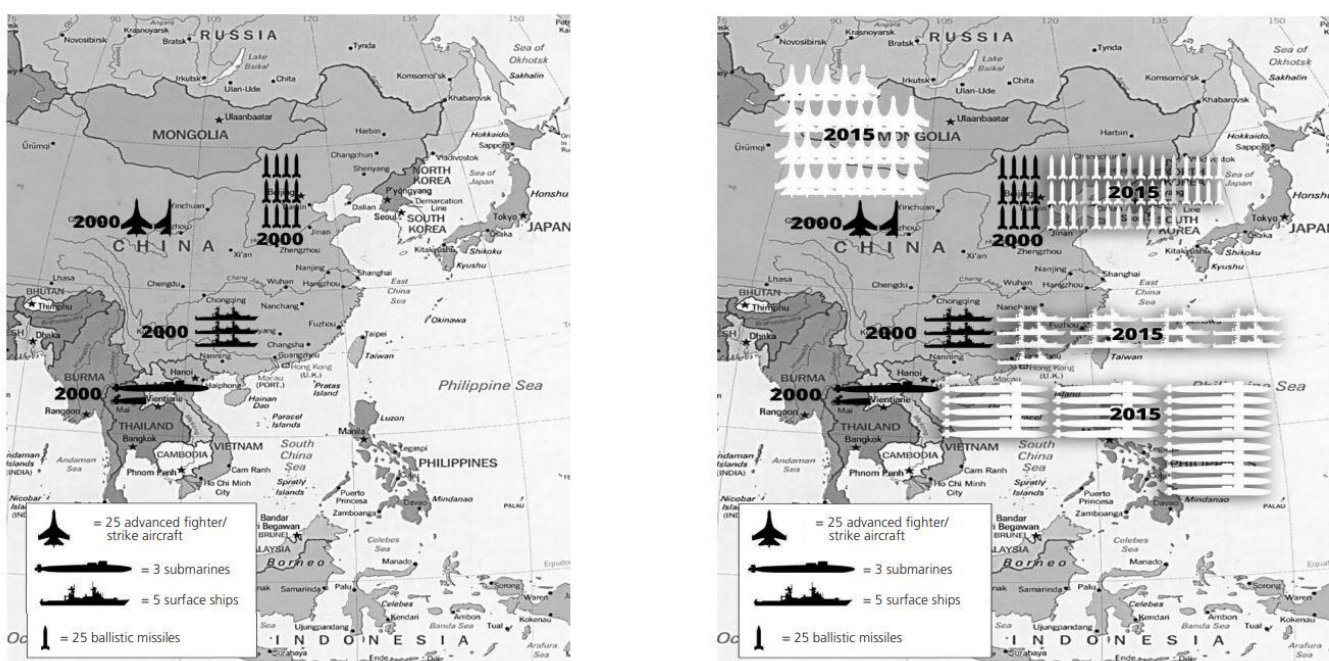
Segundo Santos (2015), este ataque inicialmente seria relevante para:

“(i) desabilitar a capacidade operacional estadunidense no espaço, da qual as Forças Armadas são altamente dependentes para seu sistema de C4ISR e guiagem de armas; (ii) ameaçar as bases dos EUA e aliados no Pacífico, destruindo aeródromos com mísseis balísticos e cruzadores; (iii) desabilitar os sistemas de navegação e comunicação dos porta-aviões, forçando seus grupos de ataque a recuarem para fora do teatro de operações; (iv) impedir a operação de submarinos em áreas litorâneas; (v) utilizar de artilharia antiaérea, mísseis superfície-ar e caças de quarta geração para dificultar o acesso ao espaço aéreo da área de operações, e (vi)

conduzir ciberataques para desabilitar as capacidades de comunicação, logística e controle dos EUA. Nesse ponto, os EUA seriam forçados a aceitar o fato e sentar à mesa de negociações ou seguir lutando apesar dos custos excessivamente elevados” (SANTOS, 2015).

Ou seja, é visto que a China conseguiu ampliar seu poderio militar e modernizar suas estratégias A2/AD, ao longo das últimas décadas, para poder também estabelecer sua hegemonia no Leste Asiático, duelar “frente a frente” com a superpotência americana e restaurar a sua glória que foi perdida, durante o século da humilhação (RATO, 2020). Dessa forma, é visto que o *upgrade* militar chinês também corrobora para uma maior dominação da China na região (FIGURA 2).

Figura 2: Evolução do poder chinês de 2000 até 2015



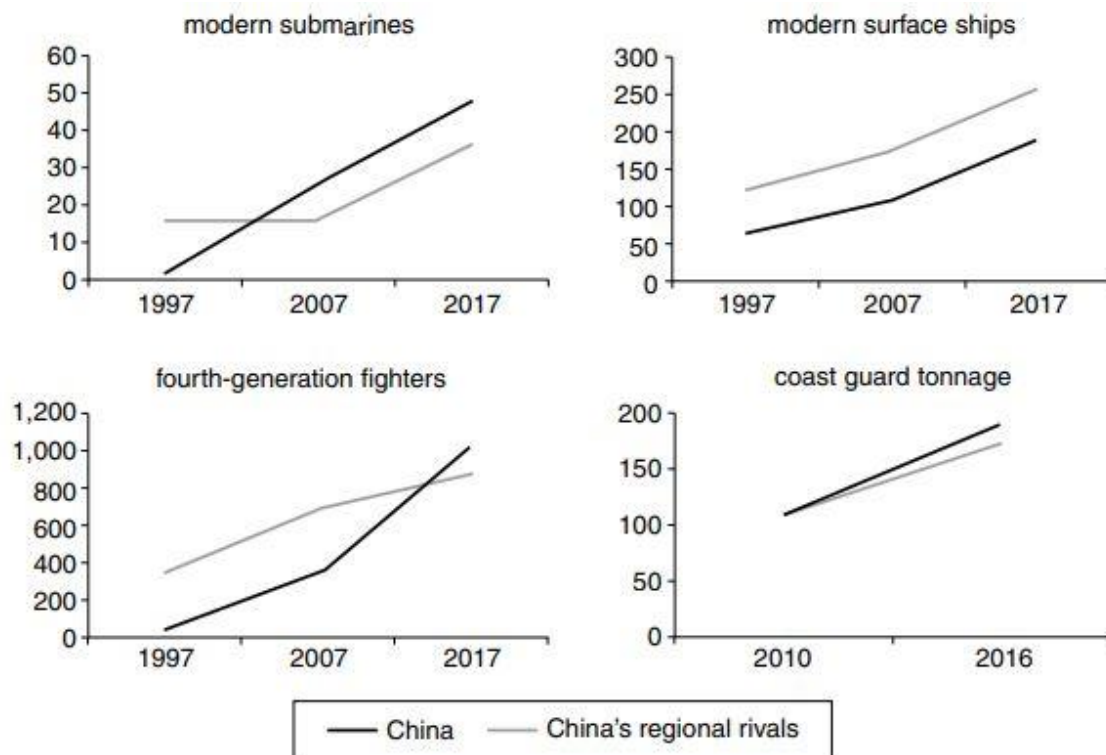
Fonte: (FANELL, 2019).

Claro que é possível perceber, o redesenho militar chinês trouxe paralelamente à modernização da *People's Liberation Army Navy* (PLAN), assim o padrão de suas operações tem sido alterado. Em vez de continuar seu papel como uma força naval costeira operando a 50 milhas náuticas (nm) da costa da China, hoje o PLAN foi empurrado para as águas azuis do Oceano Pacífico e mais além (FIGURA 2). Um exame das operações de águas azuis do PLAN durante os últimos 15 anos revela que "a ambiciosa modernização naval da China produziu uma força mais avançada tecnologicamente e flexível" (FANELL, 2019). Esta força naval em

evolução proporcionará a Pequim a capacidade de conduzir com sucesso uma campanha militar dentro da primeira cadeia de ilhas (por exemplo, para tomar Taiwan ou as Ilhas Senkaku) (FANEL, 2019). Porém, mesmo que tenha uma marinha poderosa no continente Asiático, segundo Beckley (2017), o país ainda não tem hegemonia marítima regional, o que pode dificultar a retomada das ilhas.

Apenas duas nações na história moderna estabeleceram a hegemonia marítima regional: os Estados Unidos desde os anos 1890 até o presente e o Japão nos anos 1930 e início dos anos 1940 (BECKLEY, 2017). Ainda, para Beckley (2017), estes casos sugerem que a China precisaria de dois aspectos para impor sua própria versão da Doutrina *Monroe* na Ásia Oriental: I) um monopólio regional do poder naval e II) uma maior presença militar nas costas que circundam os mares do Leste e do Sul da China. A China, no entanto, pode não está nem perto de atingir nenhum desses objetivos. Primeiro, quando os Estados Unidos e o Japão Imperial assumiram o controle de seus mares próximos, suas marinhas responderam por 80 a 99% da tonelagem naval em suas respectivas regiões (CRISHER e SOUVA, 2014). A marinha chinesa hoje, ao contrário, responde por menos de 30% da tonelagem naval da Ásia (FIGURA 3). Portanto, a marinha da China pode ser a mais poderosa da Ásia, mas não deve ser considerada um “poder policial” (BECKLEY, 2017).

Figura 3: Principais Plataformas da China e Países do Leste e do Sul da China que têm disputas territoriais com a China, 1997-2017



Fonte: (BECKLEY, 2017).

Então, por mais que a China venha se modernizando, pode ainda não estar preparada para uma invasão a ilha formosa, visto que ainda não é considerada uma hegemonia marítima (BECKLEY, 2017). Porém, o país tem estratégias que foram evoluindo desde o início do mandato de Xi Jinping, que podem sim auxiliar os chineses em caso de agressão aos taiwaneses.

4.4 Mudanças de estratégia chinesa em A2/AD

A percepção de superioridade é o fulcro sobre o qual a escolha de adotar uma postura antiacesso se inclina. No momento atual e no governo de Xi Jinping, a Marinha e a Força Aérea dos EUA são percebidas como superiores às forças marítimas e aéreas da China (TANGREDI, 2019). Assim, o *The People's Liberation Army* (PLA) se concentrou em desenvolver meios assimétricos para fortalecer a postura A2/AD chinesa - por exemplo, os Estados Unidos não possuem atualmente nenhum recurso equivalente aos mísseis balísticos de alcance intermediário (IRBMs) e mísseis balísticos anti-navegação (ASBMs) chineses (TANGREDI, 2019). Mas a literatura militar chinesa reconhece (embora às vezes indiretamente) a maior

experiência do exército americano e, por implicação, a capacidade em condições de alta tecnologia. A tremenda vitória na Operação Tempestade no Deserto, conhecida como Guerra do Golfo, promoveu esta percepção e motivou a revolução do PLA nos assuntos militares (CHENG, 2011).

Ao mesmo tempo, porém, o acúmulo militar da China, que se estende além dos sistemas A2/AD, tem sido tremendo e implacável (TANGREDI, 2019). A Agência de Inteligência da Defesa da China, estima que Pequim aumentou o orçamento do PLA em uma média de 10% ao ano de 2000 a 2016 (DIA, 2019). Mas tais estimativas são difíceis de comparar com os orçamentos militares ocidentais devido à falta de transparência, aos menores custos salariais e de mão-de-obra que alimentam a economia de exportação chinesa (TANGREDI, 2019). E outro fator, é que as falas do líder chinês, podem trazer uma maior compreensão estratégica de como o Estado pode estar desenvolvendo-se militarmente.

No 19º Congresso Nacional Chinês do Partido Comunista em outubro de 2017, o presidente chinês e líder do PCC Xi Jinping orientou o PLA a:

"se preparar para a luta militar em todas as direções estratégicas". Ele também estabeleceu "três referências de desenvolvimento ... tornando-se uma força mecanizada com maior capacidade informatizada e estratégica até 2020, uma força totalmente modernizada até 2035, e uma força militar de primeira classe mundial até meados do século" (DIA, 2019).

Como parte desta construção, o PLA adquiriu sistemas de armas destacáveis que as forças conjuntas dos EUA não possuem - os IRBMs e ASBMs descritos anteriormente, bem como mísseis anti-satélites em órbita (ASATs) e mísseis de cruzeiro que aumentam para 3 vezes a velocidade do som na fase terminal (SS-N-27 de projeto russo). A China também demonstrou vontade de entrelaçar mísseis com armas nucleares dentro de baterias de mísseis convencionais, e Tangredi (2019) afirma que é algo que os tomadores de decisão ocidentais jamais contemplariam. Ou seja, tendo um forte desenvolvimento estratégico militar no Estreito, diferente do avanço dos americanos na região.

Além disso, a China tem demonstrado cada vez mais a vontade de enviar forças navais para a frente (patrulhas antipirataria ao largo da África Oriental) e estabelecer bases para a frente (como em *Djibuti*) (TANGREDI, 2019). E, é claro, que construiu bases terrestres sobre o Mar do Sul da China que abrigam aeronaves militares, baterias de mísseis terra-ar, mísseis de cruzeiro antinavio, tanques subterrâneos de combustível e instalações de armazenamento de armas reforçadas (SHUGART, 2016). Estas atividades podem indicar um foco crescente no

desenvolvimento de capacidades de projeção de energia, algo que os tomadores de decisão ocidentais ou *policymakers* americanos temiam (TANGREDI, 2019). Mas, os Estados Unidos, ainda se firmam como uma grande força militar de apoio à Taiwan, desse modo, as mudanças estratégias chinesas podem não ser tão alarmantes.

Quando vistos isoladamente e não como avaliações mais abstratas das capacidades, estes indicadores parecem menos alarmantes: "O PLA não está perto de alcançar os militares americanos em termos de capacidades agregadas, mas não precisa alcançar os Estados Unidos para dominar sua periferia imediata" (TANGREDI, 2019). As vantagens conferidas pela proximidade complicam seriamente as tarefas militares dos EUA, ao mesmo tempo em que proporcionam grandes vantagens para o PLA em retomada de Taiwan (HEGINBOTHAM, NIXON, *et al.*, 2015).

No entanto, avaliações abstratas das capacidades revelam crescimento, além da paridade e desenvolvimento de capacidades ofensivas com maior alcance e maior número. Em 2017, "*the Chinese Navy became the world's largest, with more warships and submarines than the United States, and it continues to build new ships at a stunning rate. Though the American fleet remains superior qualitatively, it is spread much thinner*" (MYERS, 2018). Ou seja, para Myers (2018), não há garantias de que os Estados Unidos ganhariam um futuro conflito com a China, em relação à uma disputa por Taiwan. Mas, ainda assim, os EUA continuam sendo uma superpotência marítima que pode ocasionar adversidades para os chineses em caso de tentativa de invasão de Taiwan.

Tais respostas negligenciam o esforço da China para corresponder aos navios de guerra dos EUA e a capacidade de construí-los a um ritmo mais rápido. Em 2015, a marinha chinesa construiu seu equivalente ao cais de transferência expedicionária da Marinha dos EUA, apesar de o PLA ainda não ter a capacidade expedicionária para utilizar o navio de forma eficaz (YBANEZ, 2015). Em 2018, a Marinha da China instalou canhões eletromagnéticos, semelhante aos canhões ferroviários americanos em desenvolvimento desde 2005, em um navio de guerra para testes no mar (AXE, 2019). O debate sobre se a China superou o desenvolvimento desta tecnologia nos EUA, que era originalmente destinada a destruidores da *Zumwalt-class* (MIZOKAMI, 2018).

Independentemente disso, o tamanho da frota é importante. Mesmo que os navios americanos permaneçam mais capazes taticamente do que seus homólogos chineses, um navio não pode estar em dois locais ao mesmo tempo. A frota do PLAN poderá ultrapassar 400 navios

da força de combate até 2030, enquanto a Marinha dos EUA terá dificuldades para chegar a 355 (MIZOKAMI, 2018) e (JOE, 2019).

Tais desenvolvimentos não se limitam apenas uma eventual dominação pelo mar. As pesquisas da China sobre armas hipersônicas e inteligência artificial têm sido amplamente divulgadas (ECONOMIST, 2019) e (GRADY, 2019). Embora a mecanização das forças terrestres do PLA esteja por trás da dos Estados Unidos, fato que a China reconheceu, o PLA continua sendo o maior exército do mundo. E com o aumento da capacidade militar eventualmente levará a mudanças nas estratégias militares (HEGINBOTHAM, NIXON, *et al.*, 2015) (TABELA 7).

Tabela 7: Resumo das estratégias dos EUA e China, em relação a Taiwan

Capacidade Americana		Capacidade Chinesa	
Vantagem Principal		Vantagem principal	
Vantagem		Vantagem	
Paridade Aproximada		Paridade aproximada	
Desvantagem		Desvantagem	

Fonte: Adaptado pelo autor.

Então, com o *upgrade* do poderio militar chinês, pode-se fazer uma comparação histórica, para averiguar o quanto que os EUA e chineses podem tem vantagem ou não sob o outro, em caso de conflito com Taiwan (TABELA 8). Essa comparação é relevante, porque é pelo momento histórico que também conseguimos determinar o quanto que cada Estado se sobressai pelo outro, em questão de segurança e poder militar (HEGINBOTHAM, NIXON, *et al.*, 2015).

Tabela 8: Scorecard das estratégias dos EUA e China, em relação a Taiwan

Scorecard	Conflito com Taiwan			
	1996	2003	2010	2017
1. Ataques chineses às bases aéreas				
2. Superioridade aérea EUA x China				
3. Penetração do espaço aéreo dos EUA				

4. Ataques dos EUA a bases aéreas				
5. Guerra anti-superfície chinesa				
6. Guerra anti-superfície dos EUA				
7. <i>Counterspace</i> dos EUA				
8. <i>Counterspace</i> da China				
9. Guerra cibernética EUA x China				

Fonte: Adaptado pelo autor.

Observando para os resultados de todos os 9 cartões de pontuação, quatro tendências podem surgir para as estratégias A2/AD da China:

Primeiramente, desde 1996, o PLA tem feito enormes progressos e, apesar das melhorias introduzidas no exército dos EUA, a mudança líquida nas capacidades está se movendo em favor da China (HEGINBOTHAM, NIXON, *et al.*, 2015). Alguns aspectos da modernização militar chinesa, tais como melhorias nos mísseis balísticos, aviões de combate e submarinos de ataque, têm sido desenvolvidos mais rápido.

Segundo, as tendências variam por área de missão, e os ganhos chineses relativos não têm sido uniformes em todas as áreas. Em algumas áreas, as melhorias americanas deram aos Estados Unidos novas opções, ou pelo menos mitigaram a velocidade com que a modernização militar chinesa alterou o equilíbrio relativo (TABELA 8). (HEGINBOTHAM, NIXON, *et al.*, 2015).

Terceiro, é que as distâncias entre China e Taiwan, têm um grande impacto sobre a capacidade dos dois lados de atingir objetivos críticos. A capacidade chinesa de projeção de potência está melhorando, mas as limitações atuais significam que a capacidade do PLA de influenciar eventos e vencer batalhas diminui rapidamente além da gama de caças a jato e submarinos a diesel-elétrico (HEGINBOTHAM, NIXON, *et al.*, 2015).

E finalmente, o PLA não está perto de alcançar os militares dos EUA em termos de agregado, mas não precisa alcançar ou ser superior militarmente do que os Estados Unidos para dominar suas capacidades e seus interesses (HEGINBOTHAM, NIXON, *et al.*, 2015). Ou seja, a China pode dominar Taiwan, mesmo sem ser superior militarmente do que os EUA. Mas,

teria dificuldades, visto que os americanos apoiam belicamente os taiwaneses. E com a inédita eleição de Tsai Ing-wen, novo governo democrático, a ilha pode passar a ter uma maior afinidade com o Ocidente e se modernizar, ainda mais, com o apoio dos EUA, para estar preparada contra uma ofensiva chinesa e irritando Xi Jinping (SOUSA, 2022).

4.5 Taiwan independente? Discursos de Tsai Ing-wen e reação da perspectiva de segurança chinesa

Enquanto, que no período de Ma Ying-jeou e Obama, é visto as tensões com um grau menor em relação a China-Taiwan. Para Hernández (2016), a partir das eleições de Tsai Ing-wen, as relações entre China e Taiwan se complicaram muito mais. Nesta seção será mostrado uma maior elevação das tensões entre os Estreito e Estados Unidos (EUA), de 2016 até 2022.

As relações entre Pequim e Taipé atingiram o seu ponto mais tenso da história moderna desde a eleição do Presidente Tsai Ing-wen de Taiwan, em janeiro de 2016 (TRENT, 2020) e (HERNÁNDEZ, 2016). Por exemplo, em junho de 2016, a China pôs fim aos contatos oficiais com Taiwan por afirmar ao não compromisso da Presidente Tsai com a política de *One China* na região. A Presidente Tsai também atraiu a ira do Partido Comunista Chinês (PCC) durante a sua candidatura presidencial falhada de 2012 por se recusar a reconhecer o Consenso de 1992, que defende que tanto Taiwan como o continente acreditam fazer parte de "uma só China", mas permite que ambos os lados interpretem o significado de acordo com os seus princípios. A Presidente Tsai é também membro do Partido Democrático Progressista (DPP), que sustenta que Taiwan já é um Estado independente, portanto, não precisa de declarar formalmente a independência. (TIAN e LEE, 2020).

Apesar deste contexto, a Presidente Tsai tem defendido uma política transversal mais moderada desde as eleições de 2016, centrada na preservação do *status quo* (TRENT, 2020). A China, no entanto, não tem sido tranquilizada pela posição pública mais moderada do Presidente Tsai e continua desconfiada de que está determinada a mover Taiwan numa direção cada vez mais pró-independência. O Conselho de Assuntos do Interior de Taiwan mostra que o povo taiwanês se opôs resolutamente à proposta "um país, dois sistemas", pois ela "menospreza Taiwan e prejudica o *status quo* no Estreito de Taiwan" (TIAN e LEE, 2020).

Com isso, é visto que no discurso de Xi Jinping em 2019 sobre '*Message to Compatriots in Taiwan*', que novamente o presidente chinês pedia uma maior integração entre os dois lados do estreito, porém tornou-se uma questão divisória e difícil de se sustentar nas eleições presidenciais e legislativas de 2016 e 2020 e da sociedade em Taiwan (SUNG, 2021). Sung (2021) mostra que esta pressão, tornou-se tema de intensa discussão internacional e cobertura da mídia quando também Pequim insistiu que Taiwan fosse excluído da reunião de 2020 da Assembleia Mundial da Saúde (OMS) para discutir a pandemia da COVID-19. Muitos acharam esta demanda altamente problemática, uma vez que Taiwan provou ser um modelo de sucesso na contenção da doença sem impor um grande bloqueio ou prejudicar significativamente sua economia (SUNG, 2021).

Outro ponto, sobre a pressão que Taiwan sofreu da China, é de novamente os EUA inserirem Taiwan de forma mais incisiva em sua Agenda. Por exemplo, o Departamento de Estado dos EUA enviou colaboradores do mais alto escalão para visitar a ilha, entre 2020 e 2022, do que nas quatro décadas anteriores, incluindo o subsecretário de Estado, Keith Krach, secretário de saúde, Alex Azar e a presidente da câmara dos deputados, Nancy Pelosi (SUNG, 2021). Desde 2019, Washington também envia navios de guerra para navegar pelo Mar do Sul da China e pelo Estreito de Taiwan em uma série de operações rotineiras de "liberdade de navegação" (SUNG, 2021). Estes feitos americanos também se destinam a impulsionar o compromisso de segurança percebido por Washington em relação a Taiwan e buscar "um Indo-Pacífico livre e aberto", de acordo com uma declaração emitida pela Sétima Frota dos EUA (SUNG, 2021). É claro que isso mostra também um maior alinhamento de Taiwan com os americanos, o que enfurece o Xi Jinping (HERNÁNDEZ, 2016).

Taipei está muito consciente de que, com o Presidente Xi no poder (aparentemente a longo prazo), e os falcões chineses cada vez mais ascendentes em Washington, a era do "alinhamento duplo" acabou (SUNG, 2021). Entre 2016 até 2022, Taiwan continua com o seu alinhamento mais forte com os EUA, que não tem ambições territoriais em relação à ilha e não representa uma ameaça existencial. Mas ao fazê-lo, e pela própria admissão da presidente Tsai Ing-Wen, Taiwan é agora o "Estado da linha de frente" na rivalidade bipolar emergente - se não uma nova Guerra Fria - entre os EUA e a China (HUANG, 1981). Caso essa rivalidade estratégica se intensifique em conflito militar, por Tsai também não adotar a política de *One China*. Taipei seria vulnerável ao ataque do Exército de Libertação do Povo (PLA) (SUNG, 2021).

Segundo Glaser (2016), é improvável que a presidente Tsai Ing-wen satisfaça a demanda do continente chinês de abraçar o princípio de "uma só China". Tsai está confiante de que ela tem o apoio da maioria dos cidadãos de Taiwan, que são a favor da manutenção do *status quo* entre os dois lados do Estreito, mas não apoiam explicitamente o endosso de que a China e Taiwan pertencem a um país. As pesquisas de opinião pública confirmam isso. Uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Eleitorais da Universidade Nacional Chengchi, encomendada pelo governo de Taiwan, concluiu que 72,7% da população, não concordam com a afirmação da China de que ambos os lados do Estreito de Taiwan pertencem a "uma só China" (CHAI e HUANG, 2016).

É visto que Tsai provavelmente tentará encontrar um equilíbrio entre representar a opinião pública de Taiwan e dar segurança à China (GLASER, 2016). Há riscos de se inclinar demais em qualquer direção. Se Tsai aceitar as exigências da RPC, haverá ramificações a nível interno - ela perderia o apoio e potencialmente minaria sua capacidade de governar efetivamente. E Glaser (2016), afirma que por outro lado, se Tsai ignorar as exigências de Pequim, haverá consequências negativas para as relações políticas ou econômicas entre os dois lados do Estreito. Ainda mais, com Taiwan se "ocidentalizando", com forte influência política e econômica americana na ilha (SOUSA, 2022). E para Yeung, Gan, Jiang (2022), com os EUA trilhando um airoso caminho intermediário para auxiliar a ilha.

Até o momento, a política dos Estados Unidos em relação a Pequim e à administração entrante do Partido Democrático Progressista (DPP) têm sido deliberadamente imparciais ou ambíguas. As autoridades americanas têm repetidamente enfatizado que o interesse nacional fundamental dos Estados Unidos é a manutenção da paz e estabilidade em todo o Estreito de Taiwan (GLASER, 2016). A mensagem consistente da administração Obama foi de encorajar tanto Tsai Ing-wen quanto Xi Jinping a serem criativos e flexíveis, e a manter os canais de diálogo abertos.

Embora esta política tenha sido apropriada para o período que antecedeu as eleições de Tsai e suas consequências imediatas, agora é necessário recalibrar a posição dos EUA com base na nova situação (GLASER, 2016). É cada vez mais claro que Tsai Ing-wen está fazendo um esforço concertado para exercer criatividade e flexibilidade de modo a manter o *status quo* entre os dois lados do Estreito, mas Pequim está fazendo pouco para retribuir. Dados os interesses dos EUA na preservação de canais de comunicação abertos e estabilidade, os americanos poderiam adotar uma abordagem mais proativa e menos imparcial, segundo Glaser (2016). Não

fazer isso, pode levar Xi Jinping e o governo chinês a calcular mal a crença de que os Estados Unidos apoiam tacitamente a aplicação de pressão sobre Tsai Ing-wen, assim como apoiou tal pressão contra Chen Shui-bian (GLASER, 2016).

Com Taiwan tendo um alinhamento mais Ocidental desde as eleições de Tsai, têm-se diversas infrações chinesas sobre a soberania da ilha. Por exemplo, segundo Pandas (2019), embora muitos analistas tenham sugerido que as atividades de assédio aéreo da China em torno de Taiwan são para benefício operacional do exército de libertação popular (PLA), as atividades aéreas da China, nomeadamente, aumentam ao lado das ações de deciptação retórica oficial de Taipé e Washington que percebe para minar a posição do Partido Comunista Chinês (PCC). Como, a primeira violação da linha mediana em 20 anos, a 31 de março de 2019, parece ter sido provocada em parte por relatos de que a administração Trump se preparava para aprovar a venda de caças F-16V a Taiwan, e que a China se opôs (PANDA, 2019). Pequim foi ainda mais frustrada por Taipé e Washington quando o Presidente Tsai foi autorizado a transitar pelo Havaí em 24 de março, apesar dos fortes protestos de Pequim de que violava a política de "uma só China" (LEE e SIU, 2019).

Lee e Siu (2019), mostra que é provável que a China também esteja consciente de que os cidadãos de Taiwan estão gradualmente a afastar-se cada vez mais de aceitar a reunificação da política de “uma só China”. Nas eleições de 2020, os taiwaneses rejeitaram redondamente o candidato preferido de Pequim que defendia uma maior cooperação com o continente. Além disso, as sondagens mostram que as ações da China em Hong Kong têm contribuído para complicar os sentimentos taiwaneses em relação à reunificação (LEE e SIU, 2019).

A China ofereceu a Taiwan um caminho para a reunificação pacífica através de um "um país, dois sistemas", semelhante à forma como a China continental e Hong Kong têm funcionado nas últimas duas décadas, que a administração Tsai rejeitou (LEE, 2019). A China provavelmente percebe-se de que a sua violenta rachadura sobre os manifestantes pró-democracia de Hong Kong durante o último ano e meio, culminando na imposição ao povo de Hong Kong de uma nova lei de segurança nacional assinada em Pequim, minou essa oferta aos olhos do povo de cidadãos de Taiwan já cépticos (WANG, 2020). Como resultado, a China pode sentir cada vez mais que a pressão militar e a recordação de uma possível guerra é o único meio que lhe resta para moldar atitudes para a reunificação em Taiwan. Visto que é um país que utiliza a força historicamente (FEDDERSEN, 2013).

Neste contexto, as intrusões da China na *Air Defense Identification Zone* (ADIZ) de Taiwan atingiram um pico de febre em 2020, particularmente no verão que conduziu aos exercícios militares anuais de Han Kuang de Taiwan. Em julho de 2020, o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Taiwan, Joseph Wu, afirmou que os voos da China são uma fonte de grande preocupação para o governo de Taiwan, sugerindo, "o que a China está fazendo é preparar incessantemente o uso da força para resolver o problema de Taiwan" (ASSOCIATED PRESS, 2020). Wu argumentou ainda que a China está a sentir-se encorajada após a introdução da nova lei de segurança nacional em Hong Kong, que permitiu ao Partido Comunista Chinês (PCC) reprimir ainda mais as atividades pró-democracia e que apenas sinais claros da comunidade internacional poderiam dissuadir a China de continuar a escalar (TRENT, 2020).

A questão de Taiwan tem a ver com a reunificação da China e seu desenvolvimento a longo prazo, e a unificação é uma tendência inevitável no curso do rejuvenescimento nacional, mesmo que utilize a força e os EUA decidam proteger a ilha (CORDESMAN, BURKE e MOLOT, 2019). Nos últimos anos, as relações entre os Estreitos de Taiwan sustentaram uma sólida dinâmica de desenvolvimento pacífico, mas a causa raiz da instabilidade ainda não foi removida, e as forças separatistas da "independência de Taiwan" e suas atividades ainda são a maior ameaça ao desenvolvimento pacífico das relações entre os Estreitos de Taiwan (CORDESMAN, BURKE e MOLOT, 2019).

Mas, se os EUA decidirem defender Taiwan, precisa-se avaliar uma maior distribuição de capacidades, especialmente entre os EUA e a China como as grandes potências para descobrir que tipo de restrições a estrutura internacional irá infligir. Antes disso, precisamos ver o modelo de relações EUA-Taiwan-China a princípio. Para Lawrence (2019), neste triângulo, a política dos EUA é conhecida como ambiguidade estratégica de que os EUA reconhecem a República Popular da China (RPC) como o único governo legal da China, mas não endossaram que existe apenas uma China ou Taiwan faz parte da China, mantendo relações não oficiais com Taipei através do Instituto Americano na China (AIT), que desempenha muitas das mesmas funções que as embaixadas dos EUA.

Lawrence (2019) afirma que como os EUA sabem que a China provavelmente unificará Taiwan pela força, como parte de sua ambiguidade estratégica então de acordo com as disposições da Lei de Relações de Taiwan (TRA), Washington sem consultar a RPC disponibilizará a Taiwan instrumentos e serviços de defesa que possam ser necessários para uma capacidade suficiente de autodefesa, e o Presidente dos EUA é instruído a informar

prontamente o Congresso sobre qualquer ameaça ao povo de segurança de Taiwan, então ambos determinarão a ação apropriada, mas a TRA não exige que Washington defenda Taiwan (LAWRENCE, 2019).

Também podemos avaliar o impacto da capacidade militar de distribuição EUA-China no campo. Em primeiro lugar, no mar, os navios chineses superam em número os da Marinha dos EUA, o que dificulta a tomada da costa chinesa. Para fechar esse problema de domínio marítimo, os EUA precisarão de mísseis terra-a-terra, infelizmente os EUA não possuem IRBM ou MRBM, enquanto isso, a China é mais capaz nesse domínio (HAKIM, 2021). As alternativas para os EUA, confiando no domínio aéreo que os EUA superam a China em número de caças de ataque terrestre 1000 do que 866, infelizmente em bombardeiros e caças China à frente dos EUA em 176 do que 139 e 517 do que 261, mesmo para aeronaves com capacidade total de combate, a China possui 2.367 do que os EUA com apenas 1.543. Por esta comparação militar, neste cenário simples, podemos concluir que a estrutura internacional desencoraja os EUA a defender Taiwan, mesmo que Joe Biden, declare forte apoio militar à ilha em caso de invasão chinesa (HAKIM, 2021).

Porém, parte da estratégia chinesa de "zona cinza" para pressionar e intimidar Taiwan enquanto se mantém abaixo do limiar da guerra, a China intensificou as operações aéreas e navais perto da ilha, especialmente em as consequências da reeleição do Presidente Tsai Ing-wen em janeiro de 2020. Os aviões de combate e bombardeiros do Exército de Libertação Popular (PLA) frequentemente circum-navegam a ilha como uma demonstração de força e para testar as respostas de Taiwan. Nos primeiros oito meses de 2020, os aviões militares chineses entraram 20 vezes na zona de identificação de defesa aérea de Taiwan (ADIZ). Até 7 de Outubro, a China tinha conduzido 49 aeronaves militares na linha central do Estreito de Taiwan, depois de o ter atravessado deliberadamente em março de 2019, pela primeira vez em duas décadas (YU e YEH, 2020).

A China também navegou pelo estreito em várias ocasiões nos últimos anos, acompanhados por navios de escolta (GLASER, BUSH e GREEN, 2020). Isso também pode mostrar que desde 2016 até 2022 as relações entre China-Taiwan, estão se desgastando e está em um nível elevado de tensão, até pelos investimentos recentes de Taiwan em compras de armas americanas, ao longo dos períodos, alinhamento de Taiwan para política Ocidental e do aumento de gasto do Estado taiwanês para sua defesa.

Taiwan gasta atualmente cerca de 2,3% do PIB em suas forças armadas, com um orçamento para o ano fiscal de 2020 de US\$ 11,4 bilhões dividido em pessoal (US\$ 5,2 bilhões, 46%), operações (US\$ 3,1 bilhões, 27%) e tecnologia de defesa e programas de aquisição (US\$ 3,1 bilhões, 27%) (GLASER, BUSH e GREEN, 2020). O Presidente Tsai reverteu a tendência de declínio dos gastos militares como porcentagem do PIB, mas o orçamento da defesa continua a ficar aquém da meta de 3% do PIB, que foi prometida pela primeira vez pelo Presidente Ma Ying-jeou em 2008 e reafirmada pelo Presidente Tsai quando tomou posse. O orçamento militar proposto para o ano fiscal de 2021 foi de US\$ 12,4 bilhões, um aumento de cerca de 4,4%, o que se compara com um orçamento militar da RPC estimado pelo Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo (SIPRI) em US\$ 261 bilhões para 2019. Taiwan planeja uma aceleração de mais de US\$ 1,9 bilhão em gastos relacionados à defesa no ano fiscal de 2022 (GLASER, BUSH e GREEN, 2020).

Com esse cenário de aumento de capacidade de Taiwan, do alinhamento maior a política ao Ocidental e sabendo China possivelmente irá invadir a ilha, por ter um histórico de uso de força (FEDDERSEN, 2013). A pergunta que fica é se os EUA irão defender Taiwan contra a invasão da China? Na prática, a primeira prioridade é apoiar Taiwan (BECKLEY, 2020). Absorver Taiwan é o principal objetivo da política externa da China, e os preparativos para conquistar a ilha consomem um terço do orçamento de defesa da China. Se a China subjugasse Taiwan, ganharia acesso à sua indústria de semicondutores de classe mundial e libertaria dezenas de navios, centenas de lançadores de mísseis e aviões de combate, e milhares de milhões de dólares de defesa para causar mais estragos no terreno (BECKLEY e BRANDS, 2021). A China poderia utilizar Taiwan como um "porta-aviões insubmersível" para projetar poder militar no Pacífico ocidental, bloquear o Japão e as Filipinas, e quebrar as alianças dos EUA na Ásia Oriental. Não menos importante, uma agressão bem-sucedida eliminaria a única democracia chinesa do mundo, eliminando uma ameaça persistente à legitimidade do PCC. Taiwan é assim o centro de gravidade na Ásia Oriental: Tal como vai, assim vai a região (BRANDS, 2020).

Durante décadas, a China tentou comprar a reunificação, forjando laços económicos com Taiwan e subornando países para cortar relações diplomáticas com a ilha (BECKLEY e BRANDS, 2021). Mas, muitos países democráticos estão a reforçar os laços com Taiwan, cujo povo parece mais determinado do que nunca em manter a sua independência (EISENMAN, 2020). Consequentemente, a China está a brandir a sua opção militar. Nos últimos dois meses, tem levado a cabo a demonstração de força mais sustentada no Estreito de Taiwan, do que num

quarto de século (BECKLEY, 2020). Os aviões de combate e navios navais chineses percorrem o Estreito, violando frequentemente a sua linha mediana. Uma invasão ou campanha coerciva pode não ser iminente, mas a sua probabilidade está a aumentar.

Taiwan é uma fortaleza natural, mas as forças taiwanesas e americanas estão mal equipadas para a defender, porque dependem de pequenos números de aviões, navios e tanques avançados que operam a partir de grandes bases - precisamente as forças que a China pode destruir com uma barragem de ar e mísseis (MURRAY e EASTON, 2019).

Os *policymakers* e especialistas americanos apelam aos Estados Unidos para que garantam formalmente a segurança de Taiwan, mas tal promessa equivaleria a uma conversa barata - e potencialmente provocadora - se não apoiada por uma defesa mais forte (HAASS e SACKS, 2020). Para esse fim, os Estados Unidos poderiam tomar várias medidas contra a China.

Primeiramente, segundo Beckley (2017), Washington deve dispersar e endurecer as suas infraestruturas de base na Ásia Oriental, a fim de reduzir a vulnerabilidade das forças em posição avançada e obrigar a China a travar uma guerra à escala regional para as neutralizar. Deveria também colocar redes de lançadores de mísseis e drones armados que poderiam dizimar uma invasão ou forçar um bloqueio chinês no início de uma guerra. A prioridade deveria ser a rápida aquisição e implantação dos sistemas existentes: Se cortar as forças terrestres, a construção naval, e a investigação e desenvolvimento militar é o preço da implantação de mísseis, *lethal drones*, e minas inteligentes perto de Taiwan. A América já não pode prosseguir uma estratégia baseada no controle absoluto do Pacífico ocidental. Mas, ainda pode negar a agressão chinesa, onde ela mais importa (BECKLEY, 2017).

Em segundo lugar, a América precisaria ajudar Taiwan a lutar assimetricamente. Taiwan deve dedicar o seu limitado orçamento de defesa à aquisição de enormes arsenais de lançadores de mísseis móveis, drones armados e minas; desenvolver um exército que possa mobilizar dezenas de milhares de tropas para qualquer praia numa hora, apoiado por uma força de treinada para combater a guerrilha nas cidades de Taiwan; e manter abrigos e reservas para uma população psicologicamente preparada para enfrentar um conflito sangrento (BECKLEY, 2017). O Pentágono pode apressar esta transição, fazendo corresponder os investimentos de Taiwan em infraestruturas militares vitais, doando munições para Taiwan reforçar as suas forças ativas e de reserva, e expandindo a formação conjunta em defesa aérea e costeira e em guerra anti-submarina e de minas (BECKLEY e BRANDS, 2021).

Por fim, em terceiro lugar, a América deve reforçar a sua presença militar perto, e talvez em Taiwan. O Pentágono deveria manter uma presença naval quase constante na área como sinal da determinação dos EUA, mesmo que isso signifique confiar sobretudo em pequenos navios de superfície (BECKLEY e BRANDS, 2021). Os Estados Unidos deveriam também considerar a instalação de mísseis terra-ar e antinavegação em Taiwan. Tal passo pode não ser necessário; Taiwan tem mísseis avançados próprios, e os militares dos EUA podem ser capazes de gerar poder de fogo suficiente através da projeção de navios de superfície e barcas de mísseis nas proximidades do Estreito de Taiwan. Mas, se uma análise cuidadosa mostrar que estas forças não são suficientes para transformar o estreito numa zona interdita, então Washington poderá colocar mísseis adicionais em Taiwan. Estas forças não só forneceria atiradores adicionais em tempo de guerra como também atuaria como um fio de viagem americano que poderia dissuadir a agressão chinesa (BECKLEY, 2017).

Claro que são algumas medidas que os americanos poderiam tomar, em caso de agressão chinesa contra Taiwan. Porém, como já abordado no projeto de iniciação científica, Washington vem adotando políticas de ambiguidade na relação triangular. Ou seja, ainda não definiu melhor sua postura política de apoio ou de ataque contra China ou Taiwan (YEUNG, GAN e JIANG, 2022). Por mais que os EUA venham apoiando mais a “ilha formosa”, o questionamento que fica é se o posicionamento no governo de Joe Biden está mudando a ambivalência ou se ainda persiste na política tradicional com ambos lados do Estreito?

4.6 Posicionamento de ambiguidade dos americanos e mudanças na postura sobre a defesa da ilha no governo de Joe Biden

Bom, é visto que, Joe Biden vem mudando seu posicionamento em um maior apoio a Taiwan. Diferente da estratégia de ambiguidade de seus antecessores, como Barack Obama e com maior proximidade da política de Donald Trump (SOUSA, 2022) e (LIPTAK e JUDD, 2022).

Por exemplo, Joe Biden percorreu mais uma vez as águas geopolíticas do Leste Asiático, com sua última declaração sobre a política dos Estados Unidos em relação a Taiwan. Em uma conferência de imprensa em 23 de maio de 2022, durante sua visita ao Japão, Biden indicou

fortemente que iria mais longe em nome da defesa de Taiwan do que tem estado disposto a fazer em relação à Ucrânia. É uma distinção significativa e uma escalada do compromisso dos Estados Unidos com Taipei (CARPENTER, 2022).

Biden tem se recusado firmemente a enviar forças americanas para a Ucrânia, embora Washington tenha fornecido dezenas de bilhões de dólares em armas, bem como assistência de inteligência para ajudar Kiev a derrotar as forças russas. Quando o presidente americano foi perguntado: "se está disposto a se envolver militarmente para defender Taiwan?" Biden respondeu sem rodeios: "Sim". Parecia não haver nenhuma renúncia também. "Você está?" o repórter deu seguimento, deixando claro que ele estava falando sobre a intervenção militar direta dos EUA. "Esse é o compromisso que assumimos", respondeu Biden (CARPENTER, 2022). Ou seja, de certo modo, tem postura semelhante com Trump, que também continuava a vender armamento militar e apoiando os taiwaneses, mesmo sofrendo com a ameaça chinesa (CARVAJAL, PRAJ e STROBEL, 2020).

Muitos aspectos da atual política de Biden em relação à China nos primeiros 10 meses de mandato, caracterizavam-se mais por uma continuidade do que por um acentuado afastamento da abordagem do seu antecessor (KUEHN, 2021). Como resume, Andrew Nathan, cientista político sobre China da *Columbia University*: "A administração Biden herdou a definição oficial da Administração Trump da China como um 'concorrente estratégico'. Conservou as tarifas de importação de Trump, o esforço para construir o '*Quad*', para exercícios militares e reforçou as patrulhas navais no Mar do Sul da China" (NATHAN, 2021). Contudo, Nathan (2021), salienta também que, ao contrário de Trump, estas medidas individuais foram incluídas numa estratégia mais ampla e coordenada para reforçar a posição dos EUA na Ásia Oriental. Ademais, se tem mais estratégias que englobam o reforço a longo prazo da competitividade dos EUA em ambos lados do Estreito; como a reconstrução e reforço de alianças regionais com parceiros que o volátil bilateralismo de Trump tinha alienado; o aumento da independência da economia dos EUA em relação à China; uma maior concentração substantiva nos valores democráticos e nos direitos humanos; e, a tentativa de encontrar áreas em que a cooperação EUA-China seja possível e necessária (KUEHN, 2021).

Dentro destas estratégias, os aspectos simbólicos, políticos e militares da política dos EUA para Taiwan podem ser considerados cruciais. Simbolicamente, Biden assegurou-se de enviar um forte sinal de apoio a Taiwan logo no seu primeiro dia no cargo, convidando, pela primeira vez desde 1979, o embaixador de Taiwan, Hsiao Bi-khim, para a cerimônia de tomada

de posse presidencial (KUEHN, 2021). Além disso, em março de 2021, o embaixador dos EUA em Palau tornou-se o primeiro enviado dos americanos em serviço a visitar Taiwan desde o corte dos laços formais. Mais importante ainda, porém, a equipe de Biden declarou repetidamente o seu compromisso de honrar as obrigações políticas e militares dos EUA para com Taiwan ao abrigo do TRA - sobretudo tal como o próprio Biden o encapsulou na supracitada reunião da cidade. Ao mesmo tempo, a administração Biden assegurou-se de sublinhar que os princípios gerais da política dos EUA para Taiwan não mudaram. Em Julho de 2021, por exemplo, o coordenador Indo-Pacífico de Biden no Conselho de Segurança Nacional, Kurt Campbell, declarou que "apoiam uma forte relação não oficial com Taiwan e não apoia a independência de Taiwan" (EVERINGTON, 2021).

Politicamente, a política de Taiwan de Biden incluiu negociações bilaterais centradas no restabelecimento dos EUA como um parceiro fiável, bem como tentativas multilaterais de internacionalização da "questão de Taiwan" e de ouvir a voz dos taiwaneses, sem alterar o *status quo* formal, segundo Kuehn (2021). Em termos de relações bilaterais, em junho de 2021, por exemplo, *American Institute* em Taiwan anunciou que as negociações sobre um Acordo de Comércio e Investimentos, seriam retomados após o hiato de 4 anos sob Trump. Em termos de internacionalização da "questão de Taiwan", a segurança do país, bem como a "paz no Estreito de Taiwan", têm-se destacado em contextos bilaterais e multilaterais, tais como participações em reuniões do G7 em Junho de 2021 ou as reuniões de Biden com líderes de democracias estabelecidas na região. Em Abril de 2021, por exemplo, Biden e o primeiro-ministro japonês, Suga Yoshihide, emitiram uma declaração conjunta que incluiu a primeira referência direta a Taiwan nos documentos EUA-Japão desde 1969 (KUEHN, 2021). Além disso, a administração Biden tem instado repetidamente os parceiros a aumentar o acesso de Taiwan a organizações internacionais - incluindo as do sistema das Nações Unidas, tais como a Organização Mundial de Saúde (KUEHN, 2021).

Kuehn (2021) afirma que, a política de Taiwan de Biden inclui um forte elemento militar destinado a assinalar a posição resoluta dos EUA contra a China e o seu empenho em reforçar a capacidade de Taiwan para se defender. Para começar, isto incluiu um aumento da atividade militar dos EUA - especialmente operações navais em águas internacionais em torno de Taiwan. Entre o início de mandato de Biden e até perto do final de 2022, por exemplo, os navios da Marinha dos EUA tinham transitado 10 vezes pelo Estreito de Taiwan nas chamadas patrulhas da liberdade de navegação (KUEHN, 2021). Tal envolvimento militar envolve também a cooperação direta com as forças armadas taiwanesas. Um exemplo é o memorando bilateral

entre os EUA e Taiwan, de março de 2021, para estabelecer formalmente uma cooperação estreita entre as respectivas guardas costeiras. Em agosto de 2021, pela primeira vez desde 1979, um oficial militar norte-americano apareceu na televisão taiwanesa, tranquilizando o público da estreita cooperação militar entre os EUA e Taiwan nas áreas da segurança nacional, ajuda humanitária e assistência em catástrofes (KUEHN, 2021). E perto do início de 2022, o *Wall Street Journal* noticiou que as Forças de Operações Especiais dos EUA tinham estado destacadas em Taiwan durante pelo menos um ano ou até 2023 para conduzir uma formação de pequenas unidades para as forças terrestres de Taiwan (KUEHN, 2021).

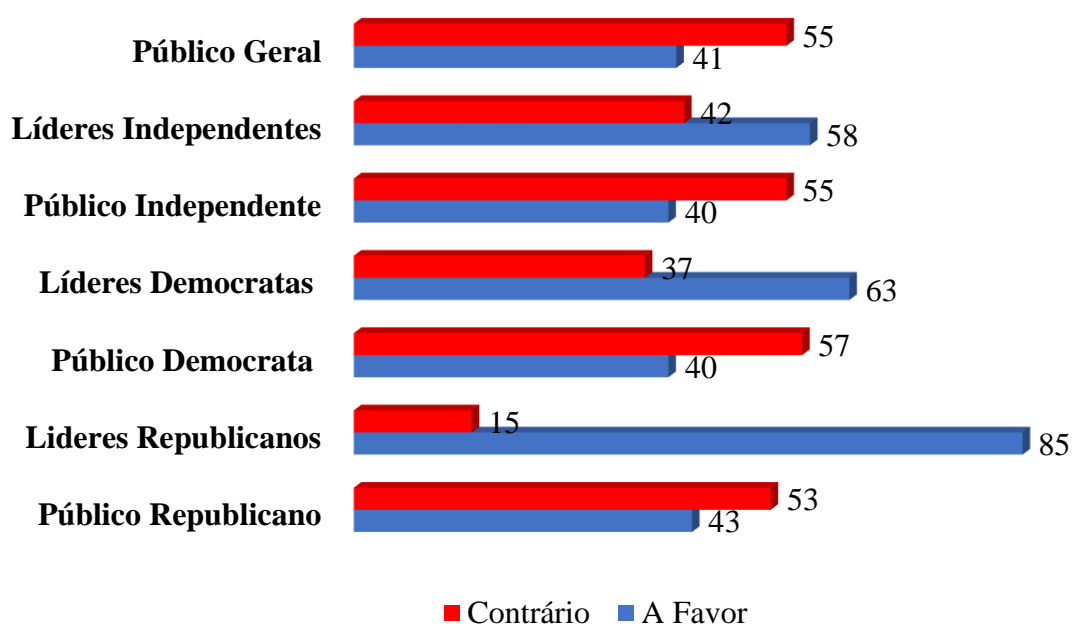
Nenhuma destas medidas constitui passos radicais - o programa de treino militar, por exemplo, já estava em curso há mais de uma década, segundo o antigo presidente de Taiwan, Ma Ying-jeou (KUEHN, 2021). No entanto, no seu conjunto, são sinais poderosos destinados a tranquilizar os militares e o público taiwanês - bem como a China - do apoio "sólido" dos EUA. Finalmente, e dentro do mesmo espírito, a administração Biden deixou claro que não haverá proibição de venda de armas a Taiwan. Em Agosto de 2021 foi anunciado o seu primeiro negócio de armas com Taiwan, que incluía a venda de 40 *howitzers* autopropulsionados e equipamentos afins, com valor total estimado de 750 milhões de dólares (KUEHN, 2021).

Em conjunto, estes gestos e políticas substantivas melhoraram consideravelmente a opinião pública taiwanesa em relação a Biden. Numa pesquisa realizada em abril de 2021 por *Taiwan Public Opinion Foundation*, 57,8% dos inquiridos responderam que tinham uma opinião "muito boa" ou "boa" de Biden desde que este tomou posse. Entretanto, 21,7% disseram que tinham uma opinião "pouco ruim" ou "muito ruim" do 46º presidente dos EUA (KUEHN, 2021). Estas tendências manifestaram-se também na pesquisa de *Gallup*, na qual 45% dos entrevistados de Taiwan declararam que aprovavam o desempenho profissional da liderança dos EUA (em comparação com 20% de reprovação) em 2021 (KUEHN, 2021). Assim, as pesquisas sugerem que a maioria dos taiwaneses continuam confiantes de que os EUA irão apoiar militarmente o seu país na eventualidade de uma invasão chinesa. Mesmo após a retirada precipitada das forças dos EUA do Afeganistão em setembro de 2021, um inquérito conduzido pelo Centro de Estudos Eleitorais da Universidade Nacional Chengchi de Taiwan (NCCU) concluiu que 70,4% acreditavam que a promessa de proteção dos EUA seria honrada (KUEHN, 2021).

Um outra pesquisa realizada por *Chicago Council Surveys*, mostra o quanto que a eleição de Biden ainda persiste na política de apoio à Taiwan, tendo base, o seu antecessor.

Então, é visto que o apoio à defesa de Taiwan de uma invasão chinesa não se divide em linhas partidárias. Em vez disso, a linha divisória é entre os líderes de opinião e o público. As majorias dos líderes de opinião, incluindo republicanos (85%), democratas (63%), e independentes (58%) favorecem a utilização de tropas norte-americanas para defender Taiwan da invasão chinesa. Em contraste, apenas 4 em cada 10 entre o público (41%) favorecem fazê-lo, incluindo proporções semelhantes de Republicanos (43%), Democratas (40%), e Independentes (40%). Embora o apoio público à defesa de Taiwan tenha aumentado notavelmente nos últimos anos, passando de 26% de apoio em 2014 para 41% atualmente (FIGURA 4) (KAFURA, SMELTZ e BUSBY, 2021).

Figura 4: Apoiaria ou se oporia à utilização de tropas dos EUA? Caso a China invadisse à força Taiwan (% favor)



Chicago Council Surveys: Agosto – Setembro de 2020 | n = 774 Público: Julho 2-19, 2020 | n = 2.111

Fonte: Adaptado pelo autor.

Logo, é visto que Biden continuará apoiando cada vez mais os taiwaneses, para poder defender em um possível ataque chinês contra Taiwan, visto que também faz parte de um partido com grande maioria que deseja ajudar a ilha (KAFURA, SMELTZ e BUSBY, 2021) e (SOUSA, 2022). Por exemplo, Nancy Pelosi, presidente da câmara dos deputados dos EUA,

visitou o país e garantiu que os americanos irão assegurar uma maior estabilidade do Estreito, com a preservação da soberania de Taiwan na região (SOUSA, 2022). Ou seja, novamente reforçando, um certo afastamento da política de ambiguidade, para um maior suporte dos estadunidenses ou do governo de Biden, aos taiwaneses. Claro que esse forte apoio político ou militar para Taiwan, pode ocasionar complicações ao comércio entre China-Estados Unidos-Taiwan, assim também podendo ter efeitos negativos nos Acordos comerciais e consequentemente na economia (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015).

5 BALANÇO DA ECONOMIA INTERNACIONAL ENTRE CHINA, ESTADOS UNIDOS E TAIWAN

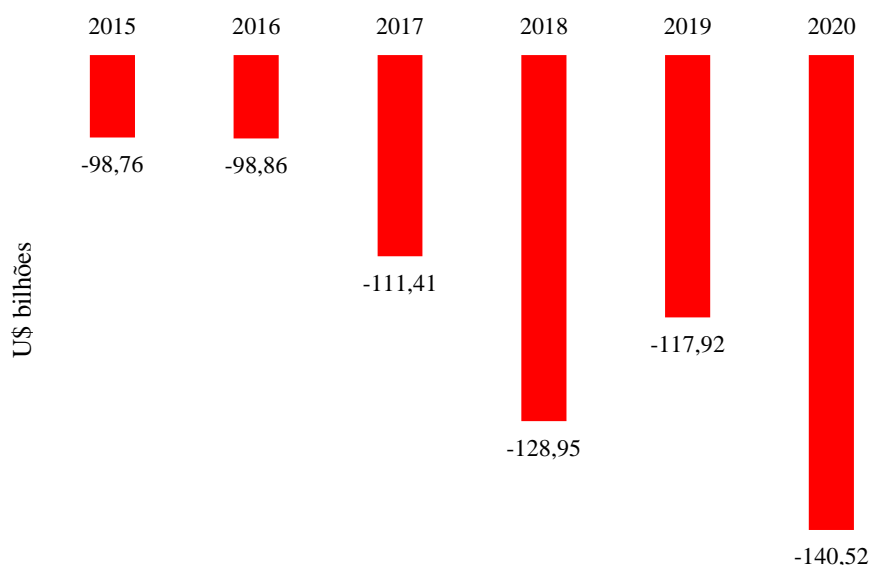
Este capítulo discorrerá sobre a postura do comércio exterior de Taiwan e efeitos econômicos a não adesão ao Acordo ASEAN que pode ocasionar com a economia ilha. Depois disso, visto que a China está disposta a ser hostil com a ilha para alcançar seu sonho de regeneração nacional, é realizada uma análise econométrica espacial para averiguar o quanto que os investimentos dos taiwaneses no comércio chinês vêm diminuindo e sendo uma possível resposta pelas agressões chinesas que Taiwan vem sofrendo.

5.1 Comércio Exterior de Taiwan, dependência de China ou Estados Unidos e efeitos com o Acordo Asean sob perspectiva da política comercial de Krugman

Como visto que o estudo não pode ter somente uma única abordagem política, para a compreensão das tensões entre China, Estados Unidos e Taiwan. Portanto, Hsu, Hsu e He (2021) afirmam que a complexidade das relações entre os dois lados do Estreito de Taiwan é incapaz de retratar apenas de uma perspectiva política ou de segurança, assim podendo ter espaço para uma abordagem econômica internacional.

Inicialmente, o comércio internacional de Taiwan está fortemente interligado com Estados Unidos e China, constituindo-se essencialmente de bens industriais. A China representa mais de \$82 bilhões, Estados Unidos perto de \$40 bilhões do comércio exterior de Taiwan (MA, 2022). De 2013 até 2021, China representa 24% e Estados Unidos com 12% do *total trade* em relação à Taiwan (BOREAU OF TRADE, 2022). Porém, entre 2015 até 2020, a China registrou um déficit comercial de mais de 140 bilhões de dólares com Taiwan (FIGURA 5).

Figura 5: Balanço comercial entre a China e Taiwan de 2015 a 2020 (em bilhões de dólares)



Fonte: (MA, 2021).

Isso mostra o quanto que o comércio da ilha taiwanesa está ligado com umas das principais economias do mundo. E baseado em dados da UN Comtrade, 62% do volume total do comércio dos Estados Unidos com Taiwan veio de importações do Estado insular em 2021. A maioria destes bens insere-se no setor de TI e eletrônico, com empresas como a Apple, Qualcomm e NVIDIA a dependerem de chips fabricados nas fundições de semicondutores de grande escala de Taiwan (ZANDT, 2022). Esse fato também evidencia o quanto que também o comércio de Taiwan está associado fortemente ao americano, mesmo adotando uma política de produção de bens industriais em seu território (KING, 2022).

A fala “de produzir para os americanos”, sobre *State of Union* de Joe Biden abordando o mercado internacional, no início de março de 2022, no Congresso Nacional (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2022). Mostra complicações nas relações com China e Taiwan, visto que grande parte da indústria americana se encontra em ambos os continentes. Então, é visto pelo discurso de Biden, que o governo americano pretende focar em *friendshoring*, aos poucos, para levar a produção para países que estão alinhados com suas políticas e produzir na própria região. Por exemplo, Macy's anunciou que suas produções vão ser fora da China (BHATTACHARYYA, 2018). Ou a Intel tem um planejamento de gastar \$20 bilhões em centros de fabricação de chips nos arredores de Columbus, com isso a companhia espera tornar o maior local de fabricação de semicondutores do mundo, ultrapassando Taiwan (KING, 2022). Portanto, o comércio exterior entre os países será afetado.

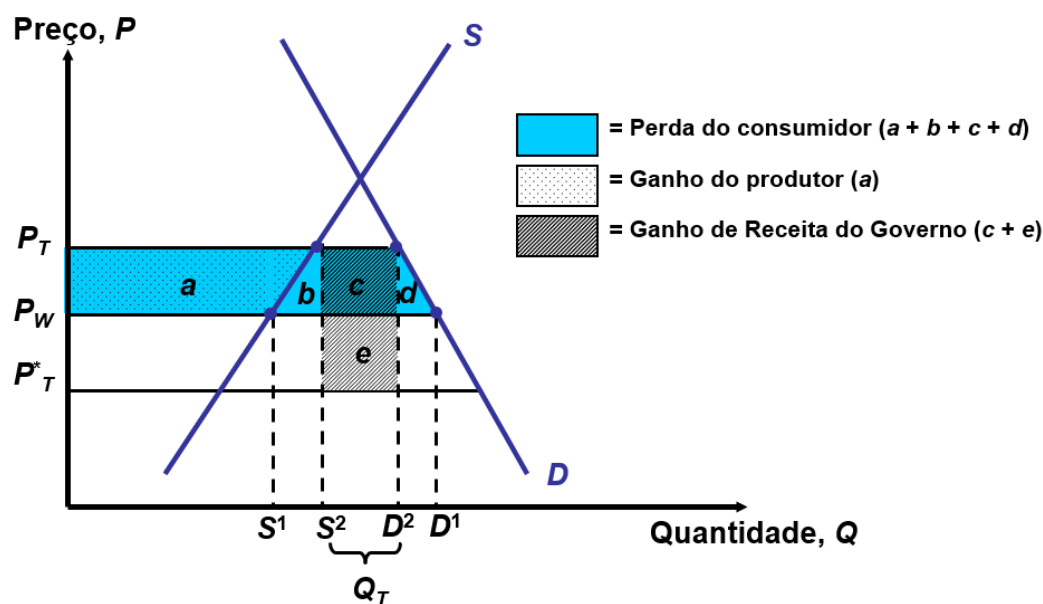
Outro fator no comércio internacional essencialmente entre, China e Taiwan, são as tarifas de importações. O Acordo de “ASEAN + 1” ou ASEAN (*Association of Southeast Asian Nations*), assinado em 1 de janeiro de 2010, eliminaria ou zeraria as tarifas de importações dos países do Acordo para a China, em mais de 90% dos produtos comercializados (FEDDERSEN, 2020). Além da discussão a possibilidade da “ASEAN + 3”, ou seja, de incorporação do Japão e Coreia do Sul nessa zona de livre comércio, Taiwan continua fora da lista do Acordo. Segundo Chou (2010):

The ASEAN + 1 and ASEAN + 3 arrangements prevent Taiwan's businesses from competing effectively in the Asian market, causing its eventual marginalization in the region. In 2010, while most ASEAN goods gain tariff-free access to the Chinese market, most Taiwanese imports into China will still be subject to a 6–14% tariff. Consequently, Taiwanese businesses will be forced to leave China and invest elsewhere to avoid this disadvantage. If allowed to snowball, this problem would hollow out Taiwanese industries and severely damage Taiwan's competitiveness. With decreased capacity, Taiwan will no longer play an important role in the Asian economy, and will appear as “the wallflower in China's dance with regional trade partners.” Making matters worse, South Korea, one of the “Plus Three” countries, also has an export-heavy economy and has become Taiwan's biggest competitor in recent years. Thus, if Taiwan cannot effectively reduce its costs, its role in the Asian economy may be slowly replaced by an ambitious South Korea, which enjoys open access to China and ASEAN member countries. On the other hand, if Taiwan does successfully negotiate the ECFA and therefore levels the playing field, studies show that foreign investments in Taiwan can increase from 29 –42%. Should Taiwan also manage to negotiate free trade arrangements with ASEAN, its foreign and domestic investments are projected to increase another 23–37% (CHOU, 2010).

Em outras palavras, Chou (2010), mostra que o Acordo é desfavorável economicamente para Taiwan, pois o país não irá participar da zona de livre comércio, e não tendo reduções do preço de importações de mercadorias. Ou seja, com a não redução das tarifas de importações da ilha e com possíveis aumentos, se tem efeitos em cadeia para a economia e comércio de Taiwan (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015).

Por exemplo, como Taiwan não teria o benefício da zona de livre comércio, em zerar suas tarifas de importações. Segundo Krugman (2015), Taiwan sofreria com possível aumentos do preço de diversas mercadorias, elevação dos custos de produção, maior perda de bem-estar dos consumidores taiwaneses, aumento de arrecadação de impostos aduaneiros, aceleração de proteção para produtores taiwaneses de semicondutores, por exemplo. Porém, maior perda da competitividade de exportadores de diversas mercadorias à Taiwan (FIGURA 6).

Figura 6: Os custos e benefícios para diferentes grupos podem ser representados como a soma das cinco áreas *a, b, c, d, e*



Fonte: (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015).

Então, as áreas dos dois triângulos b e d medem a perda para a nação como um todo (perda de eficiência) e a área do retângulo (e) mede um ganho compensatório (ganho de termos de troca). A perda de eficiência surge, porque uma tarifa distorce os incentivos ao consumo e à produção (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015). Os produtores e consumidores agem como se as importações fossem mais caras do que realmente são. O triângulo b é a perda de distorção da produção e o triângulo d é a perda de distorção do consumo (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015). O ganho de termos de troca surge porque uma tarifa baixa os preços de exportação para o estrangeiro.

Resumidamente, com o não adesão de Taiwan na zona de livre comércio da ASEAN, a tarifa eleva o preço nacional de P_W para P_T , mas diminui o preço estrangeiro de exportação de P_W para P'_T . Consequentemente, a produção nacional sofre uma aceleração de S^1 para S^2 , enquanto o consumo retrai de D^1 para D^2 . Os custos e benefícios para diferentes grupos podem ser expressos como a soma das áreas de cinco regiões, denominadas a, b, c, d, e (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015).

Um modo simples de pensar esses ganhos e perdas para Taiwan é a seguinte, segundo Krugman, Obstfeld e Melitz (2015):

“Os triângulos simbolizam a perda de eficiência que surge, pois, uma tarifa aduaneira distorce incentivos para consumir e produzir, enquanto o retângulo representa os termos de ganho do comércio que surgem porque a tarifa aduaneira diminui os preços de exportação estrangeira. O ganho depende da capacidade

da imposição de tarifa aduaneira do país para diminuir os preços da exportação estrangeira. Se o país não pode afetar os preços mundiais, a região e, que representa os termos de ganho do comércio, desaparece e fica claro que a tarifa aduaneira reduz o bem-estar” (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015).

Ou seja, a tarifa aduaneira aumenta o preço em Doméstica, enquanto diminui o preço em Estrangeira. Quando um país é de menor expressão no PIB mundial, como Taiwan, o preço das importações das mercadorias industriais ou agrícolas irão aumentar (P_w para P_t) e a quantidade demandada das importações diminui (D_1 para D_2).

A tarifa aduaneira eleva o preço de uma mercadoria no país importador e reduz o preço no país exportador. Como resultado, os consumidores perdem no país importador e ganham no país exportador. Em outras palavras, o preço irá aumentar para o consumidor com Taiwan não tendo suas importações zeradas, por não participarem do ASEAN e terá uma redução de consumo e aumento da produção nacional. Por isso, os produtores tendem a ganhar mais no país importador do que no exportador. Além disso, o governo ganha receita com a imposição de uma tarifa aduaneira. O apontamento de Krugman, Obstfeld e Melitz (2015), confirma essa hipótese:

“A tarifa aduaneira distorce os incentivos tanto para os produtores quanto para os consumidores induzindo-os a agir como se as importações fossem mais caras do que elas realmente são. O custo de uma unidade adicional de consumo para a economia é o preço de uma unidade adicional de importação, ainda porque a tarifa aduaneira aumenta o preço nacional acima do preço mundial, os consumidores reduzem seu consumo ao ponto no qual a unidade marginal rende--lhes bem-estar igual ao preço nacional da tarifa incluída. Isso significa que o valor de uma unidade de produção adicional para a economia é o preço da unidade de importação que ele economiza, ainda que os produtores nacionais expandam a produção até o ponto no qual o custo marginal seja igual ao preço da tarifa incluída. Portanto, a economia produz nacionalmente unidades adicionais da mercadoria que poderia comprar de forma mais barata no exterior” (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015).

Logo, Taiwan, sofrerá de excedente do produtor e na receita do governo, tendo desincentivos para o consumidor e maior perda de competitividade das exportações e de inserções no mercado internacional (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015) (TABELA 9). O que mostra, também que o Acordo de ASEAN pode tentar reduzir, cada vez mais, a participação de Taiwan nos assuntos internacionais.

Tabela 9: Resumo dos efeitos de políticas de comércio internacional

Política	Tarifa Importação (aduaneira)	Subsídio de Exportação	Quota de Importação	Restrição de Exportação Voluntária
Excedente do Produtor	Aumenta	Aumenta	Aumenta	Aumenta
Excedente do Consumidor	Reduz	Reduz	Reduz	Reduz

Receita do Governo	Aumenta	Reduz (gastos do governo ampliam)	Nenhuma Mudança (aluga para proprietários de licença)	Nenhuma Mudança (aluga para estrangeiros)
Bem - Estar	(Ambíguo) diminui para país pequeno	Reduz	(Ambíguo) diminui para país pequeno	Reduz

Fonte: (KRUGMAN, OBSTFELD e MELITZ, 2015).

Por fim, mesmo os Estados Unidos estarem inserindo Taiwan no comércio ou nos assuntos internacionais. É visto que, nas próximas décadas, a ilha poderá não ter um comércio tão interligado com Estados Unidos, pelo investimento dos americanos em produção de chips semicondutores em Columbus (KING, 2022). E da China tentar, cada vez mais, isolar os taiwaneses do comércio regional e do resto do mundo (FEDDERSEN, 2020). E uma das possíveis respostas de Taiwan é também de tentar diminuir os seus investimentos na China Continental, ou seja, é visto que baixos investimentos taiwaneses para o comércio dos chineses, por ter uma correlação não muito significativa de Moran em algumas regiões.

5.2 Modelagem econométrica espacial e a relação entre o comércio dos chineses e taiwaneses

Como foi realizado o teste da matriz de correlação e da probabilidade dicotômicas do modelo logístico, a atitude mais agressiva de Xi Jinping com os taiwaneses, está ligado ao crescimento econômico do país e participação (%) da China na economia da ilha (TABELA 4) (PIETRAFESA e SILVA, 2019). Visto que a China quer ampliar a dependência de Taiwan no comércio chinês, a partir disso, os valores logísticos encontrados, mostram o quanto que os taiwaneses podem ser hostis com os chineses (TABELA 5). Portanto, a chance da ação diplomática de Taiwan ser hostil quando a diplomacia chinesa é de 53,10 vezes maior do que a chance da ação de Taiwan ser hostil quando a atitude chinesa é mais cooperativa (PIETRAFESA e SILVA, 2019). Como mostra a análise, se Xi Jinping continuar pressionando o governo de Taiwan por ações hostis, é mais provável que a resposta não esteja na direção que a China gostaria que estivesse.

Então, com esses dados, agora uma outra medição importante é a realização de modelagem econométrica, para averiguar o quanto que os taiwaneses estão mudando a sua postura comercial e de investimentos, nas últimas duas décadas, com os chineses, já que também, essencialmente no governo de Tsai Ing-wen, vem tendo uma maior afinidade pelo Ocidente (TIAN e LEE, 2020).

O índice de Moran, auxilia para identificar os fatores de impacto da estratégia dos investimentos de Taiwan na China Continental nos últimos 20 anos, e os valores mostram características de distribuição desigual nas regiões leste, central e ocidental.

Em primeiro lugar, *Moran's I* é aplicado para determinar se existe ou não heterogeneidade espacial. *Moran's I* tem uma vantagem significativa no estudo da relevância das variáveis espaciais. Reflete o grau de semelhança entre as propriedades dos valores dos atributos unitários das regiões adjacentes para analisar o coeficiente de autocorrelação espacial entre as variáveis (GOMES, LIMA, *et al.*, 2019).

Em geral, o critério de seleção é I se situe na gama $-1 \leq I \leq 1$ (LUZARDO, FILHO e RUBIM, 2017). Quando o comportamento econômico das duas regiões está positivamente correlacionado, I é positivo. Quando o comportamento está negativamente correlacionado, I é negativo. Se I for 0, as economias destas duas regiões são independentes. A utilização dos índices globais e locais de Moran pode revelar a correlação espacial da região global e da área circundante (BALTAGI, 2009).

O teste da correlação espacial, baseia-se principalmente no teste da hipótese de estimativa da máxima verossimilhança através das estatísticas de Wald, LR e LM, do índice de correlação espacial de Moran, e de *Geary C* (BALTAGI, 2009). Com isso, neste projeto de iniciação científica, adotou-se o I de Moran para medir a distribuição espacial do investimento de Taiwan na China Continental nos últimos 20 anos, e é utilizado a matriz em bloco $C = I_t \otimes W_n$ como uma matriz de pesos espaciais.

O modelo de dados do painel espacial é dividido num modelo de *lag* espacial e num modelo de *error* espacial. *LMerr* e *LMsar*, o seu teste de correlação espacial de forma estável podem fornecer uma visão da definição do modelo, identificar a seletividade do modelo de desfasamento espacial e do modelo de erro espacial. Se *LMsar* (*LMerr*) for mais significativo que *LMerr* (*LMsar*), então o modelo de atraso espacial (modelo de *error* espacial) é apropriado (ALVES, 2017). Este estudo obteve *LMerr* (0,2144) > *LMsar* (0,0742) com base no resultado,

portanto, o modelo de *error* espacial foi mais apropriado do que o modelo de *lag* espacial. Com base na correlação espacial global, o modelo autorregressivo espacial mostrou que todas as variáveis explicativas do crescimento econômico de uma região atuam sobre outras áreas através de um mecanismo de transmissão espacial. O modelo de *error* espacial mostra que o impacto das repercussões regionais é o resultado de choques aleatórios. O modelo adotado de *error* espacial (SEM) é o seguinte:

$$y = X'\beta + \mu$$

$$\mu = \lambda(I_t \otimes W_n)\mu + \varepsilon$$

O y é a variável dependente, X é considerado o vetor das variáveis independentes (incluindo um termo constante), β é o coeficiente variável, p e λ são coeficientes de autocorrelação espacial e ε é a componente de erro. No modelo unidimensional de decomposição de erro, $\varepsilon = n_i + v_{it}$ ou $\varepsilon = \delta_i + v_{it}$ e no modelo bidimensional de decomposição de erro $\varepsilon = n + \delta_t + v_{it}$, $n_i \sim IID(0, \omega_i^2)$, $\delta_t \sim IID(0, \xi_t^2)$ e $v_{ti} \sim IID(0, \sigma_{ti}^2) \dots$ t, i sendo considerada a dimensão temporal e a dimensão da secção transversal, respectivamente. I_t é a matriz da unidade T-dimensional, e W_n é a matriz de peso espacial $n \times n$ (n é o número de regiões). Com isso, consegue determinar a matriz de pesos espaciais e alguns fatores que podem influenciar nos investimentos de Taiwan para a China Continental.

Este projeto de iniciação científica irá utilizar os dados do painel espacial para analisar os padrões de investimento de Taiwan na China. De acordo com a distribuição geográfica do investimento dos taiwaneses com os chineses, publicado pela Comissão de Investimento do Ministério dos Assuntos Económicos de Taiwan, foi escolhida 21 províncias na China Continental que são regiões autônomas, como amostras estatísticas (ALVES, 2017). Estas incluem *Heilongjiang, Jilin, Liaoning, Hebei, Beijing, Shanxi, Tianjin, Shandong, Jiangsu, Anhui, Sichuan, Hubei, Chongqing, Shanghai, Zhejiang, Hunan, Jiangxi, Yunnan, Fujian, Guangdong, e Guangxi*. O algoritmo *K-nearest neighbor* (KNN), como variável independente, foi utilizado para estimar os resultados do teste do índice de Moran, tendo como base a matriz de peso espacial, citada anteriormente (TABELA 10).

Tabela 10: Fatores de impacto regional do investimento de Taiwan na China Continental

Variáveis independentes		Abr.
Ambiente de Investimentos	Geografia	ENVI
	Infraestrutura	INFR
	Ambiental Social	SOEN

	Ambiente Legal	LAWE
	Ambiente Econômico	ECEN
	Ambiente de Mercado	MARKE
	Ambiente de Inovação	INEN
	Risco Social	SORI
	Risco Legal	LARI
Riscos de Investimentos	Risco Operacional	MARI
	Risco Econômico	ECRI
O grau de apreciação de Taiwan	O grau de preferência de investimentos em Taiwan	RECO

Fonte: Adaptado pelo autor.

De acordo com o relatório TEEMA de Taiwan, publicado anualmente, os fatores que afetaram os investimentos de Taiwan na China Continental em 2008, 2009 e 2010 incluíram doze índices (TABELA 10): geografia, infraestrutura, ambiente social, ambiente legal, ambiente econômico, ambiente de mercado ou *business*, ambiente de inovação, risco social, risco legal, risco operacional, risco econômico e grau de apreciação de Taiwan, o que significa que o grau de preferência dos empresários de Taiwan gostaria de recomendar a China Continental a outros empresários de Taiwan como regiões de investimento.

Então, os dados foram obtidos por uma avaliação independente dos dados da amostra, e não dos dados econômicos reais, estas variáveis devem ser independentes (TABELA 11) (BALTAGI, 2009). Contudo, os dados obtidos a partir do teste de multicolinearidade do modelo tinham um elevado grau de correlação entre estes índices. Esta característica pode aumentar o erro padrão dos coeficientes de regressão, alterando assim o nível de significância e a direção dos coeficientes e (ALVES, 2017). No entanto, a colinearidade do modelo econométrico não afetaria a dimensão dos coeficientes de regressão. Por conseguinte, é realizado um teste de colinearidade para voltar a analisar as variáveis independentes (GOMES, LIMA, *et al.*, 2019). Podem ser obtidos coeficientes de regressão significativos, que mostram as características das correlações.

Tabela 11: Teste do índice Moran para as províncias (1992-2010)

Anos	Moran	E(I)	Z	P
------	-------	------	---	---

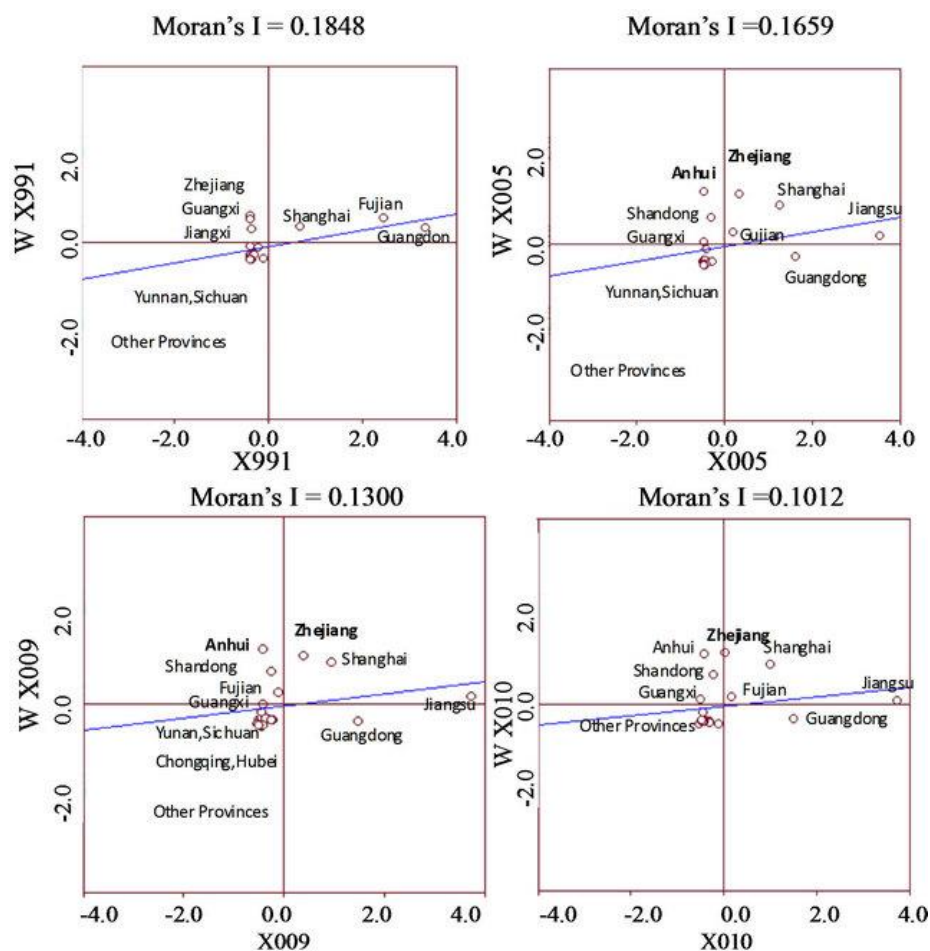
1991	0.1848	-0.0500	2.3133	0.0290
1992	0.0518	-0.0500	1.5217	0.0760
1993	0.1336	-0.0500	1.9165	0.0560
1994	0.1663	-0.0500	1.8711	0.0470
1995	0.1531	-0.0500	1.6580	0.0680
1996	0.0992	-0.0500	1.2300	0.0900
1997	0.0836	-0.0500	1.5321	0.0780
1998	0.0519	-0.0500	1.0922	0.1370
1999	0.0167	-0.0500	0.6624	0.2036
2000	0.0064	-0.0500	0.5465	0.2250
2001	0.0762	-0.0500	1.1951	0.1230
2002	0.1675	-0.0500	1.9454	0.0550
2003	0.1228	-0.0500	1.5897	0.0810
2004	0.2012	-0.0500	2.3281	0.0310
2005	0.1659	-0.0500	2.1419	0.0320
2006	0.1166	-0.0500	1.7463	0.0670
2007	0.1216	-0.0500	1.7386	0.0630
2008	0.1417	-0.0500	2.2606	0.0240
2009	0.1300	-0.0500	1.9956	0.0400
2010	0.1012	-0.0500	1.6154	0.0700

Fonte: Adaptado pelo autor.

No total dos 20 anos de investimento regional de Taiwan na China Continental mostram as características de uma correlação espacial positiva. Os dados de 1991, 2004, 2005, 2008, e 2009 foram significativos ao nível de 5%; 1993, 1994, 2002, 2006, e 2007 foram significativos ao nível de 10%. A correlação positiva para os outros anos não foi significativa (TABELA 11).

É visto que, 1991, 2005, e 2009 como anos com características significativas de concentração espacial, bem como 2010 (ano em que foi assinado o *Economic Cooperation Framework Agreement* (ECFA)). E mesmo assim, tendo uma correlação positiva não significativa, algumas outras regiões apresentam melhores resultados. A região do Delta do Rio das Pérolas tornou-se a principal região de investimento de Taiwan. *Fujian*, *Guangdong*, e *Xangai* são as três principais áreas de investimento e representam, na sua maioria, indústrias de mão-de-obra intensiva (FIGURA 7). O investimento de Taiwan nestas três regiões mostra uma correlação positiva com o espaço (primeiro quadrante).

Figura 7: Gráficos de correlação espacial do índice global *Moran's I*



Fonte: Adaptado pelo autor.

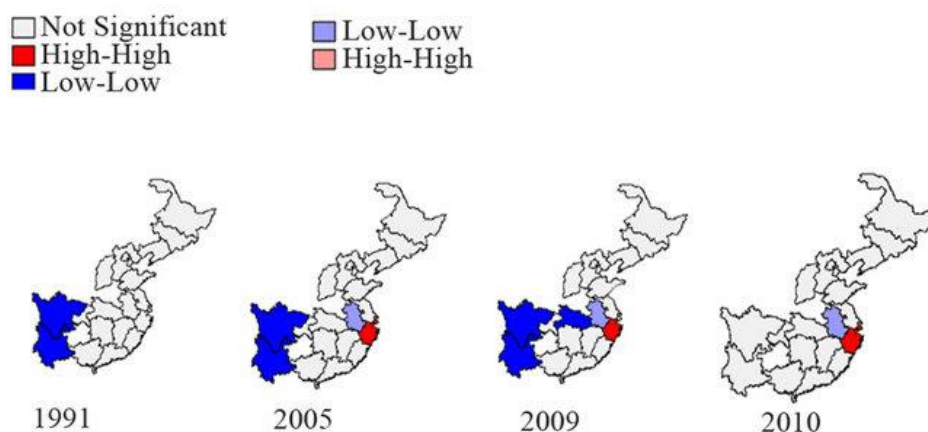
O investimento de Taiwan foi baixo nas regiões de *Guangxi*, *Jiangxi*, *Zhejiang*, e as distribuições geoespaciais precisas foram positivamente correlacionadas com estas três regiões. O investimento de Taiwan nas restantes províncias foi relativamente pequeno. Em 2005, o padrão de investimento de Taiwan na China tinha-se alterado (FIGURA 7). Havia correlações espaciais positivas significativas entre *Jiangsu*, *Xangai*, *Zhejiang*, e *Fujian*. *Guangdong*, com um grande volume de investimento de Taiwan, mostrou uma correlação negativa com as províncias circundantes e um pequeno investimento de Taiwan. *Shandong*, *Anhui*, e *Guangxi* tiveram pouco investimento em Taiwan e apresentaram uma correlação espacial negativa (BALTAGI, 2009).

As restantes províncias que têm um baixo investimento de Taiwan, mostraram uma correlação espacial positiva. Em 2009, *Jiangsu*, *Xangai*, e *Zhejiang* mostraram características espaciais positivas. *Shandong*, *Anhui*, e *Fujian* apresentaram uma correlação espacial negativa. *Guangdong*, uma província com um forte investimento de Taiwan, apresentou uma correlação negativa com as áreas circundantes (BALTAGI, 2009). No entanto, *Guangxi* mostrou uma forte

independência espacial. Em 2010, a heterogeneidade espacial do investimento de Taiwan na China não foi significativa, enquanto a distribuição espacial dos investimentos foi homogênea.

O gráfico de concentração espacial do Índice Local de Associação Espacial (LISA) medido utilizando o índice Moran, mostra que a distribuição da região investida de Taiwan desde 1991 e tem duas características significativas (FIGURA 8). Primeiramente, foi indicada uma correlação positiva significativa entre áreas de baixo valor em *Sichuan* (nível de 1%) e *Yunnan* (5%). A correlação espacial das restantes províncias não foi significativa. Em 2005, a província de *Anhui* e as áreas circundantes apresentaram uma correlação negativa significativa (1%). *Zhejiang* e as regiões limítrofes mostraram uma correlação positiva ao nível de 5%. *Sichuan* e *Yunnan* mostraram uma baixa correlação positiva ao nível de 5%. Em 2009, as províncias que mostraram uma correlação positiva de baixo valor (5%) foram *Yunnan*, *Sichuan*, *Hubei* e *Chongqing*. A província de *Anhui* mostrou uma correlação negativa ao nível de 5%, e a província de *Zhejiang* mostrou uma correlação positiva de 5%. Em 2010, a província de *Anhui* mostrou uma correlação negativa de baixo - ao nível de 5%, enquanto *Zhejiang* mostrou uma correlação positiva de alto valor - ao nível de 5%. A correlação espacial das restantes províncias não foram significativas (BALTAGI, 2009).

Figura 8: A concentração espacial do índice Moran



Fonte: Adaptado pelo autor.

Assim, o investimento de Taiwan na China nos últimos 20 anos foi o mais elevado na província de *Zhejiang*, que tinha a correlação espacial mais forte e a maior homogeneidade com as áreas circundantes, enquanto a província de *Anhui* e as suas áreas circundantes mostraram uma heterogeneidade espacial pouco significativa. O padrão de investimento dos taiwaneses na China Continental apresenta polarização e a falta de um mecanismo de cooperação inter-

regional apropriado, o que resultou na fraca correlação espacial entre regiões (ALVES, 2017). A distribuição inter-regional do investimento de Taiwan não resultou numa situação de desenvolvimento mais interativo entre ambos os lados do Estreito (YEUNG, GAN e JIANG, 2022).

E dentro desse padrão dos investimentos taiwaneses da China, têm-se os principais setores que foram impactados pela mudança de postura estratégica da ilha (YEUNG, GAN e JIANG, 2022). Os resultados mostram que as diferenças regionais não foram tidas em conta, e os fatores mais importantes no investimento de Taiwan na China Continental nos últimos três anos (2007, 2008 e 2010) são a melhoria do ambiente natural, infraestruturas, e risco económico (TABELA 12) (ALVES, 2017).

Tabela 12: Resultados da análise geral do modelo de painel

Variáveis	Coeficiente	Std. Error	t-Statistic	Prob.
ENVI	0.437815	0.465588	0.940349	0.0372
INFR	-1.134638	0.601653	-1.885869	0.0595
SOEN	2.189960	0.485041	4.514996	0.0000
LAW	-6.714128	0.597710	-11.23308	0.0000
ECEN	4.732710	0.400019	11.83122	0.0000
MARKE	8.004338	0.634303	12.61315	0.0000
INEN	-0.831210	0.417115	-1.992758	0.0465
SORI	2.888208	0.534176	5.406851	0.0000
LARI	-6.854205	0.750625	-9.131328	0.0000
MARI	4.887199	0.805937	6.063994	0.0000
ECRI	0.001636	0.739322	0.002213	0.0982
RECO	-3.817749	0.426538	-8.950542	0.0000
R ²	0.386220	Média dependente var		11.79129
R ² Ajustado	0.381071	S.D. dependente var Soma residual dos		1.806638
Regressão de S.E. Teste de Durbin	1.421319	R ²		2648.415
Watson	1.393557	Second Stage SSR		2648.415
Rank do Instrumento	13.00000			

Fonte: Adaptado pelo autor.

Os resultados indicam que algumas variáveis afetaram significativamente o investimento de Taiwan no mercado chinês ao nível de 5%. Entre estes fatores, o ambiente social, o ambiente econômico, e o ambiente de mercado tiveram impactos significativamente

positivos. O ambiente legal e o ambiente de inovação tiveram impactos significativamente negativos. O risco social e de mercado tiveram impactos significativamente positivos sobre o investimento em Taiwan. O risco legal teve um impacto significativamente negativo. O grau de preferência por Taiwan teve um impacto significativamente negativo. Pode-se concluir destes resultados que os fatores que efetivamente promoveram o investimento de Taiwan na China Continental nos últimos 3 anos incluem principalmente o ambiente social, o ambiente económico, o ambiente de mercado, e o menor risco legal.

E os resultados apresentados modelo econométrico de erro espacial de efeito fixo (SEM), mostram que as 21 áreas amostradas que receberam investimento de Taiwan em 2008, 2009 e 2010 tiveram efeitos tanto no modelo 2 de efeitos fixos espaciais e no modelo 3 em efeitos fixos temporais (TABELA 13). O ambiente geográfico e o ambiente de mercado mostraram uma relação positiva significativa com o investimento de Taiwan ao nível de 1%; as infraestruturas e o ambiente legal mostraram uma correlação negativa significativa ao nível de 1%; o risco empresarial (*business*) e o grau de apreciação dos empresários de Taiwan mostraram uma correlação negativa significativa ao nível de 5%.

Tabela 13: Modelo de erro espacial de efeito fixo (SEM)

Variáveis	Coeficientes			
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
Intercepto	11.7995			
ENVI	1.3662	2.441638***	1.947974	2.946701***
INFR	-2.1184	-4.711658***	-2.075676	-5.252975***
SOEN	3.0410	1.912495*	3.760813*	1.856820*
-				
LAW	7.4177***	-4.003429***	-8.309495***	-4.377563***
ECEN	4.5272**	0.969862	4.874697***	0.843587
MARKE	7.1753**	4.465349***	6.916222**	5.001891***
INEN	-1.2589	-2.188730**	-1.527832	-2.250578**
SORI	1.7089	0.783276	1.417288	1.431297
LARI	-6.6332**	-0.882737	-7.455075**	-0.703268
MARI	3.3069	-4.182716*	3.404127	-5.666034**
ECRI	0.6318	1.579397	1.568447	2.009705
RECO	-4.4494**	-1.883895**	-4.853772**	-2.048145**
Spat.aut.	-0.1790	-0.210969	-0.233976*	-0.312971**
R	0.4145	0.9296	0.4075	0.9289
-				
F	110.08523	-43.476101	-110.68627	-44.30271
Total				
Time	0.4810	0.1220	0.0970	0.1140

Nota: * $p < 0,1$; ** $p < 0,05$; *** $p < 0,01$. Modelo 1: Sem efeitos fixos; Modelo 2: Efeitos fixos espaciais; Modelo 3: Efeitos fixos temporais; Modelo 4: Efeitos fixos espaciais e temporais.

Fonte: Adaptado pelo autor.

Os resultados do modelo de erro espacial (SEM) mostraram que a diferença nos ambientes geográficos, de mercado inter-regionais e a melhoria gradual em cada região desses dois fatores, tiveram um impacto positivo significativo nos investimentos de Taiwan na China Continental nos últimos três anos (2008, 2009 e 2010).

A diferença na infraestrutura inter-regional e no ambiente jurídico restringiu significativamente a estratégia de investimento regional de Taiwan. Os resultados do modelo 4 indicam que os riscos comerciais e o grau de apreciação dos empresários taiwaneses mais significativamente (nível de 5%) restringiram a estratégia de escolha do investimento taiwanês na China Continental. Se as diferenças regionais não fossem levadas em consideração, dos fatores mais importantes relativos aos investimentos de Taiwan na China Continental nos últimos três anos, o ambiente social, o ambiente econômico, o ambiente de mercado, o risco social e o risco de mercado poderiam ter maiores impactos significativamente positivos. O ambiente legal, o ambiente de inovação, o risco legal e o grau de apreciação dos empresários taiwaneses tiveram impactos negativos significativos sobre o investimento em Taiwan.

De forma simples, os principais eventos políticos de Taiwan afetaram a conveniência do investimento na China, e um governo mais democrático voltou ao poder, o que reduziu gradualmente a mensagem positiva que era favorável à interação econômica entre as duas margens do Estreito (MA, 2021). Também afetou e mudou a confiança, as estratégias comportamentais e a distribuição regional dos investimentos de Taiwan na China Continental.

E o questionamento que fica é se mesmo com algumas áreas ou regiões chinesas que Taiwan possam estar investindo mais, outras com reduções de investimentos, a China com um maior comportamento hostil com os taiwaneses, por crerem que são soberanos no Estreito, é se realmente a China irá invadir Taiwan e se os americanos irão proteger os taiwaneses? E o que pode ser mais importante nesse conflito, é o lado político ou econômico? Visto que Taiwan está muito associado economicamente à China e os Estados Unidos, e como foi mostrado, que ao

longo dos últimos 20 anos, vem reduzindo seus investimentos na China Continental (PIETRAFESA e SILVA, 2019) e (MA, 2021).

6 A CHINA IRÁ INVADIR TAIWAN? OS AMERICANOS IRÃO PROTEGER A ILHA? NESSE CONFLITO IRÁ SOBRESSAIR POLÍTICA OU ECONOMIA?

Depois de toda a discussão qualitativa e estatística, é visto que a China está cada vez mais perto de ter uma ofensiva contra Taiwan. E partir disso, é possível elaborar 6 tópicos das motivações chinesas em caso de invasão a ilha:

1 - Ocidentalização taiwanesa

Como já foi abordado, a relação entre Taipei e Pequim já estão em um clima muito tenso e hostil, desde eleição da Presidente Tsai Ing-wen, em janeiro de 2016 (TRENT, 2020) e (HERNÁNDEZ, 2016). Assim, Xi Jinping ver o novo governo democrático de Taiwan, tendo um maior alinhamento com a política americana e afastamento da política de *One China*, como uma ameaça para desestabilizar a paz de ambos os lados do Estreito e do sonho de regeneração nacional chinês (SUNG, 2021). Diferente no período do governo de Ma Ying-jeou, que mesmo adotando a política de *One China*, teve altos índices de compras bélicas com os Estados Unidos (EUA), de certo modo, tentando se modernizar militarmente para se proteger da China (TABELA 2 e 6) (PIETRAFESA e SILVA, 2019).

2 - Modernização militar de Taiwan

Então, uma forma também de continuar ameaçando o sonho chinês é a contínua exportação de armas dos EUA para Taiwan, fazendo com que o sentimento da sociedade que já se considerava independente da China, amplie o desejo de estabelecer sua soberania na região. E possivelmente sendo uma forma de os taiwaneses não sentirem medo da ameaça chinesa, visto que podem tentar retaliar em caso de uma ameaça maior no Estreito (TABELA 6) (CARVAJAL, PRAJ e STROBEL, 2020). Ou seja, é uma forma de ser contrária a política de regeneração nacional chinesa.

3 - Presidente Tsai, contrária a política de *One e Dream China*, ou seja, do sonho de regeneração nacional

A Presidente Tsai, é conhecida por recusar a política de *One China* e se recusa a reconhecer o Consenso de 1992, que salvaguarda que tanto Taiwan como o continente anuem fazer parte de "uma só China". Tsai ainda afirma que os taiwaneses já devem ser considerados um Estado independente, logo, não precisa de declarar formalmente a sua independência.

(TIAN e LEE, 2020). E esse seu desejo de ser soberano no sistema internacional e buscar maiores reconhecimentos dos países, é um alinhamento com os pensamentos dos cidadãos de Taiwan. Onde, 72,7% da população, não concordam com a política de que ambos os lados do Estreito pertencem a "uma só China" (CHAI e HUANG, 2016). E outro fator no seu governo é ampliar o acesso americano na ilha. Por exemplo, do entre 2020 e 2022, servidores do mais alto escalão dos EUA visitaram a ilha do que nas quatro décadas anteriores, para demonstrar forte apoio ao governo democrático de Taiwan, incluindo o subsecretário de Estado, Keith Krach, secretário de saúde, Alex Azar e a presidente da câmara dos deputados, Nancy Pelosi (SUNG, 2021). E isso evidencia uma maior afinidade de Taiwan ou de Tsai com o governo de Joe Biden, o que enfurece o Xi Jinping, que já discursou que não tem possibilidade da ilha ser independente (HERNÁNDEZ, 2016) e (SOUSA, 2022).

4 - Apoio do Ocidente à Taiwan

Com isso, a primeira prioridade dos americanos em caso de invasão chinesa é apoiar Taiwan, como já vem correndo nas últimas décadas (BECKLEY, 2020). Os exemplos mais claros desse apoio do Ocidente, é a modernização militar, maior inserção nos assuntos internacionais de Taiwan e discursos públicos de apoio para os taiwaneses contra a agressão chinesa. Claro que se a China tomasse Taiwan, a China poderia libertaria dezenas de navios, centenas de lançadores de mísseis e aviões de combate para se proteger mais contra a possível invasão americana para tentar retomar ilha, dessa forma, escalando muito mais o custo da guerra (BECKLEY e BRANDS, 2021). Podendo desencorajar os EUA a defender Taiwan, mesmo que Joe Biden, declare forte apoio militar à ilha em caso de invasão chinesa (HAKIM, 2021). E os EUA poderiam perder muito no acesso à principal indústria de semicondutores do mundo, que está localizada em Taiwan (BECKLEY e BRANDS, 2021). A perda econômica dos EUA sobre a ilha, faz com que esse lado político das tensões dos países, seja espelhado também no lado da economia (HSU, HSU e HE, 2021).

5 – Redução (%) da China na economia de Taiwan

Taiwan junto com o apoio americano vem tentando elevar seu *share* (%) no mercado internacional, mas ainda o seu comércio depende muito da China, sendo seu principal parceiro comercial (MA, 2021). Com a não adoção da política *One China* por Tsai, também pode-se perceber que Taiwan quer tentar, aos poucos, desvincular a sua economia da China. Por exemplo, têm-se uma redução de 1,49% entre 2017 até 2019, do *share* (%) chinês no mercado taiwanês (TABELA 3). Mesmo sendo um valor “simbólico”, existe um padrão, mesmo que

entre 2000-2008, a China tenha ampliado seu poderio econômico na ilha de em 445,73%, depois disso, é visto uma maior estabilidade do acesso chinês à economia dos taiwaneses e no governo do Xi Jinping, não crescendo no mesmo nível, mantendo sempre um grau próximo de 20% (PIETRAFESA e SILVA, 2019). Ou seja, de certo modo, Taiwan está tentando não ser mais tão dependente do mercado chinês.

Ainda focando no comércio internacional dos ambos os lados do Estreito, é percebido problemas sobre a tarifa de importação. O Acordo *Association of Southeast Asian Nations* (ASEAN), eliminaria as tarifas de importações dos países do Acordo para a China, em 90% dos produtos comercializados (FEDDERSEN, 2020). Como Taiwan é um dos únicos países da Ásia que não faz parte do acordo, para Krugman (2015), a ilha sofrerá de perda de bem-estar, altos custos de produção, perda de competitividade de exportação, consequentemente prejudicando o comércio de semicondutores do país (FIGURA 6). Em resposta às adversidades que os taiwaneses vêm sofrendo, é também visto diminuições dos investimentos de Taiwan na China Continental.

6 - Redução dos investimentos de Taiwan no comércio chinês

Os investimentos de Taiwan na China Continental e os riscos comerciais estão negativamente correlacionados, indicando que os investimentos de Taiwan na China Continental foram afetados pelas relações econômicas ou políticas gerais entre os dois países, especialmente em Taiwan nos últimos anos (ALVES, 2017). Ou seja, as tensões entre os países sendo políticas ou econômicas, também afetaram e mudaram as estratégias comportamentais e a distribuição regional dos investimentos de Taiwan no comércio chinês. O que pode significar que ambos os lados do Estreito, tem tensões muito elevadas, que afetam no lado político e econômico, seja na região ou com o resto do mundo (FEDDERSEN, 2020).

Por fim, com esses tópicos analisados, ainda assim, é difícil estimar que a curto prazo Taiwan seja invadida, pois a China tem muito mais a perder do que a ganhar com um eventual conflito. Por exemplo, como seu comércio também está fortemente associado com Japão ou Coreia, no continente asiático, pode ser percebido que como esses países têm ampla influência Ocidental, podem tentar retaliar com o mercado chinês, ocasionando dificuldades econômicas interna para China (FEDDERSEN, 2020). Ou até mesmo dos americanos realizarem uma cooperação militar de Estados com políticas Ocidentais na Ásia para impedir o avanço chinês sobre Taiwan, fazendo com que, ainda mais, os custos de uma guerra contra a ilha se elevem (TIAN e LEE, 2020). Ou seja, ainda é difícil prever que Xi Jinping irá fazer uma guerra contra

os taiwaneses, essencialmente pelos custos escalonarem, que já vem ocorrendo pela política de covid zero, de maneira, que fique muito mais difícil de retomar Taiwan à força (TIAN e LEE, 2020) e (FEDDERSEN, 2020). Mas, é fato que o líder do PCC vem tendo posturas mais agressivas com a ilha, e como a doutrina do Estado chinês é a utilização da força (BURKITT, SCOBEL e WORTZEL, 2003). Pode ser que se Taiwan continuar com a política de Tsai, nos próximos períodos, é possível que os chineses não tenham outra escola, de não ser, invadir e tomar a força Taiwan.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projeto de iniciação científica foi examinado os níveis de tensões, tanto no âmbito de segurança, econômico e econométrico entre Estados Unidos, China e Taiwan.

Os estudos empíricos mostraram resultados divergentes sobre esse tema. Os resultados do projeto mostraram que claramente os Estados Unidos (EUA) desde o governo Obama, mantém uma política de alinhamento duplo com ambos os lados do Estreito de Taiwan. Além da China estar motivada de usar a força para alcançar a reunificação com Taiwan, caso continue ainda mais adentrando na política ocidental (HUANG, 2017).

Estas observações têm implicações importantes da ofensiva chinesa para região e para os Estados Unidos. O contínuo compromisso dos EUA com a segurança de Taiwan e, em particular, a continuidade das vendas de armas para Taiwan, representa uma das principais fontes de tensão no relacionamento sino-americano mais amplo. Nos últimos anos, analistas tanto em Washington quanto em Pequim propuseram novas abordagens para a questão (HAASS e SACKS, 2020). Nos Estados Unidos, alguns sugeriram que o país acabasse com as vendas de armas a Taiwan e considerassem recuar em seu compromisso com a ilha de forma mais ampla. Na RPC, alguns têm sugerido que uma China em ascensão adote uma linha mais dura em resposta às vendas de armas dos EUA (HAASS e SACKS, 2020).

Claro que no projeto é visto que ambas as alterações políticas propostas acarretam riscos significativos. No caso dos EUA, o fim das vendas de armas ou de relações entre o comércio para Taiwan poderia contribuir para um aumento da probabilidade de conflito no Estreito, ajudando a mudar as relações entre os dois lados do Estreito de uma dinâmica de dissuasão para uma dinâmica de competência (LEE e SIU, 2019). No caso chinês, uma abordagem mais dura das vendas de armas e comercial dos EUA poderia ter um efeito contrário, revelando um compromisso mais forte dos EUA com a segurança de Taiwan do que se poderia supor atualmente (PANDA, 2019).

Em outras palavras, cada vez mais a aproximação de Taiwan com os Estados Unidos (Ocidente), enfurece os chineses, que tentam isolar a ilha do resto do mundo (WENZHAO, 2017). Já que o sonho de regeneração nacional envolve a unificação com a ilha e que nenhum poder irá separar ambos os lados do Estreito (SILK, 2013) e (XINHUA, 2014).

Por fim, o projeto da iniciação científica mostra que embora os Estados Unidos estejam tentando inserir Taiwan em mais participações nos assuntos internacionais, sendo política, segurança ou comércio (WANG, 2020). A China, se mantém inalterada sobre esse comportamento e pensa na ofensiva contra a ilha rebelde, pois para alcançar o sonho chinês, primeiramente se deve ter a reunificação com a sociedade rebelde, ou seja, Taiwan (HUANG, 2017).

8 BIBLIOGRAFIA

ALVES, Denisard. **ML E TESTES WALD, LM E RAZÃO DE ML**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3465973/mod_resource/content/1/ML%20E%20TESTES%20WALDFont18.pdf>. Acesso em: 18 Dezembro 2022.

ALVES, Rafael Q.; PASSOS, Rodrigo D. F. D. **A HEGEMONIA INTERNACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA SOB O GOVERNO DE XI JINPING: UMA ANÁLISE DA BUSCA PELA CONCRETIZAÇÃO DO SISTEMA TIANXIA A PARTIR DO REALISMO OFENSIVO**, Marília, XVII, n. 1, 2017. 39-50. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/view/9876>>. Acesso em: 4 Dezembro 2022.

ASSOCIATED PRESS. **Taiwan says China sending planes near island almost daily**, 22 Julho 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/taiwan-says-china-sending-planes-near-island-almost-daily/2020/07/22/2d0717ca-cbfa-11ea-99b0-8426e26d203b_story.html>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

AXE, David. **China's Navy Railgun Is Out for Sea Trials. Here's Why It's a Threat to the U.S. Navy**, 6 Janeiro 2019. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/blog/buzz/chinas-navy-railgun-out-sea-trials-heres-why-it%E2%80%99s-threat-us-navy-40812>>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

BALTAGI, Badi H. **The Wald, LR, and LM Inequality**, 11 Fevereiro 2009. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/econometric-theory/article/abs/wald-lr-and-lm-inequality/6D8D6676360F6FA3EC708ADCFAFA6EC9>>. Acesso em: 18 Dezembro 2022.

BARBOSA, Vinícius A.; JUNIOR, Augusto W. M. T.; SATUR, Roberto V. **Quem se importa com Taiwan?**, Paraíba, 2016. 2-12. Disponível em: <<http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/191>>. Acesso em: 20 Setembro 2022.

BAUM, Julian. **Obama forfeits respect in Asia by letting Taiwan down – hard**, 17 Agosto 2011. Disponível em:

<<https://www.csmonitor.com/Commentary/Opinion/2011/0817/Obama-forfeits-respect-in-Asia-by-letting-Taiwan-down-hard>>. Acesso em: 5 Dezembro 2022.

BECKLEY, M. **The Emerging Military Balance in East Asia: How China's Neighbors Can Check Chinese Naval Expansion**, XLII, n. 2, 1 Novembro 2017. 78-119. Disponível em: <https://doi.org/10.1162/ISEC_a_00294>. Acesso em: 10 Dezembro 2022.

BECKLEY, Michael. **The Emerging Military Balance in East Asia: How China's Neighbors Can Check Chinese Naval Expansion**, XLII, n. 2, 1 Novembro 2017. 78-119. Acesso em: 3 Outubro 2022.

BECKLEY, Michael. **China Keeps Inching Closer to Taiwan**, 19 Outubro 2020. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2020/10/19/china-keeps-inching-closer-to-taiwan/>>. Acesso em: 2 Outubro 2022.

BECKLEY, Michael; BRANDS, Hal. **Into the Danger Zone: The Coming Crisis in US-China Relations**, 1 Janeiro 2021. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/resrep27632>>. Acesso em: 3 Outubro 2022.

BHATTACHARYYA, Suman. **An uphill battle': Why Macy's is pulling out of China**, 7 Dezembro 2018. Disponível em: <<https://digiday.com/retail/macys-pulling-out-china/>>. Acesso em: 7 Outubro 2022.

BOREAU OF TRADE. **VALUE OF EXPORTS & IMPORTS BY COUNTRY**, 2022. Disponível em: <<https://cuswebo.trade.gov.tw/FSCE040F/FSCE040F>>. Acesso em: 5 Outubro 2022.

BRANDS, Hal. **Does the U.S. Need to Fear That China Might Invade Taiwan?**, 20 Agosto 2020. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-08-20/does-the-u-s-need-to-fear-that-china-might-invade-taiwan?sref=nmVx3tQ5>>. Acesso em: 3 Outubro 2022.

BUREAU OF FOREIGN TRADE. **Trade Relations**, 2022. Disponível em: <<https://www.trade.gov.tw/English/>>. Acesso em: 3 Dezembro 2022.

BURKITT, Laurie; SCOBEL, Andrew; WORTZEL, Larry M. **The Lessons Of History: The Chinese People's Liberation Army At 75**.

CARPENTER, Ted G. **Strategic Ambiguity on Taiwan Is Dead**, 24 Maio 2022. Disponível em: <<https://www.cato.org/commentary/strategic-ambiguity-taiwan-dead>>. Acesso em: 14 Dezembro 2022.

CARVAJAL, Carolina R.; PRAJ, Dusan; STROBEL, Jorge A. A. **La relación triangular entre China, Taiwán y Estados Unidos en el periodo 2008-2018**, n. 30, 3 Maio 2020. 92-106. Acesso em: 4 Dezembro 2022.

CHAI, Scarlett; HUANG, Romulo. **Most people in Taiwan in favor of cross-strait status quo**, 29 Março 2016.

CHAO, Vincent Y. **How Technology Revolutionized Taiwan's Sunflower Movement**, 15 Abril 2014. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2014/04/how-technology-revolutionized-taiwans-sunflower-movement/>>. Acesso em: 25 Setembro 2022.

CHEN, Chien-Kai. **Explaining the difference between Jiang Zemin's and Hu Jintao's attitudes towards the Taiwan**, 2009.

CHEN, Hui-ling. **Taiwanese/Chinese Identification Trend Distribution in Taiwan (1992/06~2016/12)**, Taiwan, 7 Julho 2022. Disponível em: <<https://esc.nccu.edu.tw/PageDoc/Detail?fid=7800&id=6961>>. Acesso em: 2 Outubro 2022.

CHENG, Dean. **CHINESE LESSONS FROM THE GULF WARS**, 2011. 153-200. Disponível em: <<http://www.jstor.com/stable/resrep11966.8>>. Acesso em: 10 Dezembro 2022.

CHOU, Chi-An. **A Two-Edged Sword: The Economy Cooperation Framework Agreement Between the Republic of China and the People's Republic of China**, VI, n. 2, 22 Junho 2010. Disponível em: <<https://digitalcommons.law.byu.edu/ilmr/vol6/iss2/2/>>. Acesso em: 4 Outubro 2022.

CHRISTENSEN, Thomas J. **Taiwan's Legislative Yuan elections and Cross-Strait Security Relations: Reduced tensions and remaining challenges**, XIII, 2006. 1-11. Disponível em: <https://www.hoover.org/sites/default/files/uploads/documents/clm13_tc.pdf>. Acesso em: 17 Dezembro 2022.

CLARK, Cal. **The changing dynamics of relations among China, Taiwan, and the United States**, 2011.

CLIFF, Roger et al. **Entering the Dragon's Lair: Chinese Antiaccess Strategies and Their Implications for the United States**, Estados Unidos, 2007. Disponível em: <<https://www.rand.org/pubs/monographs/MG524.html>>. Acesso em: 24 Setembro 2022.

CNN. **Xi Jinping's first public address**, 15 Novembro 2012. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2012/11/15/world/asia/china-xi-jinping-speech/index.html>>. Acesso em: 15 Setembro 2022.

COMMUNIQUÉ of the Third Plenary Session of the 18th Central Committee of the Communist Party of China, China, 2013. Disponível em: <http://www.china.org.cn/china/third_plenary_session/2014-01/15/content_31203056.htm>. Acesso em: 24 Setembro 2022.

CORDESMAN, Anthony H.; BURKE, Arleigh A.; MOLOT, Max. **China and Taiwan**, 1 Outubro 2019. 448-473. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/resrep22586.40>>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

CORDESMAN, Anthony H.; BURKE, Arleigh A.; MOLOT, Max. **The 2019 Defense White Paper**, 2019. 25-32. Disponível em: <<http://www.jstor.com/stable/resrep22586.7>>. Acesso em: 22 Setembro 2022.

COTE, Owen R. **One if by invasion, two if by coercion: US military capacity to protect Taiwan from China**, 10 Março 2022. Disponível em: <<https://thebulletin.org/premium/2022-03/one-if-by-invasion-two-if-by-coercion-us-military-capacity-to-protect-taiwan-from-china/>>. Acesso em: 25 Setembro 2022.

CRISHER, Brian B.; SOUVA, Mark. **Power at Sea: A Naval Power Dataset, 1865–2011**, XL, n. 4, 16 Maio 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/03050629.2014.918039>>. Acesso em: 10 Dezembro 2022.

DA, Wei. **After the 19th Party Congress, three (Chinese Foreign Policy) Tendencies**, 5 Outubro 2017. Disponível em: <<http://www.chinaelections.org/article/1970/246940.html>>. Acesso em: 4 Outubro 2022.

DIA. **China Military Power**, 1 Março 2019. Disponível em: <https://www.dia.mil/Portals/110/Images/News/Military_Powers_Publications/China_Military_Power_FINAL_5MB_20190103.pdf>. Acesso em: 7 Dezembro 2022.

DITTMER, Lowell. **Washington between Beijing and Taipei: A Triangular Analysis**, 2011.

DITTMER, Lowell. **Taiwan and the Waning Dream of Reunification**, 2017. 283-299. Acesso em: 1 Outubro 2022.

ECKERT, Paul; HOLLAND, Steve. **Obama signs law backing Taiwan U.N. civil aviation bid**, 12 Julho 2013. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-usa-taiwan-aviation-idUSBRE96B11C20130712>>. Acesso em: 24 Setembro 2022.

ECONOMIST. **Gliding missiles that fly faster than Mach 5 are coming**, 6 Abril 2019. Disponível em: <<https://www.economist.com/science-and-technology/2019/04/06/gliding-missiles-that-fly-faster-than-mach-5-are-coming>>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

EISENMAN, Joshua. **Beijing Is Pushing the Taiwanese Toward Independence Hard and Fast**, 18 Maio 2020. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2020/05/18/beijing-pushing-taiwan-toward-independence/>>. Acesso em: 3 Outubro 2022.

EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **Xi Meets With KMT Honorary Chairman, Calling National Rejuvenation a "Common Goal"**, 13 Julho 2013. Disponível em: <http://us.china-embassy.gov.cn/eng/zt/twwt/201306/t20130614_4914232.htm>. Acesso em: 22 Setembro 2022.

ESCOBAR, Pepe. Estados Unidos e China. **Meio século de guerra comercial?**, São Paulo, 11 Julho 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/580740-estados-unidos-e-china-meio-seculo-de-guerra-comercial>>. Acesso em: 4 Dezembro 2022.

EVERINGTON, Keoni. **White House says it does not support Taiwan independence, Taipei**, 7 Julho 2021. Disponível em: <<https://www.taiwannews.com.tw/en/news/4242061>>. Acesso em: 14 Dezembro 2022.

FANELL, James E. **CHINA'S GLOBAL NAVAL STRATEGY AND EXPANDING FORCE STRUCTURE**, LXXII, n. 1, 2019. 10-55. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.2307/26607110>>. Acesso em: 10 Dezembro 2022.

FEDDERSEN, Gustavo H. **China e Taiwan : evolução das relações interestreito**, 2013. 43-67. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/96375>>. Acesso em: 22 Setembro 2022.

FEDDERSEN, Gustavo H. **As estratégias chinesas para Taiwan e seus impactos securitários no pós-Guerra Fria**, Porto Alegre, 2020. 99-107. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217770>>. Acesso em: 4 Outubro 2022.

FIFIELD, Anna; KWONG, Robin; HILLE, Kathrin. **US concerned about Taiwan candidate**, 15 Setembro 2011. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/f926fd14-df93-11e0-845a-00144feabdc0>>. Acesso em: 5 Dezembro 2022.

GLASER, Bonnie S. **Prospects for Cross-Strait Relations as Tsai Ing-wen Assumes the Presidency in Taiwan**, 2016. 1-12. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/resrep23329.5>>. Acesso em: 1 Outubro 2022.

GLASER, Bonnie S.; BUSH, Richard C.; GREEN, Michael J. **Toward a Stronger U.S.-Taiwan Relationship**, 1 Outubro 2020. 15-20. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/resrep26540.6>>. Acesso em: 3 Outubro 2022.

GOMES, Carlos E. et al. **COMÉRCIO INTERNACIONAL E PIB PER CAPITA: UMA ANÁLISE UTILIZANDO A ABORDAGEM ESPACIAL**, Paraná, XL, n. 71, 2019. Acesso em: 17 Dezembro 2022.

GORMLEY, Dennis M.; ERICKSON, Andrew S.; YUAN, Jingdong. **A Potent Vector: Assessing Chinese Cruise Missile Developments**, Washington, 30 Setembro 2014. Disponível em: <<https://ndupress.ndu.edu/Media/News/News-Article-View/Article/577568/a-potent-vector-assessing-chinese-cruise-missile-developments/>>. Acesso em: 24 Setembro 2022.

GRADY, John. **Panel: China Leading the World in Hypersonic Weapon Development**, 14 Março 2019. Disponível em: <<https://news.usni.org/2019/03/14/panel-china-leading-world-hypersonic-weapon-development>>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

HAASS, Richard; SACKS, David. **American Support for Taiwan Must Be Unambiguous**, 2 Setembro 2020. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/american-support-taiwan-must-be-unambiguous>>. Acesso em: 25 Setembro 2022.

HAKIM, Amri. **U.S.-CHINA RIVALRY AND THE NEOSTRUCTURAL REALISM**.

HEGINBOTHAM, Eric et al. **The U.S.-China Military Scorecard: Forces, Geography, and the Evolving Balance of Power, 1996–2017**.

HERNÁNDEZ, Javier C. **China Suspends Diplomatic Contact With Taiwan**, 25 Junho 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/06/26/world/asia/china-suspends-diplomatic-contact-with-taiwan.html>>. Acesso em: Setembro 30 2022.

HSIU-CHUAN, Shih. **Obama's Taiwan remarks unconfirmed**, 15 Novembro 2014. Disponível em: <<https://www.taipeitimes.com/News/front/archives/2014/11/15/2003604459>>. Acesso em: 5 Dezembro 2022.

HSU, Hung-Chi; HSU, Hui-Lin; HE, Mei-Zhen. **Research for Maintaining Cross-Strait Peace and Economic Development in the Post-Epidemic Era**, 8 Abril 2021. 227-232. Acesso em: 22 Setembro 2022.

HSU, Stacy. **China's Xi pledges peaceful ties with Taiwan in meeting**, Taipei, 26 Fevereiro 2013. Disponível em: <<https://www.taipeitimes.com/News/front/archives/2013/02/26/2003555737>>. Acesso em: 24 Setembro 2022.

HUANG, Jing. **13 Xi Jinping's Taiwan Policy: Boxing Taiwan In with the One-China Framework**, n. 1, 2017. 239-248. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1w76wpm.16>>. Acesso em: 20 Setembro 2022.

HUANG, RAY. **1587 A Year of No Significance: The Ming Dynasty in Decline**.

IISS. **The Military Balance**, Londres, 2015.

JOE, Rick. **Predicting the Chinese Navy of 2030**, 15 Fevereiro 2019. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2019/02/predicting-the-chinese-navy-of-2030/>>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

KAFURA, Craig; SMELTZ, Dina; BUSBY, Joshua W. **Divisions on US-China Policy: Opinion Leaders and the Public**, Fevereiro 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348976589_Divisions_on_US-China_Policy_Opinion_Leaders_and_the_Public?enrichId=rgreq-cbc640ab10e677e4103e9052340c1941-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzM0ODk3NjU4OTtBUzo5ODY4ODcyMTI3NjUxODdAMTYxMjMwMzY1NTU3OQ%3D%3D&el>. Acesso em: 14 Dezembro 2022.

KARBER, P. **Strategic Implications of China's Underground Great Wall**, Washington, 2011.

KAZIANIS, Harry. **An Anti-Access History Lesson**, 26 Maio 2012. Disponível em: <<https://m100group.com/2012/05/26/an-anti-access-history-lesson-by-harry-kazianis/>>. Acesso em: 7 Dezembro 2022.

KING, Ian. **Hub de chips da Intel de US\$ 20 bilhões será o maior do mundo**, 21 Janeiro 2022. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/noticias/hub-chips-da-intel-us-204537854.html>>. Acesso em: Outubro jul. 2022.

KREPINEVICH, Andrew F. **Why AirSea Battle?**, Washington, 19 Fevereiro 2010. Disponível em: <<https://csbaonline.org/research/publications/why-airsea-battle>>. Acesso em: 7 Dezembro 2022.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice; MELITZ, Marc J. **Economia Internacional**.

KUEHN, David. **Managing the Status Quo: Continuity and Change in the United States' Taiwan Policy**, Hamburg, 2021. 2-9. Disponível em: <<https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/76267>>. Acesso em: 14 Dezembro 2022.

LAMPTON, David M. **A New Type of Major-Power Relationship: Seeking a Durable Foundation for U.S.-China Ties**, n. 16, 2013. 51-68. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24905231>>. Acesso em: 25 Setembro 2022.

LAWRENCE, Susan V. **U.S.-China Relations**, 3 Setembro 2019. 38-41. Disponível em: <<https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R45898>>. Acesso em: 1 Outubro 2022.

LEE, Yimou. **Taiwan leader rejects China's 'one country, two systems' offer**, 10 Outubro 2019. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-taiwan-anniversary-president-idUSKBN1WP0A4>>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

LEE, YIMOU; HUNG, FAITH. **How China's shadowy agency is working to absorb Taiwan**, 26 Novembro 2014. 2-8. Disponível em: <<https://2015.sopawards.com/workshop-and-media-tours/imgs/TAIWAN-CHINA.pdf>>. Acesso em: 1 Outubro 2022.

LEE, Yimou; SIU, Twinnie. **China urges U.S. to block Taiwan leader's Hawaii stopover**, 21 Março 2019. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-taiwan-china-idUSKCN1R2083>>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

LIPTAK, Kevin; JUDD, DJ. **Biden diz estar disposto a “responder militarmente” se a China invadir Taiwan**, São Paulo, 23 Maio 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/biden-diz-estar-disposto-a-responder-militarmente-se-a-china-invadir-taiwan/>>. Acesso em: 13 Dezembro 2022.

LUZARDO, Antonio J. R.; FILHO, Rafael M. C.; RUBIM, Igor B. **ANÁLISE ESPACIAL EXPLORATÓRIA COM O EMPREGO DO ÍNDICE DE MORAN**, Rio de Janeiro, 5 Outubro 2017. Acesso em: 19 Dezembro 2022.

MA, Yihan. **Trade balance between mainland China and Taiwan from 2015 to 2020 (in billion U.S. dollars)**, 20 Outubro 2021. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/1270149/chin-trade-deficit-with-taiwan/>>. Acesso em: 4 Outubro 2022.

MA, Yihan. **Value of goods imports in Taiwan in 2021**, by exporting country or region, 23 Fevereiro 2022. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/324642/taiwan-import-partners-by-country/>>. Acesso em: 5 Outubro 2022.

MCCURRY, Justin. **War games near California: Are the US and Japan sending a message to China?**, 27 Junho 2013. Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/World/Asia-Pacific/2013/0627/War-games-near-California-Are-the-US-and-Japan-sending-a-message-to-China>>. Acesso em: Setembro 22 2022.

MINISTRY OF EDUCATION. **"Opinions of the ministry of education and five other ministries as to deepening the reform towards streamlining administration, delegation of power, strengthening regulations and improving service within universities"** (教育部等五部门关于深化高等教育领域简政放权放管结合优), 31 Março 2017.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **Anti-Secession Law (Full text)(03/15/05)**, 15 Março 2005. Disponível em: <<https://www.mfa.gov.cn/ce/ceus/eng/zt/999999999/t187406.htm>>. Acesso em: 31 Maio 2022.

MIZOKAMI, KYLE. **China's Railgun Has Reportedly Gone to Sea**, 31 Dezembro 2018. Disponível em: <popularmechanics.com/military/research/a25714579/chinas-railgun-gone-to-sea/>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

MIZOKAMI, KYLE. **This Is What a Real Naval Buildup Looks Like**, 5 Junho 2018. Disponível em: <<https://www.popularmechanics.com/military/weapons/a21086031/china-naval-build-up/>>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

MORAIS, Isabela N. D.; DENG, Ben L.; COLBERT, Caroline R. T. **One China Policy: Origins and Implications for the Current US Taiwan Policy**, Rio de Janeiro, IX, n. 1, 29 Novembro 2018. 8-19. Acesso em: 24 Setembro 2022.

MORGADINHO, Mariana I. A. **A Ascensão da China e a Ordem Internacional: Comparação da Política Externa Chinesa em relação aos EUA na Era de Deng Xiaoping e na Era de Xi Jinping**, Lisboa, 30 Março 2022. 36-46. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/24307>>. Acesso em: 20 Setembro 2022.

MURRAY, William S.; EASTON, Ian. **The Chinese Invasion Threat: Taiwan's Defense and American Strategy in Asia**.

MYERS, Steven L. **With Ships and Missiles, China Is Ready To Challenge U.S. Navy in Pacific**, 29 Agosto 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/08/29/world/asia/china-navy-aircraft-carrier-pacific.html>>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

NATHAN, Andrew J. **Biden's China Policy: Old Wine in New Bottles?**, LVII, n. 4, 2021. Acesso em: 14 Dezembro 2022.

PANDA, Ankit. **Taipei Slams 'Provocative' Chinese Air Force Fighters Cross Taiwan Strait Median Line**, 1 Abril 2019. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2019/04/taipei-slams-provocative-chinese-air-force-fighters-cross-taiwan-strait-median-line/>>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

PIETRAFESA, Pedro; SILVA, Amelia G. D. **POLITICAL AND ECONOMIC RELATIONS OF STRATEGIC TRIANGLE AMONG CHINA, TAIWAN AND UNITED STATES (1996-2016)**, Goiás, 28 Novembro 2019. Disponível em: <<https://revistas.cefet-rj.br/index.php/producaoedensenvolvimento/article/view/413>>. Acesso em: 3 Dezembro 2022.

RATO, Vasco. **De Mao a Xi: O Ressurgimento da China**.

SAKHUJA, Vijay. **China and Russia: The Joint Sea 2013 Exercise**, 10 Julho 2013. Disponível em: <http://www.ipcs.org/comm_select.php?articleNo=4031>. Acesso em: 20 Setembro 2022.

SANTOS, GUILHERME H. S. D. **A polaridade sob a perspectiva dos conceitos operacionais : o caso do A2/AD e da Air-Sea Battle**, Porto Alegre, 2015. 45-57. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/140486>>. Acesso em: 7 Dezembro 2022.

SANTOS, Nuno P. **Estratégia Marítima da China**, Pedrouços, 2022. 3-17. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/359176071_Estrategia_Maritima_da_China>. Acesso em: 4 Dezembro 2022.

SCHELP, PRISCILA G. **Gênese do A2/AD Chinês: Guerras Locais e Lições do Exército de Libertação Popular**, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/137441>>. Acesso em: 5 Dezembro 2022.

SHUGART, THOMAS. **CHINA'S ARTIFICIAL ISLANDS ARE BIGGER (AND A BIGGER DEAL) THAN YOU THINK**, 21 Setembro 2016. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2016/09/chinas-artificial-islands-are-bigger-and-a-bigger-deal-than-you-think/>>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

SILK, Richard. **Is Taiwan Part of the 'Chinese Dream?'**, 18 Junho 2013. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/BL-CJB-17888>>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

SOUSA, Alison C. **Relação triangular entre Estados Unidos, Taiwan e China no início de governo do Joe Biden**, 13 Outubro 2022. Disponível em: <<https://mapamundi.org.br/en/2022/relacao-triangular-entre-estados-unidos-taiwan-e-china-no-inicio-de-governo-do-joe-biden/>>. Acesso em: 12 Dezembro 2022.

STANZEL, Angela et al. **CHINA'S "NEW ERA" WITH XI JINPING CHARACTERISTICS**, 1 Dezembro 2017. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/resrep21567>>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

SUNG, Wen-Ti. **TAIWAN'S SEARCH FOR A GRAND STRATEGY**, 2021. 209-214. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/j.ctv1m9x316.23>>. Acesso em: 1 Outubro 2022.

TADEU, Vinícius. **Brasil e 10 países votam por resolução crítica à Rússia na ONU; China se abstém**, 25 Fevereiro 2022. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/brasil-e-10-paises-votam-por-resolucao-critica-a-russia-na-onu-china-se-abstem/>>. Acesso em: 6 Outubro 2022.

TANGREDI, Sam J. **Anti-Access Strategies in the Pacific: The United States and China**, XLIX, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://press.armywarcollege.edu/parameters/vol49/iss1/3/>>. Acesso em: 8 Dezembro 2022.

TELLIS, Ashley J. **China's Military Modernization and Asian Security**, Washington, 13 Setembro 2012. 3-24. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/files/SA12_Overview.pdf>. Acesso em: 24 Setembro 2022.

TEMPLEMAN, Kharis; CHU, Yun-han; DIAMOND, Larry. **The Dynamics of Democracy During the Ma Ying-jeou Years**.

TIAN, Yew L.; LEE, Yimou. **China drops word 'peaceful' in latest push for Taiwan 'reunification'**, 21 Maio 2020. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-china-parliament-taiwan-idUSKBN22Y06S>>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

TOL, Jan V. **Air-Sea Battle: a Point-of-Departure Operational Concept**, Washington, 18 Maio 2010. Disponível em: <<https://csbaonline.org/research/publications/airsea-battle-concept>>. Acesso em: 7 Dezembro 2022.

TRENT, Mercedes. **CHINA'S VIEWS OF REGIONAL SECURITY**, 1 Janeiro 2020. 27-34. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/resrep26130.9>>. Acesso em: 29 Setembro 2022.

U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE. **DOD Releases 2020 Report on Military and Security Developments Involving the People's Republic of China**, 1 Setembro 2020. Disponível em: <<https://www.defense.gov/News/Releases/Release/Article/2332126/dod-releases-2020-report-on-military-and-security-developments-involving-the-pe/>>. Acesso em: 4 Dezembro 2022.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. **Pronunciamento do presidente Joe Biden em seu discurso sobre o Estado da União conforme proferido**, Washington, 1 Março 2022. Disponível em: <<https://www.state.gov/translations/portuguese/pronunciamento-do-presidente-joe-biden-em-seu-discurso-sobre-o-estado-da-uniao-conforme-proferido/>>. Acesso em: 7 Outubro 2022.

UNITED STATES CONGRESS. **H.R.2479 — 96th Congress (1979-1980)**, 1 Janeiro 1979. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bill/96th-congress/house-bill/2479#:~:text=Taiwan%20Relations%20Act%20%2D%20Declares%20it,other%20people%20of%20the%20Western>>. Acesso em: 17 Agosto 2022.

VEGA, Rocky. **China's patience is wearing thin over US arms sale to Taiwan**, 26 Fevereiro 2010. Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/Business/The-Daily-Reckoning/2010/0226/China-s-patience-is-wearing-thin-over-US-arms-sale-to-Taiwan>>. Acesso em: 5 Dezembro 2022.

VLADIMIR IVANOV. **Rebel island: Is China once again ready to resolve the "Taiwan question" by force?**, 19 Abril 2022. Disponível em: <http://www.msk-post.com/in_world/rebel_island_is_china_once_again_ready_to_resolve_the_taiwan_question_by_force33241/>. Acesso em: 6 Outubro 2022.

WANG, Kent. **A Peace Agreement Between China and Taiwan?**, 5 Setembro 2013. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2013/09/a-peace-agreement-between-china-and-taiwan/>>. Acesso em: 16 Setembro 2022.

WANG, T.Y. **Hong Kong National Security Law: The View From Taiwan**, 2 Julho 2020. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2020/07/hong-kong-national-security-law-the-view-from-taiwan/>>. Acesso em: 30 Setembro 2022.

WANG, Wei-cheng. **Prospects for U.S.-Taiwan Relations**, LX, n. 4, 2016. 575-591. Acesso em: 2 Outubro 2022.

WANG, Yuan-kang. **Taiwan Public Opinion on Cross-Strait Security Issues: Implications for US Foreign Policy**, VII, n. 2, 2013. 93-113. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/26270767>>. Acesso em: 1 Outubro 2022.

WEITZ, Richard. **Assessing Chinese-Russian Military Exercises: Past Progress and Future Trends**, 9 Julho 2021. 1-9. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/assessing-chinese-russian-military-exercises-past-progress-and-future-trends>>. Acesso em: 16 Setembro 2022.

WENZHAO, Tao. **Taiwan Policy of the Obama Administration**, 31 Agosto 2017. Disponível em:

<<https://www.caifc.org.cn/index.php?m=content&c=index&a=show&catid=22&id=529>>.

Acesso em: 24 Setembro 2022.

WISHIK, Anton L. **An Anti-Access Approximation: The PLA's Active Strategic Counterattacks**, XIX, 2011. 37-48.

WOMACK, Brantly. **China among Unequals: Asymmetric Foreign Relations in Asia**, Singapura, 2010.

WONG, Edward. **Trump Administration Approves F-16 Fighter Jet Sales to Taiwan**, 16 Agosto 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/08/16/world/asia/taiwan-f16.html>>. Acesso em: 1 Outubro 2022.

WOS. **China and Taiwan and US and Security and Trade**, 2022. Disponível em: <<http://ezl.periodicos.capes.gov.br/connect?session=sfuNxcREB4i5FE0k&qurl=https%3a%2f%2fwww.webofscience.com%2fwos%2fwoscc%2fsummary%2f64d2a521-f373-4c2c-aa1e-f101408a6a2e-53f7724a%2frelevance%2f1>>. Acesso em: 7 Outubro 2022.

WU, Yu-Shan. **Strategic Triangle, Change of Guard, and Ma's New Course**, 2011. 30-62.

XINHUA. **Commentary: Xi takes cross-Strait ties new level**, Beijing, 22 Fevereiro 2014. Disponível em: <<https://www.derechos.org/peace/china/doc/chntwn3.html>>. Acesso em: 24 Setembro 2022.

XINHUA. **Xi steadfast on reunification**, 27 Setembro 2014. Disponível em: <http://www.china.org.cn/china/2014-09/27/content_33850041.htm>. Acesso em: 25 Setembro 2022.

XINHUA. **Xi stresses cross-Strait peaceful development**, 4 Março 2015. Disponível em: <http://www.china.org.cn/china/2015-03/04/content_34954212.htm>. Acesso em: 25 Setembro 2022.

YBANEZ, Alvin. **PLA Navy Receives Its First Mobile Landing Platform**, 1 Julho 2015. Disponível em: <<https://en.yibada.com/articles/42062/20150701/pla-navy-receives-first-mobile-landing-platform.htm>>. Acesso em: 11 Dezembro 2022.

YEUNG, Jessie; GAN, Nectar; JIANG, Steven. **What you need to know about China-Taiwan tensions**, 25 Maio 2022. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2022/05/24/china/china-taiwan-conflict-explainer-intl-hnk/index.html>>. Acesso em: 7 Outubro 2022.

YU, Matt; YEH, Joseph. **Chinese warplanes make most median line crossings in 30 years (update)**, 7 Outubro 2020. Disponível em: <<https://focustaiwan.tw/cross-strait/202010070024>>. Acesso em: 3 Outubro 2022.

ZANDT, Florian. **Who Relies on Taiwanese Trade?**, 5 Agosto 2022. Disponível em: <<https://www.statista.com/chart/27927/principal-trade-partners-for-taiwan-per-region-by-trade-volume/>>. Acesso em: 4 Outubro 2022.

ZHAO, Tingyang. **The “China Dream” in Question**, II, n. 1, 2014. 127-142. Disponível em: <https://www.harvard-yenching.org/wp-content/uploads/legacy_files/featurefiles/Zhao%20Tingyang_The%20China%20Dream%20in%20question.pdf>. Acesso em: 4 Dezembro 2022.